



UNILASALLE 

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

PRÓ-REITORIA ACADÊMICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

EDNA DAS GRAÇAS MARTINS PEREIRA

NA CASA DO PÃO E DO LIVRO:

**A CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE PARA COMPREENDER OS MENINOS DO
PÃO DOS POBRES A CAMINHO DE UMA EDUCAÇÃO CIDADÃ**

CANOAS, 2009

EDNA DAS GRAÇAS MARTINS PEREIRA

**NA CASA DO PÃO E DO LIVRO:
A CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE PARA COMPREENDER OS MENINOS DO
PÃO DOS POBRES A CAMINHO DE UMA EDUCAÇÃO CIDADÃ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, curso de Mestrado, do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, realizada sob orientação do Prof. Dr. Evaldo Luis Pauly.

CANOAS, 2009

TERMO DE APROVAÇÃO

EDNA DAS GRAÇAS MARTINS PEREIRA

NA CASA DO PÃO E DO LIVRO: A CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE PARA COMPREENDER OS MENINOS DO PÃO DOS POBRES A CAMINHO DE UMA EDUCAÇÃO CIDADÃ

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação do curso de Pós-Graduação do Centro Universitário La Salle - Unilasalle, pela seguinte avaliadora:

Orientador Dr. Evaldo Luis Pauly
Unilasalle

Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer
Unilasalle

Prof. Dr^a. Sandra Vidal
Unilasalle

Prof. Dr^a Carmem Maria Craidy
UFRGS

Canoas, 28 de fevereiro 2009.

AGRADECIMENTOS

A minha maior Educadora e Mestre inspiradora Neyde Martins.

À Fundação Diocesana Pão dos Pobres de Santo Antônio pela confiança e oportunidade de realizar essa pesquisa.

Ao meu orientador que com a delicadeza de um alfabetizador e a persistência de um pesquisador me oportunizou chegar até aqui.

Ao Irmão Valério Menegat pela confiança, carinho, apoio e respeito por meu trabalho.

A minha filha por seu apoio incondicional e carinho constante.

E principalmente agradeço a cada menino e a cada família que de forma tão generosa dividiu comigo fragmentos de suas vidas. E assim me ajudaram a realizar o sonho de ser psicóloga.

“... deveria ser um novo desafio maior de intelectuais e de pesquisadores deste fim de século e de milênio: reinventar um conhecimento que tenha feições de beleza; reconstruir uma ciência que tenha sabor de vida e cheiro de gente, num século necrófilo que se especializou na ciência e na arte da morte, da guerra e da destruição.”

(Balduino Antonio Andreola).

RESUMO

Essa dissertação relata 50 casos de atendimento psicossocial oferecido a meninos e adolescentes que ingressaram na Fundação Pão dos Pobres de Santo Antônio, situada na cidade de Porto Alegre, visando à garantia de escolarização, amparo e acolhida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A dissertação insere tal atendimento no contexto histórico da instituição Pão dos Pobres, do abandono na infância e da oferta de atendimento escolar com moradia estudantil oferecido por esta instituição religiosa, partindo da seguinte questão teórico-investigativa: de que forma esta instituição tenta conciliar, de um lado, o desejo de famílias que acreditam que ao matricularem seus filhos na mesma, estariam garantindo-lhes abrigo, proteção, educação e profissionalização com, por outro lado, as limitações da própria instituição em proporcionar tais garantias para crianças e adolescentes cujas histórias de vida marcadas por tão injusto abandono?

Palavras-Chaves: Abandono. Atendimento a crianças e adolescentes. Vulnerabilidade social. Políticas Públicas para crianças e adolescentes. Fundação Pão dos Pobres de Santo Antônio.

ABSTRACT

This dissertation reports 50 cases of psychosocial care provided to children and adolescents who had entered the Foundation Bread of the Poor persons of Antonio Saint, situated in the city of Porto Alegre, to guarantee education, support and care of children and adolescents in situations of social vulnerability. The dissertation inserts such attendance in the historical context of the institution Pão dos Pobres, of the abandonment in the childhood and of it offers of school attendance with student housing offered by this religious institution, breaking of the following question-theoretical research: of that it forms this institution tries to conciliate, of a side, would be guarantee them shelter, protection, education and professionalization to them with, on the other hand, the limitations of the proper institution to provide to such guarantees for children and adolescents whose histories of life are marked for so unfair abandonment?

Key-Words: Abandonment. Attendance the children and adolescents. Social vulnerability. Public Policies for children and adolescents. Fundação Pão dos Pobres de Santo Antonio.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 NA CASA DO PÃO E DO LIVRO, CONSTRUÍMOS E CONTAMOS HISTÓRIAS	14
2.1 Pré-história das doenças mentais	14
2.2 Histórico da instituição	16
2.3 Histórico do desenvolvimento do abandono	19
3 HISTÓRICO DAS CRIANÇAS: QUEM SÃO ELAS?	22
3.1 OS 50 CASOS: Quadro com a apresentação geral	30
4 OS 50 CASOS: breve descrição de alguns casos	39
4.1 Caso 2: Fernando, aprendiz de sonhador	39
4.2 Caso 3: Mário, o simbolismo da dor do outro.....	39
4.3 Caso 4: Gabriel, a fuga como opção	40
4.4 Caso 5: Pedro	41
4.5 Caso 8: Marcos, o mascote	43
4.6 Caso 9. Juliano e o amor pela mãe.....	44
4.7 Caso 10: Manoel e as desculpas	445
4.8 Caso 11: Éder e a reprovação que não deu certo	46
4.9 Caso 12: Bred e o difícil retorno	47
4.10 Caso 13: Renan	48
4.11 Caso 15: Lemos e a agressão desnecessária	49
4.12 Caso 17: Azevedo, a casa como caminho de mudança	50
4.13 Caso 18: Silva, sucessão de abandonos.....	51
4.14 Caso 19: Edson e a história dos assaltos	53
4.15 Caso 20: Lino, dando voz às emoções	53
4.16 Caso 21: Braga em companhia da solidão.....	55
4.17 Caso 23: Mattos, um reflexo das sensações da mãe.....	56

4.18 Casos 25 e 26: Os irmãos Breno e Bruno	57
4.19 Casos 27 e 28: O choro de Beto e a alegria de Assis	58
4.20 Caso 30: Vaz, disputando espaço pelo amor da mãe.....	59
4.21 Caso 31: Cruz, mutilando afetos.....	60
4.22 Caso 34: Gabriel e o silêncio do afeto	63
4.23 Caso 37 e 38: Rafael reagindo pela agressividade, Jonas expressando-se pela tranquilidade	64
4.24 Caso 39: Castro, a presença do pai	66
4.25 Caso 40: Igor67	67
4.26 Caso 41: Erick, furtos para recompensar o desamparo.....	67
4.27 Caso 42: O mundo a parte de Bruno.....	69
4.28 Caso 43: Lúcio, vínculos e valores construídos	70
4.29 Caso 44: Luis, a rebeldia manifesta e calada pelo “corretivo”	71
4.30 Caso 45: Rodrigo, encontrando caminhos para lidar com a dor	72
4.31 Caso 46: Mauro, ambivalência de sentimentos	73
4.32 Caso 47: Paulo e a vingança	74
4.33 Caso 48: Alberto e a difícil relação com a mãe.....	74
4.34 Caso 49: Wanderlei, superando as dificuldades	75
4.35 Caso 50: A partida de Leopoldo.....	76
5 OS 50 CASOS: breve interpretação psicanalítica de alguns casos.....	78
5.1 Caso 1: Gui	78
5.2 Caso 6: Léo, o colecionador de fios	80
5.3 Caso 7: Miguel, a procura de afetividade e reconhecimento.....	85
5.4 Caso 14: César e a recompensa pelo roubo.....	87
5.5 Caso 16: Luis, um espelho de suas relações.....	90
5.6 Caso 22: Vicente, fortalecido pela identidade de histórias de vida.....	95
5.7 Caso 24: Silveira, comunicando a dor pela violência.....	97
5.8 Caso 29: Ciro, o medo do abandono.....	100
5.9 Caso 32 e 33: Os irmãos Morais e a difícil acolhida.....	101
5.10 Caso 35: Francis, fluidez nas águas que fazem correr o rio da vida...102	
5.11 Caso 36: Júnior, no esconderijo da dor.....	104

6 COMO SUPORTAR/SUPERAR O ABANDONO DENTRO DE UMA INSTITUIÇÃO?	109
6.1 Abandono e instituição	109
6.2 Pais e filhos e a construção de vínculos	112
6.3 Concluindo	117
7 CONCLUSÃO	11199
REFERÊNCIAS	126
ANEXO A - IMAGENS QUE CONTAM A HISTÓRIA DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL	131
ANEXO B - IMAGENS QUE GUARDAM SEGREDOS E CONSTROEM SUBJETIVIDADES	142

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação realiza um esforço de sistematização da minha experiência profissional no atendimento psicológico de crianças atendidas pela Fundação Diocesana O Pão dos Pobres de Santo Antônio, entidade centenária de Porto Alegre/RS. Trata-se, portanto, de uma reflexão sobre uma caminhada de nove anos na função de psicóloga com a atribuição de oferecer um atendimento psicológico institucional de crianças e adolescentes em situação de risco social. Como profissional da saúde atendi, neste período, aproximadamente 250 crianças e adolescentes que residiam na instituição em sistema dos antigos internatos de segunda a sexta-feira, desde que atendessem ao compromisso de passar os finais de semana e as férias com suas respectivas famílias, mantendo, portanto, o vínculo familiar. Do total desses adolescentes, selecionei 50 casos que serão apresentados nessa dissertação.

Nos primeiros seis anos o meu trabalho era de caráter voluntário, o que me deixava livre para observar de que maneira o acolhimento do abandono dessas crianças ocorria, qual a metodologia usada na educação desses jovens, alimentava, porém, perspectiva de um olhar para a saúde dessa infância e da própria Instituição.

Essas famílias, ao colocarem suas crianças e adolescentes nessa instituição, têm a esperança de que esses jovens possam ter uma educação mais qualificada e uma profissão, e é dessa esperança que nascem os sonhos de várias mulheres chefes de famílias que pode ser a mãe, a avó ou alguma tia.

Durante todo esse tempo percebi que enquanto as famílias sentiam-se aliviadas por encontrar amparo nessa casa, os meninos que ali viviam tinham sofrido, de alguma forma, a rejeição de figuras importantes em momentos fundamentais de suas vidas.

Essa rejeição, de certa forma, fazia-os alimentarem sentimentos de abandono por diferentes motivos. Através de análise mais detalhada desse fato, constatávamos que geralmente, as famílias não estavam podendo dar conta deles naquele momento. Existia um sentimento de impotência diante das dificuldades econômicas e, portanto, de suprir os filhos do direito básico de alimentação e educação com qualidade. O maior desejo que a instituição tem exercido nessas famílias, no entanto, é a função protetora, tentando ensinar esses jovens a viver com dignidade, favorecendo assim seu crescimento e socialização. Se o papel fundamental das famílias nos últimos três séculos foi de proteção e de socialização de suas crianças mediada pelo controle paterno/materno, então cabe aos pais a incumbência de educar seus filhos de tal forma que estes possam vir a ser membros efetivos e participativos da sociedade. Por que delegar esse direito constitucional a uma instituição religiosa?

Não posso deixar de relatar que também me encontrava na rede do abandono. Sou carioca, nascida e criada na cidade do Rio de Janeiro, e em função do trabalho de meu marido vim para o Estado do Rio Grande do Sul. Portanto cuidar e analisar as representações do abandono desses jovens era por muitas vezes estar diante de um grande espelho. Meus pais em condições sociais e econômicas diferentes dessas famílias também me faziam sentir o sentimento de ausência e vazio relatado tantas vezes por essas crianças e suas respectivas famílias relatadas na sessão clínica.

Assim, minha reflexão é sobre o papel da educação formal e tradicional de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e abrigados nessa instituição. Procurei fazer conexões entre o que percebia nos relatos das crianças e familiares, na Lei N 8069, de 13 de Julho de 1990 (ECA) principalmente os artigos: 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 7º, 17º, 18º; 19º; na LDB (art. 24 e 34) e na própria constituição que prevê educação como direito à vida com dignidade. Nesse processo de análise levei em consideração todo o movimento que há décadas vem tentando romper com os portões das instituições fechadas, com a intenção de libertar corpos docilizados e aprisionados por uma sociedade onde as relações de poder fabricam corpos supliciados, disciplinados e controlados, mas principalmente baseados numa educação excludente.

A referência a Michael Foucault se faz necessária em função de sua contribuição histórica de como eram punidos os corpos na idade média em seu livro

Vigiar e punir e nos ajuda a pensar e compreender porque milhares de crianças e jovens foram educados com base na pedagogia dos castigos corporais. No entanto, pretendo trabalhar e dialogar com a educação proposta pelas pedagogias emancipatórias, como por exemplo, La Salle, Freire, Melucci, entre outros autores.

Diante do exposto, comecei a pensar no direito à educação e à convivência com a família, na proposta do ECA, cujas proposições sugerem o abrigamento de crianças e adolescentes, previsto nas Medidas de Proteção artigo 98, com a necessidade do reordenamento institucional do Orfanato Pão dos Pobres, intervenção tão solicitada pelo Conselho Municipal da Criança e do Adolescente de Porto Alegre, nos artigos da LDB e no meu grande desejo de contribuir de alguma forma para a formação humana desses jovens.

Em minha experiência no atendimento aos jovens institucionalizados, percebi que o funcionamento deles é de constante medo de perda diante da ameaça de algo que possa sugerir perigo ou ausência. O sentimento mais freqüente é da melancolia pelas perdas, assim como grandes explosões de raiva por não suportarem dentro de si, as angústias da não nomeação. No entanto esses afetos coexistem com a ternura, e com gestos delicados e solidários.

É com esse tear que tecemos nossas relações, buscando imprimir transformações constantes na forma como as crianças são vistas pelos funcionários da Instituição Pão dos Pobres, como elas percebem a Instituição, a família, a sociedade e principalmente qual a imagem refletida para cada uma delas.

Senti-me identificada com essa Casa, e meu olhar está focado nestes fluxos de vida que transborda, na saúde dessas crianças e dessa Casa. A potência é muito intensa, e acredito que pode nos remeter a muitos e novos caminhos.

Dessa forma esse trabalho funda-se em uma vivência, e é como diria Rubem Alves (2004, p. 35): “o encontro de almas”.

O objetivo geral da dissertação é analisar os processos educacionais que são praticados na instituição Pão dos Pobres com crianças e adolescentes em escola de turno integral com moradia. A partir desse objetivo, traçamos os objetivos específicos que são os de analisar os fundamentos teóricos educacionais baseados em Paulo Freire, Carlos Brandão, Alberto Melucci e a contribuição da psicanálise que dão sustentação para a discussão sobre escolaridade de turno integral com moradia, abandono, caridade, autonomia e cidadania.

A metodologia da pesquisa se propõe a fazer um estudo de caso, baseado na observação, relato clínico e questionário. Tem a finalidade de ser uma pesquisa qualitativa, onde o foco é a educação recebida por crianças e adolescentes da Instituição Pão dos Pobres que ali moram de segunda a sexta-feira com o compromisso de passar finais de semana e férias com as respectivas famílias. O principal questionamento é se a educação recebida na instituição se circunscreve apenas no direito à caridade ou se educa para uma visão crítica com direito à formação integral e cidadania.

2 NA CASA DO PÃO E DO LIVRO, CONSTRUÍMOS E CONTAMOS HISTÓRIAS

“O desejo de saber, a escola não ensina”. (SIGMUND FREUD)

Todo texto psicanalítico, quer seja ele de natureza teórica ou técnica, para adquirir um significado vivencial e uma ressonância empática, com o autor e o assunto, necessita ser lido dentro de um contexto histórico-evolutivo, social, cultural e científico no qual foi inserido.

2.1 Pré-história das doenças mentais

Existem registros arqueológicos no antigo Egito que comprovam a prática de trepanação cranianas possivelmente feitas com o objetivo de canalizar alguma causa da doença mental que estaria localizada dentro do crânio, porquanto os vestígios encontrados atestam uma regularidade nas bordas e uma apurada perícia na execução daquela prática.

Na bíblia sagrada, transparece a existência e preocupação com uma série de quadros psicopatológicos que hoje denominamos de transtornos psiquiátricos, como é o caso do caráter sádico-destrutivo de Caim, o alcoolismo de Noé e assim por diante.

Existem evidências de que, na idade média, os doentes mentais eram degredados, punidos com crueldade ou com morte, recolhidos às prisões e masmorras em meio a assassinos e outros que estivessem à margem do modelo social da época. Exibidos em circos juntamente com gigantes, anões e outros aleijões (deficientes físicos), encarcerados em hospícios em cubículos, infectos e imundos, por vezes algemados.

Predominava nessa época uma mentalidade voltada para a magia e a demonologia, de sorte que, junto a prática de cruéis rituais de exorcismo, também empregavam o uso de benzeduras, poções mágicas e as diversas formas de curandeirismo.

Os Rituais de “cura” eram praticados por bruxos, xamãs, sacerdotes e faraós. Na escala social da época, os xamãs gozavam de alto prestígio.

Em meados do século XVIII, Anton Mesmer, em Viena, empregava o recurso mágico do que ele chamava “Magnetismo Animal” de que todo indivíduo seria possuidor em estado potencial, e ele praticava com grupos por meio de um forte sugestionabilidade baseada no seu carisma pessoal, método que passou para história com a denominação mesmerismo, podendo ser considerado o precursor do método da hipnose.

Pinel (1745-1826) e seu discípulo Esquirol (1772-1840), no hospital Bicêtre, promoveram uma inovadora reforma hospitalar que ficou conhecida como tratamento moral, consistindo num conjunto de medidas que preservasse a dignidade humana. Aboliram contenção física vigentes na época, por métodos que mantivessem o respeito e a dignidade do enfermo e aumentassem a sua moral e autoestima.

Estes dois psiquiatras importantes estavam impregnados pelos ideais da revolução francesa, culminada em 1789.

Em 1856, nascia Sigmund Freud que aos 17 anos, iniciou sua formação médica em Viena, destacou-se como aluno brilhante. É importante ressaltar que sua família designou a ele o lugar e o papel mais importante. Cabia a ele buscar o sucesso do nome desta família, e Freud perseguiu este objetivo.

Seus Mestres mais importantes foram o fisiologista Ernest Brucke, pessoa a quem ele tinha profunda admiração e que teve de abandonar por convencimento da família e do próprio Brucke, por entender que a carreira de pesquisador estava destinada aqueles de melhor situação financeira. Depois Meynert e Charcot, mestres que foram abandonados por divergências teóricas. Freud sabia ser necessário ocupar o lugar de mestre de si mesmo, já que desejava criar e gerar conhecimento. O desejo de contribuir para ciência marca sua nomeação e enuncia seu desejo pelo saber.

Freud postula toda uma teoria baseada no conflito psíquico que seria concebido como resultante do confronto entre as forças da pulsão (catexia, energia)

e as repressoras, sendo os sintomas a representação simbólica deste conflito inconsciente. Todo o seu pensamento analítico com relação ao inconsciente será descrito de forma breve ao longo da dissertação com o objetivo de esclarecer de que forma pode ser entendida a educação, já que esse é o foco da pesquisa. A Educação em toda obra freudiana não aparece como capítulo, no entanto, permeia toda sua obra psicanalítica.

A importância de relatar de que forma a doença mental era vista até Pinel e depois o pensamento psicanalítico, com base no inconsciente e a necessidade de tratamento digno e com “olhar arqueológico”, nas transformações ocorridas no pensamento do homem ao longo da história, nos enuncia porque a educação e as metodologias escolares levaram tanto tempo até chegar às práticas de humanização, termo usado por Regina Benevides, propostas pelos educadores da atualidade (ZIMERMAN, 1999, p. 22-23).

2.2 Histórico da instituição

Cartografar a Fundação Diocesana Pão dos Pobres de Santo Antônio foi um grande desafio para mim, é como diz Freud um trabalho arqueológico, uma busca por caminhos conhecidos que nos leva ao desconhecido. Trata-se de uma história que envolve uma mística que iniciou no sul da França, na cidade de Toulon, em 1880, com a Sra. Luiza Bouffier, proprietária de um pequeno armazém que ao não conseguir abrir a porta de seu estabelecimento para dar início ao dia de trabalho, depois de muitas tentativas para que a fechadura abrisse, suplicou a Santo Antônio que a ajudasse a abrir sem a necessidade de arrombá-la. Se o pedido fosse atendido daria alguns quilos de pães aos pobres. O pedido foi atendido e a promessa cumprida. A partir desse episódio a Sra. Luiza colocou uma imagem de S. Antônio em seu estabelecimento, o que passou ser objeto de veneração pelos fregueses. Essa veneração se intensificou pela Europa, América, Ásia e Oceania.

Sem entrar no mérito de o acontecimento ter sido milagre ou acaso, o fato é que este ato caridoso deu início ao “milagre da caridade” e solucionou tantos casos de corpos famintos e adoecidos pela pobreza.

Outro fator importante na história dessa Fundação O Pão dos Pobres, é de ordem sociopolítica e econômica, foi a revolução federalista, que ocorreu no sul do Brasil logo após a proclamação da República. Isto ocorreu devido à instabilidade

política gerada pelos federalistas que pretendiam libertar o Rio Grande do Sul do modelo de governo de Julio Prates de Castilhos, então Presidente do Estado.

A divergência se iniciou por atritos entre aqueles que procuravam a autonomia estadual frente ao poder federal e seus opositores. Representados pelos federalistas e pelos republicanos respectivamente. A luta armada durou aproximadamente dois anos (1893/1895) e abrangeu Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

O partido federalista do Rio Grande do Sul foi fundado em 1892 por Gaspar Silveira Martins. Em tese, defendia o sistema parlamentar de governo e a revisão das constituições estaduais, prevendo a centralização política e o fortalecimento do Brasil como união federativa.

Tal filosofia chocava-se frontalmente contra a Constituição do Rio Grande do Sul de 1891, que era inspirada no positivismo e no presidencialismo, resguardando a autonomia estadual, filosofia adotada por Julio de Castilhos chefe do Partido Republicano.

A revolução federalista foi vencida em junho de 1895 no combate de Campo Osório. A paz foi assinada em Pelotas no dia 23 de agosto de 1895. O Presidente da República era Prudente de Moraes e o emissário do governo federal era o General Galvão Queirós. Essa luta apesar das razões apresentadas por ambas as partes, não deixou de ser inglória, porque promoveu a destruição de lares brasileiros por brasileiros.

A Guerra do Paraguai já havia deixado atrás de si uma rede melancólica de luto e orfandade. Através desses conflitos políticos e de muitas mortes por ideais de soberania e poder, muitas famílias foram desestruturadas por mortes de soldados que eram também pais de famílias, deixando muitas crianças órfãs.

É dentro desse contexto que o Padre João Pereira da Silva preocupou-se com meninos que além do desamparo paterno, muitas vezes se viam também privados do carinho materno. Ele idealizou uma obra social destinada a recolher e a dar educação e amparo aos órfãos de pais mortos na revolução.

Os alicerces dessa obra de assistência, que foi chamada Orfanotrófio, no então morro de Teresópolis, não foi avante, por razões que não são pertinentes a este trabalho, ficando apenas a Rua Orfanotrófio no bairro Teresópolis como símbolo dessa iniciativa.

Foi com o Cônego José Marcelino Bittencourt, que nascido na cidade de Salvador, Bahia, em 1847 e, de pais pobres, que se deu início e prosseguimento à idéia de construir uma instituição fechada com o objetivo de amparar crianças órfãs e pobres em Porto Alegre.

Em 15 de agosto de 1895, iniciou a Pia União Pão dos Pobres de Santo Antônio. A obra cresceu e perdura até os dias de hoje atendendo e dando assistência a órfãos e crianças de famílias pobres. No dia 02 de abril de 1916, os irmãos Lassalistas assumem a direção do Orfanato e o conduzem até hoje.

Essa obra assistencial sempre subsistiu, através de doações da sociedade porto-alegrense. Enfrenta até os dias de hoje dificuldades financeiras para se manter. É com a persistência e coragem que esses religiosos vêm atravessando as crises do seu tempo. E para isso, contam com a eficiência e eficácia exemplar do setor de captação de recursos.

Esses religiosos têm como inspiração educacional e missionária seu fundador, São João Batista de La Salle. Nascido na cidade de Reims, França, no ano de 1651, durante o reinado de Luiz XIV.

Em 1678, após licenciar-se em Filosofia e em Teologia, La Salle ordenou-se sacerdote e dedicou sua vida à educação de crianças pobres.

Em 1679 surgiu a primeira escola lassalista, época difícil, especialmente para encontrar professores que apesar de não serem formados precisavam desempenhar a arte de educar.

Com a preocupação de preparar bem os professores, La Salle tomou a decisão de reunir na casa de sua família homens que pudessem ser treinados para a educação dessas crianças. Porém, sendo homens rudes, não foram bem aceitos e La Salle acabou alugando uma pequena casa onde poderiam morar e ao mesmo tempo iniciá-los na arte de educar. Estava, assim, criada a primeira escola normal e também o núcleo da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs.

La Salle foi um pioneiro na educação, além de fundar a primeira escola normal, com a respectiva escola de aplicação, para exercitar os normalistas no magistério, foi um dos primeiros organizadores do ensino fundamental e um dos precursores do ensino popular.

Além de Instituições de recuperação para menores “delinquentes” e escola de ensino profissional para jovens e adultos, La Salle por sua vida e ação em prol da educação humana e cristã da infância e da juventude, foi proclamado Santo em

1900, pelo Papa Leão XIII. E, em 15 de maio de 1950, o Papa Pio XII o proclamou padroeiro universal dos educadores.

O Governador do Rio Grande do Sul, Ildo Meneguetti, o declarou patrono do magistério público do Estado do Rio Grande do Sul pelo Decreto n. 2338, de 25/01/1954.

É dentro deste atravessamento histórico e social que a Fundação Diocesana Pão dos Pobres de Santo Antônio tem suas raízes perpassando por muitos lugares, muitas teorias e inúmeras práticas, que acolhem vidas. São crianças e jovens em situação de risco social, que serão alimentadas, abrigadas e educadas com a função da inclusão social, porém, as marcas da instituição estarão na subjetividade de cada criança.

2.3 Histórico do desenvolvimento do abandono

É dentro desse contexto que comecei a visitar um pouco a história social da infância abandonada, sobretudo do recém-nascido. Prática comum na Europa, no final da Idade Média, principalmente após a Peste Negra, ano de 1348, era o abandono. O número de órfãos e bebês pobres abandonados se multiplicou, exigindo intervenção de instituições. Em Portugal, antes mesmo da colonização do Brasil, Câmaras Municipais e Hospitais, como as Santas Casas da Misericórdia, começaram a criar formas de auxílio às crianças abandonadas.

Foram os jesuítas, por volta de 1550, que numa ação pioneira junto a crianças indígenas no Novo Mundo, criaram colégios de órfãos para receber meninos sem família.

Nos séculos seguintes, o problema se generalizou entre a população livre das vilas e cidades coloniais. As Câmaras coloniais, nas capitais da Bahia, Rio de Janeiro e Minas gerais, começaram a pagar famílias para acolher os enjeitados ou expostos.

Os hospitais, como se registram nas Santas Casas de Salvador e Rio de Janeiro em 1726 e 1738, respectivamente, importam as portuguesas “rodas dos expostos”, que eram tonéis de madeira giratórios presos à parede, unindo a rua ao interior do imóvel, preparados para acolher recém-nascidos abandonados.

Estes serviços assistenciais complexos, por se tratarem de indivíduos que já nasciam marcados pela dor da rejeição, estendiam-se a meninos e meninas, que ao

completarem 7 anos de idade deviam ser empregados em serviço de baixa remuneração ou em troca de alimento e moradia.

O abandono era fundamentalmente para as crianças brancas e pardas de ambos os sexos, além de órfãos pobres nascidos fora do casamento. Eram crianças deixadas nas calçadas, entregues a vizinhos ou enviados a hospitais. As mães negras não abandonavam seus filhos, pois estes eram propriedades dos Senhores; eram peças com valor de mercado.

Havia uma preocupação dos familiares dos enjeitados com relação ao nome das crianças. No Brasil nos séculos XVIII e XIX a transmissão dos sobrenomes não era regulamentada. Os pais manifestando preocupação em relação ao futuro espiritual de seus descendentes, atribuíam sobrenomes religiosos aos filhos.

O abandono nesse contexto histórico não era entendido como uma manifestação de falta de responsabilidade dos progenitores. Em alguns bilhetes presos às roupas das crianças, o gesto era visto como prova de amor, em nada parecia prejudicar a vida da criança. Os valores morais que constroem o padrão ético dependem do tempo histórico e social.

Escrever sobre orfanatos, abandonos, segregação, é ser convocado a refletir sobre uma imensidade de fatos e acontecimentos, produzidos por um social com a intenção de silenciar, docilizar e excluir corpos vibrantes, almas com sede de liberdade. É marcar o perfil assistencial e cuidador das instituições religiosas para essas crianças.

É nesse constante aprender a decifrar os afetos de crianças em situação de abandono que reaprendi a brincar, passei a não ter medo do desconhecido e a conviver com esse sentimento. Aprendi sobre a beleza que nasce da arte, sustentada na tristeza. Percebi nas crianças uma beleza infinita de como lidar com a vida dentro de sua dimensão trágica, não só pelos eventos trágicos que cada um trazia em sua história, mas pelo tempo que consumia deles tudo que amavam. Penso, porém, que esse destino é de todos nós. E novamente lembro-me de Rubem Alves quando afirma que: “Dentro de cada um de nós existe um adeus constante” (2004, p. 94). De certa forma estamos todos mergulhados nesse campo de imanência, onde os fluxos de vida são agenciados por outras vidas construindo a arte de viver.

E assim tem sido a função do Pão dos Pobres, uma Instituição subdividida em três macros setores de atuação:

- a) a escola, atualmente, com 306 alunos, distribuídos entre 206 internos e 100 externos;
- b) o internato com 206 crianças e adolescentes;
- c) o centro profissionalizante com 180 alunos entre os cursos de marcenaria, serralheria, mecânica automotiva, elétrica predial e industrial e o laboratório de robótica em processo de implantação.

Esse último ainda com mais 1.000 alunos em cursos diversos implantados em municípios dentro do Rio Grande do Sul.

Há também a ótica que produz e distribui óculos a comunidades de baixa renda e com deficiência visual, em vários municípios. A meta é a fabricação de 1.000 óculos de grau por mês; sendo 12.000 por ano; qualificação profissional de 24 adolescentes na arte da fabricação de óculos, num período de 24 meses. No entanto por falta de recursos financeiros, este ano o laboratório teve que fechar as portas, deixando de doar óculos à população de baixa renda. E por fim o Santuário de Santo Antônio que nas terças-feiras recebe em romaria os devotos e distribui pães bentos a todos que tem fé.

A Fundação vem se mantendo das doações da sociedade porto-alegrense e de projetos com o apoio de alguns empresários.

Essa Instituição tem como missão a inclusão social através de uma educação de qualidade, e da profissionalização de jovens em situação de vulnerabilidade social.

Cada um dos setores tem direção e quadro funcional próprio, causando sempre tensão pela disputa de poder e autonomia; porém seguem as diretrizes e normas de uma Direção Geral.

Esse complexo institucional pode ser visto como uma grande rede, cheia de nós que formam a sua trama, que se ramifica, se interliga, luta por autonomia, e alastra-se por caminhos distintos causando tensionamento, abrindo fissuras visíveis e invisíveis.

Estabeleço como recorte para fins de uma análise institucional, o setor correspondente ao orfanato/internato/escola, que abriga 206 jovens em situação de vulnerabilidade social.

3 HISTÓRICO DAS CRIANÇAS: QUEM SÃO ELAS?

No início da implantação 1895, o orfanato recebia jovens que permaneciam abrigados durante todo o ano. As visitas às famílias ocorriam de duas a três vezes ao ano, os pais destas crianças estavam marcados pelo heroísmo na participação em uma revolução por um ideal político.

O sistema disciplinar era rígido, compatível com as crenças pedagógicas do final do século XIX. É importante salientar que, segundo Áries, até o fim do séc. XVII o infanticídio é tolerado pela sociedade e nos séculos anteriores as crianças e adolescentes não faziam parte da visibilidade social. É visitando a história social da criança e da família da Europa medieval até o século XVII, que podemos refletir sobre as relações de vínculo nas famílias. Era pedagógico que os filhos ao completarem 7 anos fossem mandados para outras famílias para aprenderem os valores da vida social. Por isso as famílias não alimentavam laços afetivos tão estreitos, sua maior importância estava em transmitir a realidade moral e social.

Com as transformações sociais ocorridas nos séculos XX, período marcado por grandes descobertas, duas grandes guerras, muitos conflitos sociais e políticos, e principalmente por um sistema econômico capitalista de concentração de renda e na produção, levando muitas famílias a sobreviverem de uma economia informal, marcadas pela segregação do capital produtivo. Além disso, a década de 80 marca a entrada no tecido social dos psicotrópicos, como mercadoria de larga oferta e como fonte de trabalho para muitas famílias. Muitas mulheres passaram a ser provedoras de seus lares; seus homens estão desempregados, subempregados, adoecidos pelo consumo exagerado do álcool e outras drogas e, por vezes, presos. Portanto, surgem novas configurações familiares.

E assim, deparamo-nos com crianças e adolescentes que mesmo sem terem cometido nenhum ato infrator, estão marcados por um sistema familiar em conflito com a lei.

Passamos a ter órfãos de direito, que mal conseguem passar pelo processo de luto; e os órfãos de fato, que são marcados pela morte de pais vivos, que desencantados com essas figuras, que deveriam ser continentes, capazes de suportar a angústia de seus filhos, são figuras frágeis e infantilizadas.

Lamentavelmente, a figura masculina do passado, é hoje a vilã da coletividade, pois no passado representava o herói por seus feitos, em lutas em prol de ideais políticos, é hoje o herói do tráfico de drogas e de armas. Nossas crianças choram a dor de não terem o direito à paternidade, por mães enfraquecidas, avós cansadas em corpos envelhecidos, e parentes que as rejeitam. Elas lutam pelo direito de serem reconhecidas, é dentro dessa engrenagem social que a produção não se circunscreve apenas na produção de um capital, mas na produção de subjetividades, formada dentro desse registro social.

Segundo Nietzsche, o acontecimento trágico surge quando as divisas se dissolvem e as referências desaparecem. O trágico leva a vida dessas crianças a pais ou responsáveis que tiveram suas infâncias perdidas. A vida desses pais é regida pelo abandono, alguns brigam para manterem-se inclusos no laço social, e outros estão marcados pela exclusão social, confinados em instituições fechadas, privados do direito a serem livres.

Vivemos numa sociedade complexa, marcada por distâncias sociais, são desiguais e diferentes as possibilidades de se viver a infância e juventude sem que a marca seja dívida social. A busca constante por uma educação emancipatória, filia crianças e adolescentes no pleno direito e dever da cidadania. Estamos ligados na rede da integração globalizada e ao mesmo tempo produzimos em profusão a exclusão.

Como lidar com tantas categorias sociais sem o sentimento de perda constante? Por onde perpassam os fios que tecem nossa subjetividade?

É por isso que, segundo Rubem Alves (2004), “precisamos dos poetas, pois são eles que tecem as palavras em volta do frágil fio que nos amarra sobre o abismo”. Eles sabem que em nossos corpos mora um adeus.

É essa despedida constante sobre o que amamos que se encontra o trágico de nossa existência. E onde fica a esperança? Bem, as esperanças dessas famílias,

é colocada no Internato, nas mãos de religiosos e “leigos”, que assumem a difícil missão realizar desejos.

Acreditam que ali seus filhos terão modelo saudável, e assim se tornarão sujeitos éticos no sentido da melhor conduta, dessa forma, a Instituição é entendida como exercendo um papel civilizador.

Em recente entrevista com uma família, que pediu uma vaga na Instituição, ouvi o seguinte relato: - a mãe dizia ter três filhos, dois com a avó materna e o mais velho morando com o pai, e ela sem moradia anda pelas ruas de Porto Alegre. Quando possível, fuma um baseado para suportar esse tensionamento. Ela pede que seu filho tenha uma chance no Internato. Ao perguntar qual o trabalho do pai do menino, o menino de forma encabulada diz que o pai trabalha com cheque. Pergunto como assim? E ele diz, será que posso falar mesmo? A senhora já ouviu falar em 171? Abaixou a cabeça e não levantou mais. Segundo Código Penal brasileiro, o artigo 171 é Estelionato, é dentro desta legislação que este menino reconhece seu pai. E aí começa o dilema de muitas crianças.

Muitas vezes, refletindo sobre o futuro dessas crianças que vivem em sistemas fechados, cheguei a questionar-me sobre a validade desse tipo de sistema educativo, baseado no dilema: obediência ou delinquência.

É com este maniqueísmo, que a Instituição, educadores e crianças, se enlaçam. É na combinação entre a rigidez da hierarquia institucional com a ideologia pedagógica vigente, que nascem as submissões exemplares e as rebeldias punidas. É nesse espaço que habita a esperança de alguns e o desespero de muitos; fazendo com que o dilema fique entre a obediência e a violência.

E a obediência nascida da violência é o primeiro passo para perpetuar uma ordem social produtora de delinquência. Tanto a obediência como a opressão, são estratégias de um sistema de poder disciplinar que equilibra as relações entre os sujeitos marcados pela cultura, causando o adoecimento do tecido social.

O debate a que me proponho nessa dissertação está apoiado na experiência que tive no período em 1998/2.004, quando integrei a equipe do internato Pão dos Pobres, em caráter voluntário, como Psicóloga.

Levando em consideração a lei n. 8.069/90, o Estatuto da Criança e do Adolescente, que não prevê em seus artigos o abrigamento de crianças e adolescentes, num sistema de internação sem que a família tenha perdido o poder familiar ou que tal medida tenha sido decretada pela Justiça para a proteção da

criança e do adolescente. As crianças que estão na Fundação não estão enquadradas neste perfil; porém necessitam de um lugar capaz de acolher e cuidar da sua educação e proteção enquanto seus familiares trabalham. A lei prevê prioridade ao desenvolvimento integral da criança junto a suas famílias e comunidades; porém, comecei a pensar no número cada vez maior de crianças e adolescentes nas ruas das grandes cidades brasileiras.

Segundo o atual Diretor técnico da FASC (Fundação de Assistência Social e Cidadania), Mauro Chaves Vargas Junior, no Município de Porto Alegre, são 400 crianças e adolescentes em situação de “rua-moradia” e 800 em “rua-sobrevivência”.

A UNICEF em 1999 apontou que 95,4% das crianças de 7 a 14 anos estão matriculadas nas escolas, mas 1,8 milhão estão fora da escola e que apenas 59% das crianças que iniciam o ensino fundamental completam 8 anos de estudo. Apenas 27% dos adolescentes cursam a série correspondente à idade cronológica.

No Jornal do Almoço da RBS de 28/04/2005, foi divulgada uma pesquisa que apontava o número cada vez mais crescente de crianças e adolescentes envolvidos em homicídios com arma de fogo, e que 50% das crianças vítimas de acidentes com armas de fogo estão em casa e em suas comunidades. Outro dado importante é que 26,2% de crianças agredidas de forma violenta têm como agressor as próprias mães. Segundo, a Síntese dos Indicadores Sociais (SIS) do Brasil em 2007, cerca de 235 mil crianças trabalham nas vias públicas, o que as coloca em situação de risco e o Ministério da Saúde divulgou que 6 mil crianças morrem por ano com acidente doméstico, principalmente por ingestão de medicamento, o que denota negligência ou falta de monitoramento da família. A partir disso se observa que a violação sistemática dos direitos da criança e do adolescente é antiga e que apesar de existir uma legislação de proteção e amparo que as protege, a violação dos direitos permanece com outra roupagem.

Os fatores mais apontados como produtores de criança de rua é a desorganização familiar, o alcoolismo, falta de apoio às famílias, que encontram-se desempregadas e com dificuldades de conseguirem uma rede de apoio, que deveria proteger e preparar para autonomia.

Cabe a ressalva também de que a rede do tráfico de drogas está marcada pela presença das armas de fogo, que tanto sustenta um poder paralelo, abriga a violência policial, além de empregar inúmeras crianças e adolescentes, afastando-os

dos bancos escolares. Além da prostituição infantil que se alastra pelo país, capturando famílias que vêm nessas atividades a possibilidade de suas nomeações enquanto produção e equilíbrio na rede social; saindo da invisibilidade social .

Para muitas crianças a rua é o deslocamento da violência traumática da cena familiar. A função protetora da família perdeu seus laços passando ao bando a função de exercer essa falsa proteção. É no deserto do outro, impessoal e pluralizada, que são tatuadas as marcas de muitas infâncias.

Muitas vezes a rua é apontada como espaço de liberdade para as crianças, que quase sempre oriundas de famílias em situação de vulnerabilidade material, ou por fracasso libidinal das figuras parentais, acabam aprisionadas nas esquinas como anônimos desgarrados, que liberdade é essa que aprisiona? Platão diz que a liberdade não existe, que apesar de ser sonhada pela humanidade, não passa de uma linda miragem.

Pensando o social como um campo de forças que produz modos de existência e de subjetividade, não é meu objetivo fazer apologia das Instituições fechadas, mas sim auferir com que trama a Casa do Pão e do Livro tece a subjetividade dessas crianças.

A pergunta: - Por que manter crianças e adolescentes numa Instituição fechada? Num sistema de Internato?

Essa pergunta tem muitas direções, nenhuma verdade absoluta, apenas algumas convicções da autora do texto.

Quando decidi escrever sobre o Internato da Fundação Diocesana Pão dos Pobres de Santo Antônio, senti uma imensa responsabilidade pelo que estava me propondo.

Primeiro porque sinto uma imensa alegria por trabalhar nessa casa com essas crianças. Fui envolvida pela paixão, marcada no início de minha caminhada de um certo medo de conviver num ambiente, que, pela imponência do prédio, pela imposição disciplinar, pelos ruídos produzidos por aqueles jovens, que a princípio me assustavam.

Acompanharam-me nessa caminhada algumas questões:

Que segredos aquele sistema educacional e pedagógico escondia?

A quais eu teria acesso?

E o que eu faria com esses segredos?

E principalmente, qual o melhor caminho pedagógico para eles?

E as políticas públicas davam conta dessas famílias?

Mas, como toda paixão é um sentimento que perturba a tranquilidade da alma, nos remetendo a afetos ambivalentes, tensos e conflituosos, fui envolvida pela casa.

Segundo Nietzsche (2005, p. 65) “o preço da fertilidade é ser rico em oposições internas. A gente permanece jovem somente enquanto a alma não se espreguiça e deseja a paz”.

Então, como num filme, uma imensidão de fatos e acontecimentos históricos de desfiliação começou a me pressionar para um entendimento crítico, porém ético dessa casa.

Em que período da história esses abrigos foram criados e com que finalidade? Onde ocorreria o corte? E assim, comecei a pensar nos asilos, rodas, onde crianças eram deixadas para que seus choros não ecoassem, os manicômios, os conventos, exércitos, exílios, senzalas, onde a casa grande era o lugar do nome e a senzala o lugar de corpos surrados e desfrutados, favelas e esquinas repletas de corpos adoecidos, endemoniados, marcados, supliciados, com suas almas encarceradas pela dor do esgarçamento do tecido social e subjetivados.

E, volto meu olhar para os corredores do internato, repleto de um mobiliário simples, com roupas surradas pelo tempo, mas com muitas vidas entrelaçadas. Comecei aprendendo a decifrar sentimentos afetados por muitos encontros maleáveis e muitos outros perdidos.

Meu primeiro passo foi reaprender a brincar, passei a enfrentar o medo pelo desconhecido, aprendi a confiar. O tempo me fez sair do impacto da angústia para o encantamento por essas vidas vibrantes.

Comecei a sentir no prédio a presença de muitas histórias de centenas de crianças que por ali passaram que em tantas décadas construíram as suas, fazendo a história institucional.

Parece uma grande teia, ao mesmo tempo em que se multiplicam as crianças e se espalham no vai e vem do tempo, fixam a casa em sua missão de educar para a vida. Ao longo desses anos, fui percebendo as mudanças que ocorriam na Instituição, e que ao mesmo tempo em que mantinha a estética tradicional, realizaram-se mudanças de renovação na estrutura de sustentação do prédio. O processo pedagógico tambémurgia por mudanças, mas a resistência para as mudanças era enorme.

A pluralidade de espaços percorridos dá uma sensação de liberdade, mas também nos aprisiona no tempo e na história institucional. Era preciso criar cada vez mais espaços de liberdade, e assim aceitar limites.

Comecei a pensar de que forma a violência era praticada ali, e comecei com minha presença como profissional da saúde mental, que no início dos atendimentos, a cada criança encaminhada o rótulo de loucura era dado por seus colegas e até por professores. A primeira providência foi criar oportunidade para que todos os alunos passassem por esta experiência, e assim pulverizar a loucura de todos nós. E os funcionários da Instituição? Como viam minha presença estrangeira naquele espaço?

Com certa desconfiança, mas o tempo se encarregou de diluir esse sentimento possibilitando linhas mais flexíveis e novos arranjos. Entendi que a casa em muitos momentos vivia sentimentos infantis e se comportava de forma adolescente, que variava da hostilidade ao aconchego. E que, portanto, a maior violência estaria na cegueira do técnico, que sem a sensibilidade necessária poderia impedir a passagem das forças desses sentimentos que ali circulavam e eram depositados.

Assim como as crianças e suas famílias a Instituição também precisava de uma escuta afetiva e dialógica. É importante referir que, no contato que se tem com crianças abandonadas, deve-se estar sempre se escutando a si próprio para não repetir esta situação com estas crianças e com a própria Instituição, pois a reação instintiva é de também abandonar por não suportar o reflexo interno que este sentimento de rejeição ressoa em cada um.

O internato tem enfrentado esta realidade de forma corajosa e procura trabalhar este sentimento em todos os educadores que lidam com esses meninos, pois só assim poderão restituí-los para a possibilidade do eco afetivo. E esse tem sido nosso maior desafio.

Nos últimos treze anos a direção geral é administrada pelo Ir. Valério Menegat, homem de figura delicada, ampla cultura, de oratória improvisada, arrojado em suas iniciativas, da remodelação da casa, na implementação de uma filosofia educacional de inclusão, muito carismático. Sua maior preocupação é com o destino destas crianças. Costuma dizer “que toda criança tem direito à infância e à proteção”. E, como esta é uma casa que abriga sonho, e principalmente esperança,

o dele seria a saúde financeira da Instituição e a ampliação e modernização do Centro Ensino Profissional, para que muitos jovens possam ter uma profissão.

Em seu trabalho pela inclusão social, algumas mudanças seriam pontuais, como: a derrubada de muros, e a possibilidade de crianças internas, ou seja, moradoras da casa, passassem a estudar com os ditos alunos externos. Foi um momento de muita tensão, entre pais, alunos e professores da escola Pão dos Pobres. Como conciliar as diferenças dentro do espaço escolar? E com que metodologia pedagógica dar conta do processo de aprendizagem?

Nos dias atuais, quando o papel da escola e suas promessas estão em discussão constante, como preparar pais, professores, setor pedagógico e direção da escola, para superar a este desafio de presenciar filhos de classe média, sentados ao lado de filhos de papeleiros, presidiários, desempregados e de tantos outros desfilados. Estávamos diante de mais um impasse, como reunir alunos com necessidades tão diferentes, quais seriam os melhores instrumentais? E, mesmo diante de tamanho tensionamento, em que todos nós tínhamos dúvidas sobre os resultados desse processo, o Ir. Valério, não abriu mão de suas convicções. E, hoje, constatamos que a implementação é possível, se for do desejo de todos nós. Sua figura desempenha uma função muito interessante para funcionários e crianças da casa, o pai, aquele que protege, cuida, mas impõe limites e regras, e que, por vezes, invade o imaginário de todos nós com os afetos mais regressivos e ambivalentes pertinentes da infância, mas que abre caminho para construção da “função paterna”. Segundo a psicanálise essa função é um dos pilares da construção do sujeito e sua relação com a normatização social. Quando se pensa que uma das funções da família, mais detidamente a da mãe e do pai, são fundamentais como agentes adaptativos que apresentam o mundo à criança, suprimindo-a com a experiência de onipotência que é a base do alicerce para suportar e enfrentar o princípio da realidade, pressupõe-se que a falta ou a falha nesta vivência interfere no desenvolvimento esperado. Portanto a função da família na construção psíquica do sujeito é vista atualmente como parte essencial no processo de subjetivação, e na transmissão de valores e, portanto do sujeito ético.

3.1 OS 50 CASOS: Quadro com a apresentação geral

CASO	INGRESSO		RESIDÊNCIA	SAÍDA DO PÃO DOS POBRES	PECULIARIDADES
	Idade	Série			
1. Gui	9	3 ^a	Mãe, tio, avó materna.	Permanece no Pão dos Pobres.	Aluno exemplar. Sua mãe, que deu à luz aos pés da imagem de São João Batista La Salle, carregando seu bebê/pai, visita regularmente o Pão dos Pobres e toda sexta-feira faz questão de pegar "Gui" para conduzi-lo para casa.
2. Fernando	17	5 ^a	Órfão de pai, tem 7 irmãos.	Hoje, está na 8 ^a série.	Participa do curso de serralheiro com vínculo empregatício na empresa "Fabriplac", onde recebe um salário.
3. Mário	14	5 ^a	A mãe morreu, quando ele tinha 7 anos, o pai está preso há 4 anos, período em que o jovem foi encaminhado para um abrigo.	Saiu do Pão dos Pobres na 6 ^a série.	Em decorrências das várias situações de conflito com crianças da 3 ^a série, alunos com idades entre 9 e 10 anos, foi solicitado o desligamento de Mário da Instituição Pão dos Pobres, como medida de proteção.
4. Gabriel	10	3 ^a	Mora com a avó, a mãe e irmã de 3 anos. Mãe alcoolista e pai desconhecido.	Saiu do Pão dos Pobres na 6 ^a série.	Transferido para outra escola perto de sua casa, já que ele estava faltando muito as aulas e quando vinha "fugia" da instituição. Em 2007, a avó de Gabriel pede ajuda, pois ele passava muitas horas na rua cheirando "loló".
5. Pedro	14	5 ^a	Mora com a mãe, que é portadora de HIV. Pais separados (também portador de HIV e alcoolismo).	Permanece no Pão dos Pobres.	Apresenta alguns problemas de saúde e busca por um atendimento médico que o ajude a minimizar a exclusão.
6. Léo	16	3 ^a	Mora com a mãe, seu pai morreu quando tinha 2 anos de idade.	Permanece no Pão dos Pobres	Na certidão de nascimento consta 18 incompletos. O que se busca para este menino é sua emancipação do Pão dos Pobres, em virtude de sua idade.

7. Miguel	9	3 ^a	Mora com a mãe, que é depressiva. Pais separados.	Saiu do Pão dos Pobres ao completar a 4 ^a série	Foi transferido para uma escola de sua comunidade.
8. Marcos	9	3 ^a	Pais separados. Mora com a Mãe.	Permanece no Pão dos Pobres.	Relação entre a somatização e a separação dos pais.
9. Juliano	9	3 ^a	Mora com a mãe, pai desconhecido.	Saiu do Pão dos Pobres na 4 ^a série.	A mãe foi aconselhada a manter o menino estudando numa escola perto de sua casa e que conseguisse o apoio da rede da comunidade para monitorar o filho.
10. Manoel	13	5 ^a	Pais separados desde seus 2 anos de idade. Mora na casa dos tios maternos.	Concluiu a 8 ^a série do ensino fundamental.	Permanece no Pão dos Pobres no Curso Profissionalizante.
11. Éder	14	7 ^a	Pais separados desde seus 5 anos. Mora com a mãe.	Concluiu a 8 ^a série do ensino fundamental.	Tentou ser reprovado na 7 ^a série, acreditando que seria desligado do Pão dos Pobres.
12. Bred	10	3 ^a	Pais separados. Mãe usuária de drogas	Foi aprovado na 4 ^a série, tendo saído ao final do ano.	Foi estudar em uma escola próxima a sua comunidade.
13. Renan	9	3 ^a	A mãe de Renan teve que buscar na justiça o reconhecimento da paternidade, pois o pai biológico negava-se fazê-lo.	Permanece no Pão dos Pobres.	O pai: uso abusivo de álcool e de cocaína. Diagnosticado como portador de Transtorno Bipolar; encaminhado para tratamento psiquiátrico e psicológico no posto de saúde (PAM 3), recebendo tratamento medicamentoso. Atualmente, está em abstinência.
14. César	10	3 ^a	Criado pela tia paterna que, inclusive, detinha sua guarda. O pai de César fazia uso abusivo de álcool e cocaína e a mãe foi assassinada.	Conclui o ensino fundamental e o profissionalizante no Pão dos Pobres.	Quando iniciou o curso profissionalizante passou a relacionar-se com uma moça, que conheceu no mesmo local. O início desse namoro e o recebimento de uma quota distribuída por seu curso desenvolveu algumas mudanças que percebíamos no seu dia a dia.
15. Lemos	10	3 ^a	Pais são separados e ele tem três irmãos. A mãe já esteve	Concluiu o ensino fundamental, tendo continuado para realizar o Curso	Os pais sempre tiveram problemas com o uso abusivo de álcool, a mãe trabalha numa prefeitura no setor de limpeza urbana e

			internada com o diagnóstico de depressão.	profissionalizante.	seu companheiro trabalha, segundo o pai biológico de Lemos, no tráfico de drogas.
16. Luis	9	3 ^a	Mora com a avó materna, o pai e mãe.	Realizou até a 5 ^a série no Pão dos Pobres, saindo para estudar em uma escola mais perto de sua comunidade.	O pai: uso abusivo de crack. Vendia objetos para comprar mais drogas, o que causava transtornos na casa nos finais de semana em que Luís ia ficar com eles.
17. Azevedo	11	4 ^a	Mora com a mãe, que é depressiva e separada do pai há quatro anos, que era muito violento.	Até 2007 permanece no Pão dos pobres.	Este é um dos casos de busca pela instituição como um caminho de segurança e esperança para suprir e acalantar as fragilidades.
18. Silva	11	4 ^a	Teve muitos "pseudo-responsáveis", pois os pais haviam falecido e os parentes cuidam como podem.	Foi reprovado ao final do ano de 2004. Não permaneceu no Pão dos Pobres.	Silva, entre um e outro pseudo-responsável, experimentou alguns períodos de sobrevivência nas ruas de Porto Alegre. O caso foi encaminhado para o Conselho Tutelar, onde o Sr. Paulo, inclusive, era conselheiro.
19. Edson	10	4 ^a	Pais separados há 5 anos, sem relação amigável.	Esteve no Pão dos Pobres até o início da 5 ^a série.	A mãe teve muita dificuldade para aceitar o desejo do filho de estudar perto de casa, ainda assim ele foi morar com ela todos os dias da semana.
20. Lino	11	4 ^a	Pais separados, o ex-marido não auxilia nas despesas com o filho e ainda, desenvolveu um quadro de alcoolismo.	Atualmente está terminando a 8 ^a série do ensino fundamental e o curso profissionalizante de marcenaria.	Lino parecia bastante inteligente, sensível e tinha uma boa voz para o coral. E foi justamente através do reconhecimento de suas potencialidades, que nos deparamos com um jovem responsável, que passou a tirar notas excelentes, a fazer parte do coral, tornando-se uma liderança bastante positiva para o grupo.
21. Braga	15	5 ^a	Braga: família composta por mais 6 irmãos, dos quais se sabe que 2 tinham sido encaminhados para o Conselho Tutelar, 2 eram maiores de idade e 2 não se sabia o	Realizou na Escola Pão dos Pobres somente a 5 ^a série, tendo sido reprovado e não permanecendo na Instituição.	O Pão dos Pobres não poderia atender as necessidades de Braga. Mora em um abrigo, pois o pai era apenado e a mãe falecera de câncer.

			paradeiro.		
22. Vicente	10	3 ^a	Mora com seu pai desde o nascimento. Mãe alcoolista e fazia uso abusivo de cocaína, tentou alguns tratamentos, no entanto, os processos de recaída eram constantes e a separação foi inevitável.	Permanece no Pão dos Pobres até 2007.	Vicente participava dos espaços destinados a relaxamento no Serviço de Psicologia. Vicente gostava de participar desses encontros e foi se adaptando à rotina da casa e enfrentando seus medos.
23. Mattos	10	3 ^a	Mora com a mãe na casa da avó materna. Não tem contato com o pai há pelo menos cinco anos.	Permanece no Pão dos Pobres.	É um jovem que vem conseguindo sua aprovação na escola acadêmica e no curso profissionalizante de mecânica automotiva.
24. Silveira	11	4 ^a	Os pais estão separados há dez anos, o menino mora com a mãe e tem pouco contato com o pai.	No final do ano de 2005, foi encaminhado para a escola Airton Senna.	O menino apresentava um quadro de Transtorno Hipercinético. No final do primeiro trimestre de 2006, foi feito um contato com a escola Airton Senna, com a finalidade de saber como estava a adaptação de Silveira, e a informações obtidas era de que estava bem.
25. Breno (Irmão de Bruno)	9	3 ^a	Até 6 anos morava com a avó paterna. Após foi morar com a mãe e depois com o pai. A permanência com os pais foi de apenas três meses, em função de maus tratos e negligência. A partir disso foi morar com a irmã.	Ao final de 2006 concluiu a 6 ^a série e saiu do Pão dos Pobres.	Pai desempregado devido ao uso abusivo de álcool. Mãe passa longos períodos desaparecida. Breno em 2007 fez algumas visitas a escola, dizia estar bem, mas não era o que nos parecia. Continua morando com a irmã.
26. Bruno (Irmão de Breno)	11	4 ^a	Até 8 anos morava com a avó paterna. Após foi morar com a mãe e depois com o pai. A	No final do ano de 2006, conclui a 6 ^a série e saiu do Pão dos Pobres. Foi morar com o pai e estudar numa escola de	Pai desempregado devido ao uso abusivo de álcool. Mãe passa longos períodos desaparecida. Breno em 2007 fez algumas visitas a escola, dizia estar bem, mas não era o que nos parecia.

			permanência com os pais foi de apenas 3 meses, em função de maus tratos e negligência. A partir disso foi morar com a irmã.	sua comunidade.	
27. Beto (Irmão de Assis)	10	4 ^a	A família enfrentava muitas dificuldades financeiras e, por vezes, não tinham o que comer.	Em 2007, 7 ^a série do ensino fundamental, sua evolução era bem positiva. Sem reprovações na escola, passou a interagir bem com o grupo e a suportar a ausência da mãe ao longo da semana.	Dificuldade de adaptação, chorando e lamentando-se pelos corredores do Pão dos Pobres, utilizando-se do corpo através da somatização que denunciava sua contrariedade em estar na instituição.
28. Assis (Irmão de Beto)	10	3 ^a	A família enfrentava muitas dificuldades financeiras e, por vezes, não tinham o que comer.	Em 2007 estava na 5 ^a série do ensino fundamental. Estava feliz em estar naquele ambiente.	Assis vibrava com as mudanças na rotina de sua vida e tentava consolar o irmão.
29. Ciro	10	4 ^a	Pais separados, mas com casas situadas no mesmo terreno.	Permanece na Instituição.	Gestação e parto difíceis. Apresentou dificuldades na fala. Alteração no sono, com ocorrência de apnéia e renite constante. Ciro apresentava um Retardo Mental Leve.
30. Vaz	9	3 ^a	Pais separados desde que o menino completou 5 anos, mora com a mãe e o namorado dela.	Fez até a 6 ^a série no Pão dos Pobres.	No final de 2007 Vaz e sua mãe decidiram pedir transferência para uma escola mais perto da casa deles.
31. Cruz	13	5 ^a	Criado pelo avô materno, a mãe falecida (dependente química) e portadora de HIV. Pai dito como ignorado.	O avô, depois de informado de todos os acontecimentos, resolveu tirar Cruz do Pão dos Pobres e disse que irá para o interior com ele, assim, no final desse ano, o jovem concluiu a 7 ^a série e saiu da	O avô nunca conseguiu que Cruz cumprisse uma rotina de horários ou atividades dentro de casa, o adolescente passava muitas horas na rua e retornava quando bem entendia. Ao ingressar na Instituição quis impor seu domínio sobre alguns colegas.

				instituição.	
32. Irmãos Morais – Mais velho	11	5 ^a	Pais estão separados desde que o menino tinha cinco anos. Ambos com alcoolismo severo. Mora com os avós paternos.	Em 2007 frequenta a 7 ^a série do ensino fundamental.	A vida dos meninos, ao entrarem no Pão dos Pobres, oscilava entre morarem nas ruas de Porto Alegre e permanecer sob a proteção que um determinado abrigo podia oferecer-lhes. Pai falecera em uma briga de rua em função do tráfico de drogas. Em maio de 2006 a mãe vem a falecer.
33. Irmãos Morais – Mais novo	9	4 ^a	Pais estão separados desde que o menino tinha três anos. Ambos alcoolistas severos. Mora com a mãe e por vezes ficava sob cuidados em um abrigo.	Em 2007 frequenta a 6 ^a série do ensino fundamental.	A mãe representava uma grande ausência para ele. E essa indiferença materna o fazia experimentar uma imensa insegurança. Em maio de 2006 a mãe vem a falecer.
34. Gabriel	12	3 ^a	O pai faleceu quando o menino estava com 4 anos de idade. Mora com a mãe.	Gabriel concluiu a oitava série no Pão dos Pobres no ano de 2004, e atualmente, com vinte e dois anos nos visita eventualmente, diz estar trabalhando e morando com a mãe.	Aos 4 anos, foi para uma creche, onde foi constatado o atraso no vocabulário, o que provocou muitas reprovações.
35. Francis	10	3 ^a	Reside em um abrigo. Mãe falecida em 2005 por complicações advindas do HIV. Pai ignorado, os parentes não queriam assumir a responsabilidade pela criação e formação dele. O abrigo buscava uma família substituta, e sem sucesso já registrava	Até final de 2007 permanece no Pão dos Pobres.	Ingressou no Pão dos Pobres através de pedido feito pela instituição Famílias Acolhedoras. É um menino que consegue aprovação nas exigências acadêmicas da escola, e tem apresentado boa evolução dentro da instituição.

			duas tentativas em famílias diferentes.		
36. Júnior	11	5 ^a	Mora com a mãe e irmãs.	Em 2004, concluiu a 8 ^a série do ensino fundamental, além de estar cursando o curso profissionalizante.	Ganhou do Pão dos Pobres uma bolsa integral de estudos, para cursar o ensino médio numa escola da rede lassalista.
37. Rafael (Primo de Jonas)	11	3 ^a	Filho adotivo.	Ao final de 2006 saiu do Pão dos pobres, pois não aceitava a idéia de estar naquele local.	Rafael tinha sido deixado na porta da casa dentro de uma caixa de sapato, onde foi adotado. O receio do abandono fazia com que Rafael agredisse a si e aos demais colegas.
38. Jonas (Primo de Rafael)	10		Mãe depressiva, por vezes era internada no Hospital Espírita de Porto Alegre.	Permanece no Pão dos Pobres.	Jonas permaneceu na instituição com relativo progresso, pois as crises de Rafael, seu irmão adotivo o deixava bastante apreensivo.
39. Castro	11	4 ^a	Filho de uma ex-moradora de rua com diagnóstico de esquizofrenia. Mora com os pais. As internações da mãe são constantes, o pai, homem simples, é muito dedicado tanto ao filho quanto à esposa.	Permanece na Instituição.	Castro era um excelente aluno na parte cognitiva, mas apresentava baixo controle sobre os impulsos agressivos.
40. Igor	13	5 ^a	Mora com a mãe.	Permanece na Instituição.	Alto grau de dispersão, dificuldade de atenção o que sugeria a necessidade de um acompanhamento pedagógico.
41. Erick	11	5 ^a	Vaga foi solicitada pela mãe adotiva, com a qual reside. A mãe biológica morreu vítima do vírus HIV há 7 anos, o pai morreu baleado (dependente químico).	Permaneceu na Instituição somente durante o ano de 2005.	Com a morte da mãe, foi morar com o tio materno. O tio começou a negligenciar os cuidados. Com isso o menino vivia pelas ruas da Restinga, bairro popular de Porto Alegre, revirando o lixo, na tentativa de encontrar algum alimento. E por vezes dormia no mesmo local.

42. Bruno	9	4 ^a	Os pais biológicos são separados desde os 2 anos de idade do menino. Ele tem um irmão mais novo com 7 anos, e ambos moram com os avós e o pai, que é usuário de drogas.	Até 2007 permanecia no Pão dos Pobres.	Participava de brigas fora de sala de aula, colocando-se em situações de risco. Apresentava dificuldades na coordenação motora e tonicidade.
43. Lúcio	10	4 ^a	Pais separados há 5 anos, pouco contato com o pai. Mora com a mãe.	Até 2007 permanecia no Pão dos Pobres.	Lúcio foi uma das crianças retiradas de um incêndio ocorrido numa determinada creche de Uruguaiana, fato bastante comentado na época pela mídia impressa e televisiva.
44. Luis	10	4 ^a	Mora com a avó paterna, o pai biológico sofrera um acidente de carro, por estar alcoolizado e sob efeito de outras drogas. A mãe presa por homicídio, já está no regime semi-aberto em função da progressão de pena.	Conclui a 8 ^a série do ensino fundamental.	Não pode participar do curso profissionalizante, em função da sua idade não permitir. Faz parte do coral e do grupo de teatro da instituição.
45. Rodrigo	9	3 ^a	Pais separados há muitos anos, o contato com o pai é raro e a mãe luta contra uma depressão, com dois episódios de internação por causa desse diagnóstico.	Concluiu em 2004 o ensino fundamental e o curso profissionalizante na instituição Pão dos Pobres e por vezes nos visita.	Apresentava um grau elevado de agitação. Encaminhado para uma avaliação neurológica.
46. Mauro	10	4 ^a	Mora com avós maternos e avós paternos.	Concluinte da 8 ^a série Curso profissionalizante	Os pais estão presos
47. Paulo	12	5 ^a	Mora com os pais.	Concluinte da 8 ^a série. Curso	Pai doente e alcoólatra. Irmão mais velho

				profissionalizante.	assassinado em função das drogas.
48. Alberto	10	4 ^a	Mora com avós maternos.	Saiu da instituição ao repetir a 6 ^a série.	Mãe separada do pai, desempregada, com depressão e tentativa de suicídio.
49. Wanderlei	9	3 ^a	Mora com a mãe.	Concluinte da 8 ^a série.	Retardo Mental Leve, dificuldades de aprendizagem e na fala.
50. Leopoldo	9	3 ^a	Mora com a tia, mas parece um nômade que circula pela rede familiar.	Saiu ao concluir a 7 ^a série.	Capacidade criativa nos cursos de pintura e desenho. Sofreu abuso sexual aos 6 anos.

4 OS 50 CASOS: BREVE DESCRIÇÃO DE ALGUNS CASOS

Os 50 casos escolhidos serão apresentados neste capítulo e no próximo. Neste capítulo apresentam-se os casos cuja descrição foi mais sintética e no capítulo 5, estão os casos em que houve um esforço maior de interpretação psicanalítica. Para facilitar a organização das análises e das apresentações com as fichas de atendimento psicológico, os casos foram numerados de caso 1 ao caso 50, portanto, os casos que não estão.

4.1 Caso 2: Fernando, aprendiz de sonhador

Fernando, 17 anos, órfão de pai, tem 7 irmãos. Ingressou na instituição em 2003, oriundo de um abrigo. Repetiu a 5ª e a 6ª séries duas vezes, alegando que não queria ficar no internato, porque gostava de ficar no abrigo. O pai faleceu quando ele tinha 7 anos de idade, mas os pais estavam separados desde que ele tinha 2 anos. Ele diz lembrar vagamente que aos 3 anos de idade vagava pelas ruas do centro de Porto Alegre com a mãe, em busca de comida. Logo, em seguida foi colocado em um abrigo, pela avó materna, onde permaneceu até completar 10 anos. Em seguida, foi encaminhado para um dos abrigos da FPERS (Fundação de Proteção Especial da Secretaria da Justiça e do Desenvolvimento Social/RS), onde a irmã, na época com 6 anos, estava abrigada.

Fernando relata que a mãe tem 8 filhos incluindo ele, e que cada um tem um pai diferente. Que algumas pessoas da família dizem que sua mãe é uma prostituta, mas ele não acredita. Diz que não queria ir para o internato porque tinha medo de ser abusado, e que no abrigo tinha amigos e uma monitora que é muito legal, mas que não teve escolha. Ele atribui às duas reprovações na 5ª e 6ª séries, a esse medo, além de ter vergonha de perguntar em sala de aula, quando não

entendia a explicação da professora. Hoje, está na 8ª série, participando do curso de serralheiro com vínculo empregatício na empresa “Fabriplac”, pelo qual recebe um salário.

Atualmente, ele e as duas irmãs que também estavam no mesmo abrigo começam a fazer a transição entre as instituições, ou seja entre o abrigo e a moradia estudantil da Fundação O Pão dos Pobres, para a autonomia de morarem juntos numa casa em Alvorada, sendo o terreno comprado pela mãe e a casa, uma doação da Prefeitura.

Ele diz estar conseguindo fazer uma poupança, com a ajuda de uma madrinha afetiva, e o salário que recebe da empresa. Sua mãe mora em Alvorada, perto da casa que foi construída para eles morarem. Seus sonhos são os seguintes: fazer um curso de cozinheiro, ajudar a mãe e futuramente constituir sua própria família.

É importante salientar que Fernando é muito estimado por professores e funcionários da instituição Pão dos Pobres, por sua conduta educada e participativa. Ele, diz que os medos que tinha quando veio para a Instituição passaram, e que atribui o seu comportamento tranquilo, aos dois abrigos e também ao internato.

4.2 Caso 3: Mário, o simbolismo da dor do outro

Mário, 14 anos, 5ª série. Ingressou na instituição em 2005. Estudou na Escola Estadual Eupídio Ferreira, foi reprovado na 2ª e na 3ª séries do ensino fundamental, fez a progressão no Aramani e na 5ª série evadiu da escola. A mãe morreu quando ele tinha 7 anos, o pai está preso há quatro anos, período em que o jovem foi encaminhado para um abrigo. Seu ingresso na instituição foi um pedido deste abrigo. Mário fica no Pão dos Pobres durante a semana e nos finais de semana retorna ao abrigo. Foi solicitada uma avaliação psicológica de Mário pelo Internato, o motivo do encaminhamento era seu comportamento agressivo e impulsivo. Costumava agredir os colegas com a intenção de causar dor e obter prazer com esta conduta. Tem acompanhamento psicológico desde que ingressou na 2ª série (psicóloga Suzana). Até os 9 anos apresentou enurese primária. Exames feitos pelo clínico do posto de saúde, não acusaram nenhuma anormalidade no aparelho urinário que justificasse a falta de controle do esfíncter. O que levou a hipótese diagnóstica de que esta enurese seria de origem psicológica.

Apresenta raciocínio lento para a compreensão dos conteúdos ministrados em sala de aula, no entanto, é capaz de criar situações para ficar sozinho com colegas que deseja subjugar. Costuma dizer que não gosta de psicólogo, e nas entrevistas costumava manter-se calado e com o olhar firme. Nas poucas vezes que fez algum relato sobre sua vida pessoal, lembrava do pai como alguém importante para ele, mas não gostava de falar sobre sua mãe. Em decorrência das várias situações de conflito com crianças da 3ª série, alunos com idades entre 9 e 10 anos, foi solicitado o desligamento de Mário do Pão dos Pobres, como medida de proteção. E, sugerido a permanência no tratamento psicológico.

4.3 Caso 4: Gabriel, a fuga como opção

Gabriel, 10 anos, 3ª série do ensino fundamental. Ingressou na Instituição em 2004. Mãe com alcoolismo severo, com algumas internações para se submeter a tratamento de desintoxicação e pai desconhecido. Gabriel mora com a avó materna, que tem 65 anos, a irmã de 3 anos e a mãe. O ingresso de Gabriel na instituição foi uma solicitação da avó, que precisava deixar o neto em segurança, palavras dela, para cuidar da neta pequena e do alcoolismo da filha. Gabriel apresentava estatura física pequena e frágil e, além disso, não queria ficar na instituição. Sua avó fazia todo tipo de promessa, para convencê-lo a ficar. E, ele fazia promessas de que fugiria daquele lugar, assim que o deixasse, foram muitas as conversas para explicar a necessidade de sua permanência na instituição. Mas, algumas providências precisavam ser tomadas, tais como: uma avaliação médica das condições respiratórias e uma avaliação psiquiátrica. Gabriel apresentava muita dificuldade para respirar, principalmente à noite e sua inquietação sugeria uma crise depressiva.

No dia 15/04/2004 em conversa com avó, solicitei uma avaliação psiquiátrica com o objetivo de confirmar o diagnóstico e viabilizar a necessidade de medicação temporária. Em 22/08/2004 a avó de Gabriel retornou a instituição com o resultado da avaliação. O menino foi atendido pela Drª Ana Lucia Guella Rech (neurologista e neurofisiologista), foi constatada a depressão e foi ministrado 1 comprimido de imipramina ao dia, e antibióticos para questão respiratória. Gabriel passou a apresentar bom relacionamento com o grupo, senso de humor, disponibilidade para ajudar nas tarefas do internato, e principalmente interesse pela capoeira. A semana

transcorria bem e na sexta-feira, era dia de ir para casa, foram muitas as segundas-feiras, que ao retornar para a instituição relatava sua tristeza com o alcoolismo da mãe. A medicação (imipramina) foi ministrada até o final do 1º semestre de 2005, quando foi suspensa. Por mais alguns meses sua permanência na instituição foi tranquila. No entanto, no 1º semestre de 2007, Gabriel voltou a rejeitar a idéia de permanecer na instituição, começou a quebrar as regras da casa, a sair sem autorização, não colaborar com as tarefas diárias e a discutir com os professores. Acompanhei a angústia da avó de Gabriel durante esse período. Ela relatava que "o menino nos finais de semana não ficava mais em casa. Ficava na rua, em companhia de guris que ela não gostava. Que esses meninos usavam drogas". Gabriel foi transferido para outra escola perto de sua casa, já que ele estava faltando muito às aulas e quando vinha "fugia" da instituição. No segundo semestre de 2007, fui procurada pela avó de Gabriel pedindo ajuda, ele passava muitas horas na rua cheirando "loló", ela gostaria que o neto fosse internado para deixar de usar essa substância.

4.4 Caso 5: Pedro

Pedro tem 14 anos, está na 5ª série do ensino fundamental de um internato-escola, onde permanece durante toda semana. Nos finais de semana vai para casa, onde mora com a mãe, que trabalha como papeleira, e vem enfrentando sistematicamente problemas de saúde. É portadora do HIV, e tem a carga viral bem alta, desenvolvendo várias doenças, motivo pelo qual, algumas vezes, fica impossibilitada de comparecer à escola de Pedro e de manter os cuidados necessários para si e sua família. O pai é também HIV, alcoolista e em situação de saúde é ainda mais frágil do que a mãe. Os pais estão separados há pelo menos 8 anos. Pedro tem duas irmãs, uma com 10 anos e outra com 12 anos. Eles habitam uma pequena casa construída com pedaços de madeira, que fica localizada bem próxima de um espaço reservado aos entulhos recolhidos por sua mãe quando ela está em boas condições de saúde e de exercer o direito ao trabalho.

Pedro apresenta alguns problemas de saúde tais como: uma sinusite que o acompanha desde que tinha 5 anos de idade, a consequência é o comprometimento da audição, diagnóstico feito pelo hospital Ernesto Dornelles, localizado em Porto Alegre, e hiperatividade do tipo impulsiva. Em função da sinusite, escorria de suas

narinas uma secreção abundante e constante, causando aversão em colegas, funcionários e professores. A busca por um atendimento médico que ajudasse esse menino a minimizar a exclusão foram inúmeras, atualmente, a secreção está controlada e sua convivência na instituição, satisfatória.

4.5 Caso 8: Marcos, o mascote

Marcos tem 9 anos, está na 3ª série do ensino fundamental, ingressou na instituição no ano 2006. Os pais estão separados desde a gestação do menino, a mãe relata que foi um período muito difícil com muitas brigas entre o casal. Ela diz que o pai é um “homem de lua”, há momentos em que reconhece o menino como filho, mas em outros não. Apesar de a mãe ter a guarda do filho, o ex-marido não aceita a permanência dele na instituição.

Ela diz que talvez pela gestação ter sido muito agitada, Marcos apresentou sono muito agitado e crises convulsivas até os 3 anos de idade. Ele teria feito um exame (eletroencefalográfico), e o resultado não acusou nenhuma alteração significativa, mas foi encaminhado para atendimento psicológico durante dois anos.

Marcos é um menino de estatura baixa para a sua idade. De tal forma, chamava a atenção por seu tamanho, sendo considerado o “mascote” da turma. De temperamento alegre, vivaz e inteligente, no entanto, ficava constantemente doente, quebrou o pé por duas vezes seguidas, o que acarretou seu afastamento das aulas e da instituição por longo período. Nas raras vezes em que o pai compareceu a instituição, apresentava comportamento inquieto, e insatisfação por ter o filho ali matriculado. Questionado sobre qual seria o seu temor por ter o filho estudando ali, sua resposta era sempre lacônica: “A mãe quis deixá-lo aqui para se livrar dele e arrumar seus namorados”. No entanto, a mãe se fazia sempre presente. Na visita que a Assistente Social fez à casa de Marcos, encontrou a mãe bastante presente, ao contrário do pai que, por ter constituído outra família, pouco visitava o menino, sua justificativa era de que seu emprego como “motoqueiro” exigia muito dele. Marcos vivia dividido entre as diferentes vontades dos pais de mantê-lo na instituição, mas talvez o mais difícil fosse conviver com a raiva que nutria pela relação dos mesmos. Infere-se que a raiva era tanta, que transformava a relação deles num cabo de guerra, onde a única solução possível para Marcos era o adoecimento e o esfacelamento ósseo, talvez numa tentativa de que com a

fragmentação de seu corpo pudesse contemplar aos desejos contrários dos dois, para assim não perdê-los. Nas vezes em que esteve com a psicóloga demonstrava sua ambivalência por estar estudando no Pão dos Pobres, mas principalmente revelava sua tristeza com relação ao relacionamento dos pais. E, por muitas vezes, percebeu-se que diante de tarefas que não queria realizar, negociava sua suspensão através da somatização. Parecia que o corpo cumpria a função de diluir as dores afetivas de uma família que insistia no rompimento de qualquer contato físico que a aproximasse para uma convivência amigável, onde o papel de pai e o papel da mãe pudessem estar estabelecidos mesmo que os laços amorosos entre aquele homem e aquela mulher estivessem rompidos.

No final do ano de 2007, a mãe estava na dúvida se renovaria a matrícula de Marcos para o ano 2008. No início deste ano estive no Pão dos Pobres e constatei que a mãe do menino fez opção por manter sua matrícula, perguntei ao Marcos como ele estava que me respondeu estar bem. Neste dia, a mãe tinha ido ao Pão dos Pobres para levar o menino ao médico, para uma consulta de revisão já que ele, no início do semestre, sofreu uma forte gripe, resultando no seu afastamento por uma semana das atividades escolares. Percebi que as relações familiares não haviam mudado e que Marcos continua tendo que adoecer para cumprir seu desejo de agradar a ambos os pais. Pois todas as vezes que vai ao médico, retorna para casa e, assim, contempla o desejo do pai de manter a vigilância sobre a mãe. A mãe é bastante presente e cuidadora, no entanto, necessita manter o filho matriculado no Pão dos Pobres para “poder trabalhar em paz” como ela mesma diz.

4.6 Caso 9. Juliano e o amor pela mãe

Juliano tem 9 anos, cursa a 3ª série do ensino fundamental, ingressou na instituição no ano 2005. Sua adaptação foi bastante difícil com o cuidador/professor, e com as tarefas de rotina da casa. Em muitos momentos chamávamos a mãe para que ela o levasse para casa. Observou-se que todas as vezes que ele retornava para a instituição, relatava que a mãe batia muito nele, forçando sua permanência na escola. Ele dizia: “Professora, minha mãe me bate, e diz que se eu contar, bate mais ainda”. Buscávamos sinais dessa violência e, no entanto, não encontrávamos. A equipe tem claro que, por muitas vezes, a violência a qual alguns alunos como o

Juliano se referem é verbal e afetiva, uma violência que rouba e fragiliza os afetos, embora não deixe marcas visíveis no corpo da pessoa violentada. Foi solicitado à Assistente Social que fizesse uma visita à casa dessa família, para tentar verificar o que realmente acontecia. A mãe relatou sua necessidade de manter o menino na instituição, para que pudesse trabalhar em paz, sabendo que o filho estava em segurança.

Considerando a resistência do menino em se adaptar, a mãe foi aconselhada a mantê-lo estudando numa escola perto de sua casa e que conseguisse o apoio da rede da comunidade para monitorar o filho. Já que o pai, o menino nunca conheceu. Pareceu à equipe do Pão dos Pobres que para o menino ficar longe da mãe e de sua comunidade representava-lhe uma perda de difícil superação pelo menos naquele momento. Assim mesmo, a equipe garantiu à mãe que a vaga de Juliano estaria sempre à disposição, desde que sua matrícula não representasse um sofrimento tão importante.

4.7 Caso 10: Manoel e as desculpas

Manoel tem 13 anos, ingressou na instituição na 5ª série do ensino fundamental. Os pais estão separados desde que o menino tinha 2 anos de idade. Nos últimos três anos, ele está morando na casa dos tios maternos, em função dos pais estarem em permanente briga com relação a quem caberia a responsabilidade pela criação e formação do menino.

Ao ingressar na instituição, Manoel apresentou algumas dificuldades de adaptação às tarefas a serem realizadas, principalmente, em relação à convivência com o grupo de colegas. Demonstrava comportamento agressivo e dificuldades de controlar os impulsos diante de situações que o contrariassem, no entanto, foi se adaptando à nova realidade e foi aprovado para as duas séries seguintes. Na 7ª série, voltou a ter dificuldades dentro da sala de aula, em uma das aulas de inglês vivenciou seu maior conflito com a professora. Fato que gerou sua suspensão por alguns dias da escola. Foi realizada uma reunião com os tios e o pai desse jovem, na qual foi analisada a situação e estabelecidas algumas regras que visavam a garantir muito mais o comprometimento da família junto a instituição e a responsabilidade com relação ao menino. Mas, a pergunta que sempre fazíamos a todas as famílias, era sobre o porquê da opção familiar em matricular o filho numa

escola como a nossa, com moradia? E a resposta era quase sempre a mesma: “Porque aqui ele terá um bom estudo, uma profissão e disciplina, coisas que me faltaram”.

O segundo questionamento era se o afastamento semanal não seria prejudicial ao relacionamento familiar? E a resposta das famílias era quase sempre bem incisiva, “se for para uma escola perto de casa não sei se vai mesmo para escola ou se vai ficar por aí. E eu preciso trabalhar. Como posso comprar o que ele precisa se eu ficar em casa?”

Para muitas famílias essa parece ser uma verdade absoluta, enquanto para tantas outras, notamos que o relacionamento dois pais é tão frágil, que os impossibilita de assumir esta responsabilidade. Alguns relatos nos fazem pensar que muitas daquelas crianças e jovens são frutos do encontro de pessoas que não conseguiram construir um sentimento de casal, não experimentaram sua união afetiva como acolhimento. Sendo assim, fica difícil oferecer acolhimento a um filho que não encontrou representação psíquica.

Depois desse fato, Manoel terminou o ano com sucesso e concluiu o ano seguinte da mesma forma, tendo permanecido apenas para concluir o curso profissionalizante.

4.8 Caso 11: Éder e a reprovação que não deu certo

Éder tem 14 anos, está na 7ª série do ensino fundamental, os pais estão separados desde que o adolescente tinha cinco anos de idade. Seu encaminhamento ao setor de psicologia ocorre em 2004, período em que a mãe foi solicitada para algumas entrevistas a fim de esclarecer porque aquele menino mantinha atitudes tão agressivas com os colegas e, por vezes, com os cuidadores/professores. Sua mãe relatou a história de sua gestação e parto, como momentos difíceis por causa das muitas brigas entre o casal. Dizia “não poder com filho”, pois ele não a respeitava, tinha dificuldades para seguir suas orientações e que o pai “não ligava para o filho”. Levando em consideração a faixa etária, que caracteriza a primeira fase da adolescência e as relações familiares bastante conflituosas fazia, pelo menos, algum sentido que, nesse momento, o adolescente apresentasse um comportamento impulsivo e um baixo rendimento escolar.

No final daquele ano, Éder foi reprovado na 7ª série. Conversamos sobre essa reprovação e sobre seu desejo de sair da instituição. Ponderei com ele se sua decisão não seria contraditória, pois, ao mesmo tempo, ele queria sair da escola para trabalhar, mas ao ser reprovado, acabou retardando sua saída. Ele estava convencido que a instituição o desligaria, caso fosse reprovado. Ficou muito surpreso quando disse que não. Nós estávamos ali para participar da formação dos alunos e não para julgá-los. Que o desligamento de qualquer aluno de nossa escola passava por um critério bastante simples: o desejo de permanência do próprio aluno e de sua família.

No ano seguinte parecia que tinha entendido que podia trabalhar a seu favor, foi aprovado e concluiu o ensino fundamental, durante a formatura demonstrava sua alegria por ter conseguido vencer aquela etapa.

4.9 Caso 12: Bred e o difícil retorno

Bred ingressou na instituição na 3ª série do ensino fundamental, no ano de 2004, tinha 10 anos. Era um menino de origem indígena, os pais estavam separados desde que o menino completou 2 anos de idade. A mãe, em seguida, passou a viver com um novo companheiro. Esse relacionamento era bastante marcado pela violência verbal e física, conforme o relato da mãe. Ela dizia que o pai biológico do menino era alcoólatra, que o companheiro era boa pessoa, e só ficava violento quando usava muito álcool, e que além dessa substância usava maconha e, algumas vezes, cocaína. E que, ela também tinha sido usuária de cocaína durante muito tempo, período em que pensou em suicídio algumas vezes. Informou que fazia 8 anos que não usava mais. Que atualmente seu trabalho era vender o artesanato que fazia, no Parque da Redenção junto com seu companheiro.

Bred é um menino vivaz, bastante agitado, com muita dificuldade para a higiene pessoal, mas, principalmente, na organização de seus objetos pessoais. Seu jeito afetivo logo conquistou a todos, mas não conseguia seguir a rotina da casa. Cumprir horários era sempre muito difícil. Como sabia onde a mãe trabalhava, era comum que quisesse sair da instituição em busca dela, o que nos causava muita apreensão. Outro motivo de apreensão era com relação ao seu retorno nas segundas-feiras para a instituição, dia em que todas as crianças retomam as atividades na escola moradia/instituição. Para Bred esse retorno costumava ser

difícil. Ele se preocupava muito com o relacionamento de sua mãe com o seu padrasto, parecia que a desorganização vivida na instituição era o reflexo de sua preocupação com a família. Como a gestação e o início de sua infância foram bastante conflituosos em razão do uso abusivo de drogas por sua mãe e depois durante o esforço da mãe por se desintoxicar, parecia-nos que a agitação de Bred remetia para esses fatos. Por essa razão, decidimos manter contato constante com a mãe, justamente para que Bred pudesse ter segurança e tranquilidade no Pão dos Pobres. Essas reuniões eram sistemáticas. No entanto, a partir deste ano a mãe resolveu transferir o menino para uma escola perto de sua casa, alegando que seria melhor para seu filho. Conversamos com ela se não seria interessante criar para o menino uma rotina com alguns horários, com ênfase nos cuidados pessoais e de higiene, além da mãe tentar diminuir os conflitos com o padrasto, já que esse era o foco de tensão para Bred.

Bred parecia bastante feliz com a decisão de sua mãe.

4.10 Caso 13: Renan

Renan tinha 9 anos quando ingressou na instituição, no ano 2005, cursaria a 3ª série do ensino fundamental. A mãe de Renan teve que buscar na justiça o reconhecimento da paternidade, pois o pai biológico negava-se a tal reconhecimento. O resultado do exame foi divulgado em janeiro de 2006, logo em seguida Renan ficou um mês na casa do pai, no entanto, o relacionamento entre os dois foi difícil. O pai faz uso abusivo de álcool e de cocaína já há algum tempo. O pai foi diagnosticado como portador de Transtorno Bipolar, tendo sido encaminhado para tratamento psiquiátrico e psicológico no posto de saúde (PAM 3), recebendo tratamento medicamentoso e, atualmente, está em abstinência. Os avós maternos também faziam uso abusivo de álcool, a mãe diz ter muito medo que seu filho venha a ter os mesmos problemas. Renan apresenta um sangramento intenso e espontâneo no nariz, o que nos deixou bastante preocupados. Em entrevista com a mãe, ela relata que toda vez que o menino ficava nervoso tinha essa reação, mas que os médicos investigaram e não encontraram nada significativo nessa região.

O comportamento e as atitudes de Renan no Pão dos Pobres são bastante adequados, tem boas notas, cumpre com a rotina da casa, fala pouco sobre sua história pessoal e sua mãe está bastante presente.

4.11 Caso 15: Lemos e a agressão desnecessária

Lemos ingressou na instituição na 3ª série do ensino fundamental, os pais são separados e ele tem três irmãos. Os pais sempre tiveram problemas com o uso abusivo de álcool, a mãe trabalha numa prefeitura no setor de limpeza urbana e seu companheiro trabalha, segundo o pai biológico de Lemos, no tráfico de drogas. O pai biológico costuma trabalhar como ajudante de obras. A mãe já esteve internada com o diagnóstico de depressão e as condições financeiras da família sempre foram difíceis, por isso optou por colocar Lemos no Pão dos Pobres. O jovem apresentou as dificuldades esperadas no seu ingresso, mas logo em seguida adaptou-se à rotina e aos horários do Pão dos Pobres. Sua trajetória na instituição é repleta de fatos interessantes. Até os onze anos sua adaptação a casa era tão forte, que durante esse período dizia que seu maior sonho era ser pagodeiro, que estudar seria uma forma de aprender a escrever as letras das músicas que comporia, vivia pela instituição tocando e tentando compor letras de música. Sempre foi muito responsável e envolvido nas atividades na casa. Com as transformações inerentes da adolescência sua conduta sofreu algumas alterações, como é comum nesta fase do desenvolvimento. Ficou mais reservado, distraído na sala de aula, suas notas diminuíram e, por vezes, foi agressivo com professores pelos quais dizia ter apreço. No momento desse ato agressivo, Lemos relatou que o pai vinha se excedendo no álcool, que ele não aceitava o companheiro da mãe e das muitas brigas com as irmãs e que, portanto, quando chegava à instituição “não tinha mais paciência para mais nada”. Foram muitas as conversas e encontros com a mãe. Em certo dia ele e um colega da mesma idade brigaram. Momento bastante difícil para eles e para a instituição, pois eram dois alunos por quem toda a equipe de profissionais nutria um grande carinho. Dessa desavença resultou a perna quebrada do colega. Esse jovem, vítima da agressão de Lemos, possuía um irmão na instituição, cujo pai estava preso num instituto penal por homicídio. A causa desse assassinato teria sido a desconfiança que esse homem teria de que sua esposa mantinha um caso amoroso extra-conjugal. Sua esposa e mãe do jovem cuja perna fora quebrada por Lemos, trabalhava em uma casa noturna e, por vezes, tinha dificuldades para comparecer no Pão dos Pobres quando solicitada. No entanto, após seu filho ter sido vítima dessa agressão, ela compareceu à instituição para exigir o desligamento de Lemos da instituição. Fazia certa ameaça velada, dizendo que se não

tomássemos alguma “providência ela ou o marido fariam”. Entrementes, Lemos fazia parte de um grupo de jovens para os quais o Rotary dava apoio e ajuda para o desenvolvimento social e cultural.

Foram momentos difíceis, muitas reuniões com as duas famílias, com os jovens envolvidos e apenas uma certeza: não queríamos desligar nenhum dos dois. E essa foi a decisão, através do diálogo constante conseguimos demover os sentimentos de raiva, de revanche ou vingança familiar.

No final desse ano 2006 ambos foram aprovados, Lemos concluiu o ensino fundamental e continuou apenas no curso profissionalizante. Seu colega permaneceu para concluir o ensino fundamental e o curso profissionalizante.

É muito difícil avaliar o sentimento dessas famílias e, principalmente, como esses jovens percebem-se a si mesmos e como se constroem como pessoas nessa convivência demarcada pela violência desmesurada.

4.12 Caso 17: Azevedo, a casa como caminho de mudança

A mãe de Azevedo buscou uma vaga na instituição no ano de 2005, ele tinha onze anos e estava na 4ª série do ensino fundamental. Ela relatou sua preocupação em cuidar do filho, pois sofria de depressão e estava medicada com: Fluoxetina¹, Anafranil² e outro remédio que não lembrava. O filho, nos últimos seis meses, esteve em atendimento psicológico e psiquiátrico, com o diagnóstico de Transtorno Hiperkinético e também, sugere segundo mãe, Transtorno Bipolar. Foi medicado com Haldol³ e Ritalina⁴ e durante a entrevista o jovem teve dificuldade para responder as perguntas que lhe foram feitas.

¹ Fluoxetina é uma medicação antidepressiva da classe dos inibidores selectivos da recaptção da serotonina. Suas principais indicações são para uso em depressão, transtorno obsessivo-compulsivo(TOC) e bulimia nervosa. É utilizado na forma de cloridrato de fluoxetina, como cápsulas ou em solução oral. Conforme consulta ao Dicionário on-line Babylon, disponível em <http://www.babylon.com/definition/Fluoxetine/Portuguese>, acesso em 30/02/2009.

² O princípio ativo do anafranil é a clomipramina, um antidepressivo tricíclico, portanto um dos mais antigos antidepressivos. Consulta ao site Psicosite, sob responsabilidade do Dr. Rodrigo Marot, Médico Psiquiatra. Disponível em <http://www.psicosite.com.br/far/and/anafranil.htm>, acesso em 30/02/2009.

³ Haldol é o haloperidol, um neuroléptico do grupo das butiroferonas. Além da indicação para sintomas psicóticos pode ser usado para controle de agitação, agressividade e outras perturbações mentais. Consulta ao site Psicosite, sob responsabilidade do Dr. Rodrigo Marot, Médico Psiquiatra. Disponível em <http://www.psicosite.com.br/far/and/anafranil.htm>, acesso em 30/02/2009.

A mãe relatou que estava separada há quatro anos, pois o pai do menino era muito violento, e ela não suportou mais. Que havia passado no vestibular da ULBRA, mas não poderia pagar. Era uma mulher jovem, tinha sido mãe aos quinze anos de idade. E que gostaria de uma oportunidade de colocar o filho naquela instituição para poder recomeçar sua vida.

O relato sucinto desse caso se faz necessário para que possamos ter uma idéia da demanda crescente de pedidos de vaga nessa escola com moradia escolar, e também pelas condições tão precoces com que esses jovens são medicados para suportar a fragilidade dos vínculos afetivos. E que para muitas famílias essa instituição é um caminho de proteção e de dignificação de suas vidas.

4.13 Caso 18: Silva, sucessão de abandonos

Silva ingressou na instituição no ano de 2003, período em que o processo de ingresso dos alunos era feito diretamente com o Diretor da instituição. No ingresso, preenche-se uma ficha, onde constam todos os dados da criança e a assinatura do responsável perante a instituição. No caso de Silva o responsável foi Beatriz, tia do menino, que em seu relato dizia do abandono do mesmo, já que os pais haviam falecido e que os parentes cuidavam como podiam. No entanto, no ano de 2004 essa assinatura era de outra pessoa, no momento da renovação da matrícula o Sr. Paulo, que era um vizinho que conhecia a história de Silva e naquela época trabalhava no Conselho Tutelar como conselheiro, passou a responder por Silva.

As queixas mais comuns oriundas da escola com relação a Silva eram: falta de interesse nas atividades escolares, o não cumprimento dos prazos na entrega de trabalhos e dificuldades para controlar os impulsos todas as vezes que os colegas o contrariavam. Era muito comum os encaminhamentos vindos dos professores, alegando sua falta de respeito. Num determinado dia, a professora de Língua

⁴ A ritalina é o metilfenidato, um estimulante do grupo dos anfetamínicos. Suas principais indicações são para o tratamento do déficit de atenção com hiperatividade em crianças e depressão no idoso. Existe muito preconceito contra essa medicação, mesmo por parte de médicos. Apesar das substâncias desse grupo serem muitas vezes usadas de forma ilegal por proporcionarem estados alterados de consciência. Sua eficácia e segurança médicas quando são usadas corretamente, estão

Portuguesa disse que ele não tinha o livro de sua disciplina e por isso lia o jornal que estava ali. No entanto é comum presenciar os professores da escola formal terem muitas dificuldades para dar aula a esses alunos que não possuem o material escolar. Por sua vez, os alunos encontram nesse processo aversivo dos professores, o estímulo necessário para preencher a falta material e afetiva deles. Por isso os constantes incômodos na sala de aula estão carregados de sentido, infere-se que é dentro desse aparente caos que as emoções conseguem ser canalizadas e reconhecidas como num calidoscópico.

Durante esse ano o Sr. Paulo foi chamado muitas vezes na instituição, e nos finais de semana a convivência entre os dois era muito difícil. As histórias que evoluíam o nascimento e os pais biológicos de Silva, eram sempre confusas e entrecortadas com outras histórias que não se complementavam, apenas acrescentavam mais informações. No final do ano, Silva foi reprovado na escola e o seu cuidador disse que não renovaria a sua responsabilidade junto à instituição com relação ao jovem. Alguns contatos foram feitos com o Conselho Tutelar da região, no entanto, a sensação era de impotência, já que vários tinham sido os cuidadores até aquele momento para Silva, e entre um e outro pseudo-responsável, Silva experimentou alguns períodos de sobrevivência nas ruas de Porto Alegre.

É justamente diante desses jovens que percebemos as limitações de toda uma equipe e principalmente a ausência de técnicas pedagógicas que sejam capazes de reconhecer na falta dilacerante desses jovens, uma oportunidade de aprender com Paulo Freire o seguinte: “que o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Ensinar inexiste sem aprender e vice versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar.” (2000, p. 25).

Entendo que nós educadores não estamos instrumentalizados o suficiente pelos bancos acadêmicos para lidar com muitos dos desafios que envolvem a difícil arte da educação do homem, que exige reconhecer em cada sujeito, a fonte da técnica pedagógica.

4.14 Caso 19: Edson e a história dos assaltos

Edson ingressou na instituição na 4ª série do ensino fundamental com 10 anos, os pais estavam separados há cinco anos e não mantinham uma relação amigável. A mãe desse jovem tinha voltado a estudar e trabalhava numa empresa que estava proporcionando uma melhora financeira. Ela sempre dizia ter pouco tempo para ir à instituição acompanhar o filho nos eventos ou quando era solicitada pela equipe técnica.

Edson mantinha um comportamento bastante adequado no Pão dos Pobres. Uma alteração nesse comportamento foi ocorrendo na medida em que sua idade foi avançando e inicia a adolescência. Progredia, mesmo assim, para as séries seguintes sem problemas maiores.

Passou a relatar que no caminho de casa para a instituição teria sido assaltado várias vezes, e a criar algumas histórias que quando confrontadas se desfaziam. Com o tempo percebemos que o interesse dele era poder estudar perto de sua casa, já que a mãe estava em condições financeiras melhores e refazendo sua vida afetiva.

A mãe teve muita dificuldade para aceitar o desejo do filho de estudar perto de casa, ainda assim ele foi morar com ela todos os dias da semana. Essa foi a combinação proposta pela equipe técnica para ela.

4.15 Caso 20: Lino, dando voz às emoções

Lino ingressou no Pão dos Pobres no ano de 2004, com 11 anos, na 4ª série do ensino fundamental. Os pais estavam separados há alguns anos, a mãe trabalhava com uma carroça recolhendo objetos que poderiam ser vendidos para a reciclagem, é com essa atividade que sustenta e mantém a dignidade da família. O ex-marido que também trabalha na mesma atividade, não ajuda nas despesas com criação do filho, além disso, desenvolveu um quadro de alcoolismo moderado.

O início de cada ano é marcado pelo ingresso de várias crianças, em média umas trinta. Nesse ano em que Lino entrou na instituição logo fez amizade com outro menino, com idade parecida com a dele e com conduta semelhante. Adoravam percorrer o corredor onde estão localizados os dormitórios da 3ª e 4ª série e assustar os colegas. Situação que causou em todo grupo que iniciava, naquele momento, sua adaptação, sentimentos de medo e preocupação.

O jovem que havia feito amizade com Lino foi encaminhado para a escola Airton Sena porque necessitava pertencer a grupos menores, em função de suas dificuldades. Mas Lino continuou na instituição e com a mesma conduta, ficava muito brabo quando os colegas o chamavam de carroceiro. Como temos algumas crianças que os pais trabalham com esta atividade, são comuns algumas brigas em função dessa desvalia profissional. A maneira como eles encontram para se ofenderem mutuamente, é através de xingamentos envolvendo a família. É interessante salientar novamente que nessa instituição só estudam meninos, e parece existir uma preocupação constante em delimitar espaço em busca de domínio. Como estão numa fase entre a puberdade e a adolescência esse é um comportamento bem comum na busca da própria identidade.

Foram muitas as conversas com Lino, e numa delas ele fez o seguinte relato: que não gostava do pai, pois ele havia tentado abusar sexualmente de sua irmã. Lembrava que o pai tentou fugir com ele quando tinha cinco anos, de uma forma estranha, colocando-o dentro de um saco e que só não deu certo porque a mãe chegou a tempo de impedir a fuga.

Começamos a pensar se Lino também não teria sido de alguma forma abusado sexualmente por esse pai. Em conversa com a mãe, ela confirmou a história do menino, e que era exatamente por isso que não queria “nem saber do pai dele”. Parecia uma mulher forte, decidida e presente na vida do filho. E era muito claro que ele a respeitava e a reconhecia como figura de autoridade.

Estudar era uma atividade que não chamava a atenção de Lino, no entanto, parecia bastante inteligente, sensível e tinha uma boa voz para o coral. E foi justamente através do reconhecimento de suas potencialidades, que nos deparamos com um jovem responsável, que passou a tirar notas excelentes, a fazer parte do coral, tornando-se uma liderança bastante positiva para o grupo. Atualmente está terminando a 8ª série do ensino fundamental e o curso profissionalizante de marcenaria.

Refletindo sobre a trajetória de Lino no Pão dos Pobres nos parecia que sua conduta abusiva inicial de desrespeito havia dado lugar a uma conduta cuidadora, não só para si, mas para com os colegas também.

416 Caso 21: Braga em companhia da solidão

Braga ingressou na instituição no ano de 2004, com 15 anos, na 5ª série do ensino fundamental, em função do pedido de um Abrigo de Cachoeirinha. Seu comportamento no Pão dos Pobres chamava a nossa atenção, pois estava sempre solitário e gostava de brincadeiras que pudessem ferir os colegas.

Em conversa com uma profissional do Abrigo obtivemos o seguinte histórico: Braga vinha de uma família composta por mais seis irmãos, dos quais se sabe que dois tinham sido encaminhados para o Conselho Tutelar, dois eram maiores de idade e dois não se sabia o paradeiro. O motivo de Braga estar no Abrigo era devido ao fato do pai ser apenado e não haver responsável que pudesse cuidar desse jovem, já que ele não conseguia se adaptar ao convívio com o irmão mais velho que já estava casado. Não se submetia à rotina da casa do irmão e não colaborava nas tarefas, passava a maior parte do tempo na rua. Com isso retornou para o abrigo. Na instituição colaborava com as atividades, com relação aos estudos precisava de reforço sistemático.

Quanto à família, Braga tem mantido contato através de visitas aos finais de semanas à casa do irmão mais velho. Os demais membros não procuram pelo jovem. Trata-se de uma família desagregada que não oferece suporte emocional a ele, os vínculos são frágeis, e não há, por parte da família, movimento para acolhê-lo. O pedido por uma vaga no Pão dos Pobres foi realizado com a intenção de possibilitar um referencial na condução de um projeto de vida para o adolescente.

Em conversa com o adolescente, ele fez o seguinte relato: que teria sido alfabetizado com 10 anos. Relata que nos finais de semana ficava no Abrigo, e que o Conselho Tutelar fazia o seu acompanhamento porque o pai estava preso. Que morou com o pai até os treze anos, que a mãe havia morrido de câncer e de complicações do parto de sua irmã mais nova. Que o pai, naquele momento, estava foragido do sistema penal e que o mesmo bebia um pouco e que teria sido preso, por abusar sexualmente de uma das irmãs.

Foi perguntado qual o sentimento que tinha pelo pai, e sua resposta foi imediata: “gosto dele, mas, às vezes, tenho raiva”. Dizia ser normal e que tudo a sua volta também era normal. Que não gostava de psicólogos e nem de desenhar.

Seu comportamento tanto na escola formal quanto no local de moradia era de estar sempre sozinho, e sem se envolver nas atividades da casa. Sua

preferência era por se aproximar das crianças da 3ª série para impor brincadeiras violentas. O que nos deixava atentos e preocupados.

Apresentava um número de faltas significativo, o que nos fazia estar em constante contato com o Abrigo. No final do ano, Braga não conseguiu aprovação na escola e dizia não querer ficar. Dizia gostar do Abrigo e era evidente que nosso controle sistemático sobre ele, o incomodava. Nosso foco é sempre a proteção de todos os alunos, principalmente os iniciantes na instituição e os pequenos da 3ª e 4ª séries. Levando em consideração as atitudes tomadas por diversas vezes com os meninos pequenos, entendemos que a instituição não estava em condições de ajudar esse jovem. Infere-se que algumas pessoas sofrem um processo de retaliação interna tão marcante, que as relações de vínculos propostas passam a ser baseadas na dor do rompimento do próprio vínculo.

4.17 Caso 23: Mattos, um reflexo das sensações da mãe

Mattos ingressou na instituição em 2003 na 3ª série do ensino fundamental, com 10 anos de idade. Mora com a mãe na casa da avó materna. Não tem contato com o pai há pelo menos cinco anos. A mãe relata ter muitas dificuldades financeiras, e de não gostar de morar com a avó do menino, pois brigam muito.

Mattos parecia entender a necessidade de estudar e morar no Pão dos Pobres durante a semana. Seu comportamento era sempre engajado nas tarefas e muito esforçado na escola. Apresentou alguns problemas de saúde como: anemia, sinusite e um quadro de ansiedade generalizada o que deixava toda a equipe em alerta.

Situações que foram encaminhadas junto à mãe para avaliação médica no posto de saúde. A mãe dizia ser muito nervosa e que Mattos era como ela, e assim que ela conseguisse um emprego e pudesse morar só com filho iria melhorar. Algumas vezes ela era solicitada à instituição e não comparecia, o que deixava o menino triste, e levou o serviço social fazer algumas visitas nesse domicílio. O comportamento da mãe, algumas vezes, parecia negligente, no entanto, como ela tinha limitações financeiras sérias e baixo entendimento cognitivo, a percepção de uma conduta negligente perdia sua força.

Quando ela conseguiu emprego como zeladora de um edifício, pode mudar-se da casa da mãe, e morar só com o filho. Situação que deixou Mattos muito feliz e o ajudou a diminuir muito os sintomas da ansiedade.

É um jovem que vem conseguindo sua aprovação na escola acadêmica e no curso profissionalizante de mecânica automotiva.

4.18 Casos 25 e 26: Os irmãos Breno e Bruno

Os irmãos Breno e Bruno ingressaram no Pão dos Pobres no ano de 2004, um na 3ª série e com nove anos e o outro, com onze anos, na 4ª série do ensino fundamental. Quem procurou a instituição em busca de uma vaga foi a irmã mais velha que é casada e não tem filhos. Os meninos, até completarem seis e oito anos respectivamente, moravam com a avó paterna. A partir dessa idade eles foram morar com a mãe e depois com o pai. A permanência dos meninos com os pais foi de apenas três meses, em função de maus tratos e negligência. Situação que levou a irmã a morar com os meninos, e a se responsabilizar pela educação integral dos mesmos.

O pai faz uso abusivo de álcool e, por isso, perdeu o seu emprego como açougueiro e não conseguiu mais se recolocar no mercado de trabalho. Atualmente sua sobrevivência se dá através de “bicos”, como ele mesmo relata. Por sua vez, a mãe passa longos períodos desaparecida.

A adaptação dos meninos à instituição foi bem tranquila, e a irmã desempenhava muito bem a função de cuidadora. Todas as vezes que eles apresentavam febre ou qualquer mal estar, ela se fazia presente e tomava as devidas providências.

Quando Bruno completou 13 anos e estava na 6ª série do ensino fundamental, seu comportamento mudou muito. Não frequentava as aulas com maior interesse, não entregava os trabalhos propostos pela escola, e dizia não querer mais morar com a irmã.

Alegava que o cunhado era muito chato, impunha muitas regras e por isso não queria mais morar com eles. Dizia querer morar com o pai e que necessitava dele. O ano de 2006 foi bastante conturbado para Bruno, sua irmã e a instituição. A equipe pedagógica da instituição fez algumas reuniões com o Bruno e sua responsável com a intenção de removê-lo da idéia de morar com o pai. Éramos do

entendimento que o pai não estava em condições de acompanhar a educação de um adolescente.

Como Bruno mantinha-se rígido em seu propósito de mudar para casa do pai, e também já não cumpria as regras propostas pelo cunhado e sua irmã, resolvemos ter uma reunião com o pai do menino.

Nesse encontro, o pai relatou suas dificuldades em controlar o uso abusivo do álcool, suas dificuldades financeiras e a situação precária em que vivia. Disse ter trabalhado durante muito tempo como açougueiro, mas que em função de sua doença perdeu o emprego e não mais conseguiu voltar ao mercado de trabalho. Dizia, no entanto que se o filho queria morar com ele, aceitaria.

O comportamento de Bruno revelava sua insatisfação em morar com a irmã e o cunhado, bem como de estudar em escola de turno integral com moradia. Esse desejo do adolescente se refletia até na maneira de se vestir, usava apenas roupas pretas e muitas correntes pelo pescoço e atravessadas nas calças. Seu irmão seguia de forma tranquila no Pão dos Pobres, morando com a irmã e dando continuidade ao seu processo de desenvolvimento afetivo de forma adaptativa.

No final do ano de 2006, Bruno saiu do Pão dos Pobres. Foi morar com o pai e estudar numa escola de sua comunidade. Em 2007 fez algumas visitas a nossa escola, dizia estar bem, mas não era o que nos parecia.

Enquanto Bruno parecia ter necessidade de viver sem muitas regras, com vários piercings pelo corpo e a constante cor preta na roupa. Infere-se que talvez seja dessa forma que conseguia se aproximar da identificação com os pais. Rompendo os laços de proteção, dificultando encontrar conforto em figuras substitutas e se pondo em situação de vulnerabilidade afetiva.

Quando pensamos em Breno e Bruno, nos reportamos aos ensinamentos de Paulo Freire, com relação à aprendizagem e autonomia. “Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente.” (2005, p. 85).

Será que em plena crise da adolescência temos condições de refletir, avaliar e tomar as melhores decisões que envolvem nossa história?

4.26 Casos 27 e 28: O choro de Beto e a alegria de Assis

Beto ingressou na instituição em 2004, na 4ª série do ensino fundamental. A mãe dizia que a família enfrentava muitas dificuldades financeiras e que, por vezes,

não tinham o que comer. Durante esse ano, o menino não demonstrou sinais de adaptação, seu choro era intenso e com frequência quase diária. Todas as iniciativas para convencê-lo a permanecer no Pão dos Pobres, não encontravam eco nas emoções de Beto, por mais que ele tentasse compreender as necessidades da família.

No ano de 2005, a mãe de Beto resolveu matricular o irmão mais novo, chamado Assis, na 3ª série do ensino fundamental. Tinha a esperança que seu filho na companhia do irmão conseguiria permanecer na escola. Assis teve uma adaptação fantástica, levando em consideração sua idade de 10 anos.

Beto continuava com seu lamento pelos corredores do Pão dos Pobres, enquanto Assis vibrava com as mudanças na rotina de sua vida. Enquanto Beto utilizava o corpo, através da somatização, para denunciar sua contrariedade por estar ali, Assis se adaptava e tentava consolar o irmão.

Até o ano de 2007 acompanhei os irmãos, a evolução era bem positiva, não tiveram nenhuma reprovação na escola. Passaram a interagir bem com o grupo e a suportar a ausência da mãe ao longo da semana. As atividades na oficina de teatro, capoeira e música e o apoio do corpo técnico ajudaram muito nesta evolução.

4.20 Caso 30: Vaz, disputando espaço pelo amor da mãe

Vaz ingressou no Pão dos Pobres no ano 2004, com nove anos, na 3ª série do ensino fundamental. Os pais estão separados desde que o menino completou cinco anos. Sua adaptação foi tranquila, no entanto percebíamos que os pais compareciam raramente no Pão dos Pobres. Vaz costumava dizer que a mãe não gostava dele, apenas do namorado.

No ano de 2006, Vaz apresentava comportamento bastante agitado, estava na 5ª série e passou a ter problemas em suas notas escolares, fato que antes não ocorria. Num determinado dia, depois de várias reclamações dos professores, ele procurou uma professora para conversar. Explicou o seguinte: “Não agüento mais minha mãe, passo a semana toda fora e quando vou para casa ela não tem tempo para mim. Já por duas vezes a peguei transando com o namorado. Não agüento mais isso”.

A partir desse relato do menino, a equipe técnica fez uma reunião com a mãe e o namorado. Conversamos sobre a rotina de Vaz na instituição e tentamos esclarecer como era a da família, principalmente nos finais de semana.

A mãe fazia um relato ameno, quando surpreendida pelo relato da equipe técnica baseada nos fatos trazidos por Vaz.

Ficou esclarecido que o menino falara exatamente sobre o que de fato ocorrera. Ela dizia pensar que o filho estava dormindo, quando mantinha relação sexual com seu atual companheiro. Os dormitórios estavam separados por um armário apenas. Fizemos algumas combinações com a mãe, e solicitamos que viesse mais frequentemente a instituição. O ano de 2007 foi mais tranquilo, no entanto, no final desse ano Vaz e sua mãe decidiram pedir transferência para uma escola mais perto da casa deles.

4.21 Caso 31: Cruz, mutilando afetos

Cruz é um jovem que ingressou na instituição no ano 2003, na 5ª série do ensino fundamental, era oriundo de uma escola estadual, que em seu relatório sobre o aluno registrava: “Que os responsáveis não compareciam a escola, que o aluno não se comprometia com as atividades escolares e faltava muito as aulas”.

Cruz foi criado pelo avô materno, pois sua mãe havia falecido, era uma dependente química, havia desenvolvido síndrome da imunodeficiência adquirida (HIV) vindo a falecer. O pai era dito como ignorado, mas o avô nos relatou que, na realidade, ele nunca teria querido reconhecer a paternidade. O avô nunca conseguiu que Cruz cumprisse uma rotina de horários ou atividades dentro de casa, o adolescente passava muitas horas na rua e retornava quando bem entendia.

O ingresso na instituição foi bastante interessante, quis impor seu domínio sobre alguns colegas e como tinha características de liderança, não foi difícil. Dentre suas características, uma que chamava atenção, é que ele não se envolvia diretamente em alguma situação que o colocasse em conflito com as normas do Pão dos Pobres, seu papel era organizar as ideias e deixar que os colegas se arriscassem. Era bastante envolvente em sua fala e sempre andava com sua mochila nas costas mesmo que estivesse desenvolvendo alguma atividade na instituição. Demonstrava inteligência, mas não gostava muito de estudar, fato que deixava os professores muito preocupados. Foram muitas as vezes em que se

envolveu em atritos com os colegas. O avô sempre demonstrava sua preocupação com a perda da vaga, dizia precisar muito que Cruz ficasse nessa escola com moradia e a equipe também entendia assim. O ano de 2005 foi bastante conflituoso, Cruz vinha ajudando alguns colegas a colocarem *piercing* sem as condições de higiene necessária para evitar os processos inflamatórios decorrentes desses procedimentos. O que mais preocupava era suas tentativas de fazer tatuagem com as tesouras escolares. Muitas foram às tentativas de ajuda psicológica, no entanto, ele só aceitava participar dos momentos de relaxamento com música. Dizia “não sou louco para ir ao psicólogo”, alegava ainda que depois todos caíam “em sua pele por estar indo ao psicólogo”. Essa era uma justificativa um pouco questionada, pois o serviço de psicologia existe no Pão dos Pobres desde 1998, ano em que, com o trabalho de estagiários de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica através de convênio, todos os alunos instituição passaram a participar de atividades nesse setor. O objetivo de atender todos os alunos era, justamente, neutralizar tanto o senso comum dos meninos acerca da loucura dos atendidos pelo Setor, quanto os encaminhamentos feitos pela equipe que ali trabalha, no sentido de atribuir uma razão psicológica individual para os alunos com dificuldades de aprendizado ou de disciplina escolar. O serviço de psicologia tinha sua maior preocupação em atender a esses jovens, porém, sem criar mais estigmas. A partir dessa experiência de atendimento oferecido a todos, transformou-se o senso comum de docentes e discentes. Uma nova situação foi alcançada, considerando que os próprios alunos passaram a buscar o atendimento psicológico e quando, por algum motivo, isso não era possível eles demonstravam contrariedade. Para o caso de Cruz foi sugerido e se conseguiu um atendimento psicológico com um profissional externo à instituição para atendê-lo, porém ele só compareceu a duas sessões.

A parte acadêmica da escola desenvolve suas atividades na parte da manhã e atende a alunos de toda a comunidade. Como é uma escola regular de ensino fundamental, recebe alunos de primeira a oitava séries, o que significa dizer que temos alunos de seis anos em diante. Numa determinada manhã, Cruz resolveu tatuar o próprio braço com uma tesoura escolar durante o recreio, o que causou muita confusão e excitação nos alunos da primeira série, que ficaram muito assustados com o sangue que corria no braço de Cruz. No final desse ano, em reunião com o avô de Cruz concluímos que o atendimento psicológico seria muito importante, mas não poderíamos obrigá-lo a realizá-lo. O avô, depois de informado

de todos os acontecimentos, resolveu tirar Cruz do Pão dos Pobres e disse que irá para o interior com ele, assim, no final desse ano, o jovem saiu.

Gostaria de encerrar esse caso relatando uma sessão de relaxamento da qual Cruz participou.

Sessão: Uma vez por semana tínhamos um encontro na sala de psicologia, era um atendimento em grupo, sempre com os mesmos meninos, no mesmo dia e horário, com duração de uma hora. Participavam seis jovens de cada vez, a idéia era proporcionar um ambiente o mais tranquilo possível, para isso eu diminuía a luz da sala, eles deitavam ou sentavam sobre algumas almofadas. Iniciava o encontro dando as boas vindas a cada um que chegasse naquele ambiente, colocava um CD que reproduzia sons da natureza tais como: o vento, a batida da água, o canto dos pássaros e, em seguida, ia colocando outras músicas. Era comum nesses momentos alguns meninos dormirem, no final da sessão eu perguntava como cada um tinha se sentido naquele dia. Alguns faziam comentário e, depois, retornavam para suas atividades. Num determinado encontro, Cruz deixou que todos fossem embora e me pediu para ficar. Disse-me: “Sabe sonhei com minha mãe, ela trazia uma mamadeira quentinha. Eu tomei tudo e ela sorria muito”. Depois ele ficou calado. Perguntei o que ele pensava naquele exato momento, respondeu que “em coisas boas. Mas, que na maioria das vezes em coisas ruins”, informou-me que tinha muita raiva do pai, “ele não quis nem me registrar, mas não estou nem aí”. No dia seguinte, quando nos encontramos ele disse que teria dormido bem à noite. No entanto, essa foi a última sessão que conseguiu permanecer até o final. Muitos profissionais tentaram movimentos no sentido de dar a Cruz um sentido para a sua filiação perdida, mas não conseguimos encontrar o caminho possível desse registro.

Muitas vezes, pensando em Cruz, na forma como lidava com seu corpo, ora perfurando, ora tatuando, percebo uma necessidade quase visceral de encontrar seu registro definitivo. A mamadeira da mãe não era mais suficiente, era preciso um registro paterno para que o corpo encontrasse um lugar para estar, um lugar no corpo para que Cruz superasse essa dupla negação: “não estou nem aí” que denega o desejo de “estar aí”.

4.22 Caso 34: Gabriel e o silêncio do afeto

Gabriel ingressou no Pão dos Pobres no ano de 1999, na 3ª série do ensino fundamental com doze anos. A mãe mal consegue assinar o próprio nome, trabalha no serviço de limpeza de um supermercado. Frequenta uma igreja pentecostal, tendo muita fé. O pai faleceu em decorrência de um derrame quando o menino contava com quatro anos de idade.

Gabriel é um adolescente de estatura compatível com sua idade, levemente acima do peso, olhos castanhos e cabelos pretos normalmente despenteados. É uma pessoa que se mostra tímida e um pouco distante no contato, mostrando-se calado na maior parte do tempo e fala baixo.

A mãe relata uma gravidez não planejada, mas diz que o desenvolvimento e o parto foram normais. Até o dia em que o pai de Gabriel morreu, ele era sua companhia por todas as horas do dia. O pai, já enfermo, ficava a maior parte do dia na cama e o menino preso ao berço. Com o falecimento do pai, o menino, então com quatro anos, foi para uma creche, período em que foi constatado o atraso no vocabulário, já que o mesmo não sabia falar quase nenhuma palavra, em virtude - segundo a mãe - da convivência onipresente com seu cuidador mudo que era seu pai.

Permaneceu um tempo um pouco maior que o normal, segundo a mãe devido à defasagem em relação à fala, no Maternal e Jardim da Infância e ingressou na primeira série do Colégio Paraná quando contava sete anos de idade. Esta série, Gabriel repetiu duas vezes, pois teve grandes dificuldades na alfabetização e, segundo sua mãe, apenas ria e brincava em aula.

Entrou na segunda série com dez anos e, novamente, repetiu duas vezes de ano. Teve dificuldade no aprendizado da Língua Portuguesa e não prestava atenção em aula.

Com doze anos, sua mãe conseguiu uma vaga para ele no Pão dos Pobres, na 3ª série. No início de sua adaptação não se sentiu muito bem pelo fato de ficar longe da mãe, mas com o tempo passou a gostar. Repetiu a terceira série e, depois, nas séries seguintes sempre obteve aprovação.

Na quinta série passou a receber atendimento de uma fonoaudióloga, de uma professora particular da Língua Portuguesa, na rediênciã da qual a mãe

trabalhava. Gabriel passou por um processo de Psicodiagnóstico realizado no Pão dos Pobres com o objetivo de verificar suas dificuldades e potencialidades.

Gabriel concluiu a oitava série na instituição Pão dos Pobres no ano de 2004, e atualmente, com vinte e dois anos nos visita eventualmente, diz estar trabalhando e morando com a mãe.

4.23 Caso 37 e 38: Rafael reagindo pela agressividade, Jonas expressando-se pela tranquilidade

Rafael e seu primo Jonas ingressaram no Pão dos Pobres no ano 2005. Rafael era filho adotivo de uma jovem mãe que lutava bravamente contra uma depressão que, por vezes, a mantinha internada no hospital Espírita de Porto Alegre. Jonas era o filho biológico dessa mãe.

Os motivos que levaram essa mãe a matricular os meninos no Pão dos Pobres eram basicamente dois: o bom ensino acadêmico oferecido e a proteção dada a seus filhos, principalmente, nos períodos de sua internação. Ela dizia que os parentes que moravam próximos de sua residência a ajudavam, mas que não poderiam se responsabilizar pelos meninos durante todo o tempo.

Enquanto Jonas se adaptava à instituição de forma tranquila, Rafael apresentava muitas dificuldades. O que poderia ser considerado normal, sendo ele adotado da forma como o foi. Nós seríamos seus novos pais adotivos? A mãe nos relatou que Rafael tinha sido deixado “na porta de sua casa dentro de uma caixa de sapato”. Sendo essa informação verdadeira, seriam compreensíveis as atitudes de Rafael. Talvez ele inferisse que seria deixado novamente na porta de nossa instituição.

No primeiro mês de adaptação, Rafael caiu do beliche onde dormia fato que lhe provocou um hematoma na testa, o que o levou a dizer que não queria mais permanecer ali. Foram inúmeras vezes em que a mãe esteve na instituição para convencer Rafael a permanecer no Pão dos Pobres, dizia que era uma forma de ele ajudá-la. Mas nada parecia convencê-lo, ele dizia que fugiria caso a mãe insistisse. Essa situação se agravava nos períodos de internação da mãe.

Enquanto Jonas seguia seu caminho dentro da instituição de forma tranquila, Rafael agredia a todos e a si mesmo. Uma das situações de agressão cometida por Rafael segue em seus pedidos de que a mãe o retirasse do Pão dos

Pobres, alegando sempre que queria estudar numa escola próxima de sua casa. Como a mãe sempre reforçava a necessidade de que ele permanecesse ali, Rafael ficava muito nervoso. No dia 26 de abril de 2006, o aluno depois de uma briga em sala de aula com outro colega, saiu da sala e queria sair da escola sem autorização do coordenador de turno e da professora. Como foi impedido, porque o portão da escola encontra-se fechado começou a chutar o coordenador Marcos e, em seguida, tentou se lançar contra o portão da escola. Foi necessário muita calma para tranquilizar o Rafael. Era mais um episódio que envolvia o menino e sua intolerância com o local no qual a mãe insistia em mantê-lo. Esse relato foi registrado na agenda da Psicóloga e do coordenador de turno do ano em questão.

No final de 2006, por mais que entendêssemos as necessidades da mãe, solicitamos que ela matriculasse Rafael numa escola perto de sua casa, que pedisse ajuda aos parentes mais próximos, mas não seria possível manter o menino naquela situação de tamanho sofrimento. A instituição, nesse caso, optou por respeitar o desejo do aluno contra o desejo da mãe.

A mãe de Rafael teve muita dificuldade para entender, mas acabou aceitando e seguiu nossa orientação. Seu filho Jonas permaneceu na instituição com relativo progresso, até porque as crises de Rafael deixavam Jonas bastante apreensivo.

Infere-se desse caso que para algumas pessoas a dor do abandono dilacera de tal forma o sujeito que o impede de compreender as necessidades da família. Acreditávamos que Rafael não suportaria um novo cuidador, mesmo que esse acenasse com algumas garantias de proteção. Não podemos esquecer que Rafael caiu do beliche e, desse modo, poderia estar demonstrando que a instituição não era merecedora de tal confiança, que não havia cuidado dele como a mãe havia lhe prometido. Esse fato, mesmo que involuntário de parte da instituição tinha grande repercussão nos afetos de Rafael.

Não seria quase impossível acionar a razão, quando estamos afetados por uma imensa avalanche de sentimentos que apenas dói?

4.24 Caso 39: Castro, a presença do pai

Castro ingressou na instituição no ano de 2005, na 4ª série do ensino fundamental, é filho de uma ex-moradora de rua com o diagnóstico de Esquizofrenia.

Transtorno caracterizado, em geral, por distorções fundamentais e características do pensamento e da percepção e por afeto inadequado ou embotado. A consciência clara e a capacidade intelectual estão usualmente mantidas, embora certos déficits cognitivos possam surgir no curso do tempo. A perturbação envolve as funções mais básicas que dão à pessoa normal senso de individualidade, unicidade e de direção de si mesmo. Os pensamentos, sentimentos e atos mais íntimos são sentidos como conhecidos ou partilhados por outros e podem se desenvolver delírios explicativos, a ponto de que forças naturais ou sobrenaturais trabalham de forma a influenciar os pensamentos e as ações do indivíduo atingido, de forma que são muitas vezes bizarros. (CID 20, 1993, p. 8).

As internações da mãe de Castro são constantes, o pai, Sérgio, é homem simples, muito dedicado tanto ao filho quanto à esposa. Fez-nos o seguinte relato: que conheceu a mãe de Castro vagando nas ruas de Porto Alegre, “que teria tido pena dela e a levou para morar com ele” e que tiveram esse filho.

Seu Sérgio impressionava a todos da instituição Pão dos Pobres, estávamos acostumados a acompanhar a dedicação das muitas mulheres que ali buscavam acolhimento e proteção para seus filhos, netos e sobrinhos. As figuras masculinas estavam sempre ausentes, eram quase sempre percebidas como vilões, as histórias relatadas por tantas mulheres traduziam quase que uma falência da figura paterna. O pai de Castro contrariava a regra, estava atento às necessidades do filho e da companheira.

O Serviço Social do Pão dos Pobres vinha fazendo uma campanha junto às mães dos alunos da instituição para que viessem ajudar na organização do quarto de seus próprios filhos. O objetivo dessa campanha era manter as mães próximas da instituição e ao mesmo tempo ajudar na organização dos pertences pessoais das crianças, que por vezes, ficavam muito desorganizados. Essa era uma tarefa difícil de realizar, as mães sempre alegavam dificuldades para se deslocarem à instituição para nos ajudar. O Serviço Social oferecia as passagens e prometia um lanche para quem viesse ajudar, mas era raro aparecer alguém.

Com o pai de Castro era diferente, ele vinha toda semana nos ajudar, passava algumas horas dentro da instituição colaborando com todos. Quando se aproximavam os festejos do dia dos pais, pela constante ausência dos pais, a

equipe técnica da instituição sempre refletia sobre a conveniência ou não de comemorá-lo, já que não aparecia quase nenhum pai. A presença de Sérgio nos fez pensar em realizar essa homenagem porque ele merecia ser lembrado de forma especial.

Castro era um excelente aluno na parte cognitiva, mas apresentava baixo controle sobre os impulsos agressivos. A presença de seu pai na instituição ajudava nesse controle.

No final do ano de 2006, seu Sérgio foi contratado por um período para trabalhar na instituição.

4.25 Caso 40: Igor

Igor ingressou na instituição em 2005 na 5ª série do ensino fundamental, com histórico de ter repetido a 3ª e a 5ª séries desta etapa da educação básica. No Pão dos Pobres, novamente apresentava dificuldades em várias disciplinas na escola. Em entrevista com a mãe ficou acertado sobre a necessidade de uma avaliação médica, em função do alto grau de dispersão, dificuldade de atenção o que sugeria também a necessidade de um acompanhamento pedagógico.

A mãe cumpriu todas as solicitações, foi diagnosticado Perturbação da Atividade e Atenção.

CID F.90.0 – Perturbação da Atividade e Atenção – Há uma incerteza continua a subdivisão mais satisfatória dos transtornos hiperativos. Entretanto, estudos mostram que a evolução na adolescência e na vida adulta está muito influenciada pela associação ou não à agressão, delinquência e comportamento antisocial. Em consonância, a principal subdivisão é feita de acordo com a presença ou ausência desses aspectos associados. O código usado deve ser F90.0, quando os critérios globais para transtorno hiperativo (F90. -) forem satisfeitos, mas aqueles para F 91. – (transtorno de conduta) não. Inclui: transtorno ou síndrome de atenção com hiperatividade. –Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. (CID 10, 1993, p. 259).

Igor a partir desses encaminhamentos teve evolução positiva na parte acadêmica, já que sua conduta no Pão dos Pobres não apresentava nenhuma alteração. Era considerado um menino bastante adequado para a sua idade.

4.37 Caso 41: Erick, furtos para recompensar o desamparo

Erick ingressou na instituição Pão dos Pobres em 2005, com onze anos de idade na 5ª série do ensino fundamental. A vaga foi solicitada por sua mãe adotiva,

pedido feito fora do prazo das inscrições, que ocorrem tradicionalmente no mês de agosto. No entanto, a instituição sempre que pode, acolhe os pedidos de vaga feitos pela comunidade, em casos especiais. O que impressionava na história desse menino, eram as vivências traumáticas. A mãe adotiva relatava os seguintes fatos: a mãe biológica morreu vítima do vírus HIV há sete anos, o pai morreu baleado e era dependente químico.

Erick havia morado com os pais biológicos até os quatro anos de idade. Com a morte da mãe, o menino foi morar com o tio materno. Situação que durou dois anos, depois desse tempo o tio começou a negligenciar os cuidados, com isso o menino vivia pelas ruas da Restinga, bairro popular de Porto Alegre, revirando o lixo, na tentativa de encontrar algum alimento. E por vezes dormia no mesmo local.

A mãe adotiva é dona de um comércio na Restinga, já tem seus filhos criados e emancipados, mas ao acompanhar a história de Erick “tinha muita pena”. Foi quando ela decidiu entrar com pedido de guarda e tentar adotar o menino, mesmo que toda a sua família fosse contrária ao seu desejo.

Erick estava repetindo a 5ª série, era um menino de estatura baixa, muito alegre, mas apresentava comportamento de risco constante. Sua dificuldade em controlar os impulsos, o fazia estar constantemente furtando objetos de seus colegas. Como a responsável tinha uma situação financeira confortável, era comum ele trazer para a instituição sempre algum dinheiro e objetos de qualidade superior aos de seus colegas.

Começamos a perceber que alguns colegas mais velhos do que ele, detectaram que Erick tinha baixa compreensão cognitiva, um déficit emocional muito grande, e que, portanto, poderia ser foco de muita exploração.

Infere-se que Erick praticava esses furtos na tentativa de controlar a imensa angústia gerada pelo dor do desamparo e pela restrição severa que antes sofrera em suas necessidades básicas. Uma possível saída seria a instituição e a mãe adotiva assumirem juntas a missão de amenizar tamanha desorganização interna.

No final do ano de 2005, a equipe da instituição chegou à conclusão de que talvez a melhor saída para esse menino não seria estudar numa escola como a nossa. Erick necessitava que a mãe adotiva o adotasse realmente. Ela tinha condições financeiras de mantê-lo próximo dela e providenciar os atendimentos que ele tanto necessitava.

4.27 Caso 42: O mundo a parte de Bruno

Bruno ingressou no Pão dos Pobres no ano 2004, na 4ª série do ensino fundamental, com nove anos de idade. Sua adaptação à instituição foi considerada normal. No entanto, em março desse mesmo ano, ele foi encaminhado pela professora ao serviço de psicologia para uma avaliação, com alegação de baixo rendimento escolar. Iniciava as tarefas requisitadas, mas não conseguia concluí-las. Participava de brigas fora de sala de aula, colocando-se em situações de risco. Além disso, Bruno apresentava dificuldades na coordenação motora e pouca tonicidade muscular para um menino de sua idade, observação feita durante as aulas de capoeira.

Segundo a professora ele era disperso, “vivia num mundo só dele, não para na cadeira, e que não era bem aceito pelos colegas”.

Em entrevista com os avós paternos foram relatados os seguintes fatos: os pais biológicos estavam separados desde os dois anos de idade do menino. Ele teria um irmão mais novo com sete anos, e ambos moram com os avós e o pai.

A relação do menino com o pai é boa, mas de vez em quando apanha se faz alguma travessura. Já com relação à mãe o contato é muito pobre. Os avós conheceram Bruno quando ele já tinha dois meses de idade. A relação dos pais de Bruno iniciou-se quando se conheceram num bar. Ficaram juntos em torno de sete anos, tendo vindo a se separarem após o nascimento do segundo filho, Pedro.

Bruno nessa época tinha em torno de dois anos. A união não deu certo, pois, de acordo com a avó, o filho era relapso com a nora, às vezes saía a noite e a deixava com as crianças. A avó relata que a última vez que Bruno teve contato com a mãe fora duas semanas antes do Natal de 2003. Na época, a mãe foi visitar o menino e prometeu a ele e ao seu irmão que iria pegá-los no Natal. Desde este dia, porém, não mais voltou. Bruno costuma justificar dizendo que “ela não tem dinheiro para ir visitá-lo”, pois ela mora em Gravataí.

Os avós de Bruno mostravam-se muito preocupados e atenciosos com o neto, frisando que o problema de Bruno “é falta de carinho do pai e da mãe”. Colocaram o neto na instituição Pão dos Pobres com a finalidade “de querer uma vida melhor para Bruno”. Pois durante a semana todos trabalham, não tendo tempo de cuidar dos dois netos. Os avós relatam que o irmão de Bruno é um menino calmo, magrinho e “não dá muito trabalho”, por isso ficam com ele em casa.

Além disso, ficou constatado que o pai de Bruno era usuário de drogas, que trabalhava no “camelódromo” no centro de Porto Alegre. Com isso, tinha pouco tempo ou quase nenhum para cuidar dos filhos. Infere-se que seria um pai que havia se esquecido de crescer e assumir suas responsabilidades. Com isso os avós paternos cuidavam dos netos e do próprio filho que insistia em permanecer na adolescência.

O resultado da avaliação sugeria que a família se organizasse melhor, de forma a incluir o Bruno e suas necessidades afetivas, além de uma avaliação neurológica, com o objetivo de verificar algumas limitações apresentadas pelo menino. Procedimento que ocorreu.

4.28 Caso 43: Lúcio, vínculos e valores construídos

Lúcio ingressou na instituição Pão dos Pobres no ano de 2004, na 4ª série do ensino fundamental, com dez anos de idade. Os pais estavam separados há cinco anos, e o menino tinha pouco contato com o pai. Lúcio e sua mãe eram oriundos da cidade de Uruguaiana, estavam vindo para Porto Alegre na tentativa de encontrar melhores oportunidades de trabalho para sua mãe e para ele ter a oportunidade de estudar numa escola melhor.

Lúcio foi uma das crianças retiradas de um incêndio ocorrido numa determinada creche de Uruguaiana, fato bastante comentado na época pela mídia impressa e televisiva.

A mãe desse menino era filha adotiva de um senhor que havia estudado no Pão dos Pobres há muitos anos atrás, falecido há treze anos tendo deixado uma pequena casa para ela em Porto Alegre.

O grande sonho da mãe de Lúcio era que a instituição pudesse prepará-lo para o ingresso no Colégio Militar. Lúcio chamava atenção não apenas por sua beleza fisionômica, mas também por seu comportamento educado e gentil.

Sua mãe era bastante presente na instituição, e estimulava bastante o menino a estudar, pois acreditava que a carreira militar era o melhor caminho para ele. A trajetória do menino foi bem tranquila dentro da instituição, no entanto, a aprovação tão desejada no Colégio Militar não ocorreu na primeira tentativa feita pelo menino.

Havia um fato que incomodava muito a ele e a sua mãe na instituição, tratava-se da maneira como muitas crianças e adolescentes que ali estudam lidam com os objetos alheios. A clara noção do limite entre o que é meu e o que pertence ao outro é um dos grandes desafios enfrentados pela instituição.

Na instituição há inúmeros projetos educacionais direcionados para a tentativa de criar valores de respeito ao próximo. No entanto, a incidência dos furtos é recorrente deixando toda a equipe funcional e diretiva da casa com certo sentimento de impotência diante desse fato.

Infere-se que esta família apesar de ter passado pela situação de incêndio, havia construído vínculos afetivos bastante sólidos capazes de sustentar uma rede de valores morais bastante sólida. Talvez até pela formação que o avô recebera na Instituição, cujo histórico institucional não foi possível resgatar para essa pesquisa. Em contrapartida, muitos dos meninos que ali estudam são marcados por uma enorme carência afetiva, e um enorme desejo de ter objetos que, de forma ilusória, possam trazer-lhes um suposto conforto afetivo. Além disso, o atual momento social é marcado pela máxima de levar vantagem sobre o outro a qualquer custo.

Como educar crianças que estão marcadas por necessidades reais de subsistência física e afetiva, com o discurso moral de respeito ao outro, se a todo o momento eles são violados em seus direitos e acompanham na mídia o retrato de uma sociedade que não se dá ao respeito?

4.29 Caso 44: Luis, a rebeldia manifesta e calada pelo “corretivo”

Luís ingressou no Pão dos Pobres no ano de 2004 com 10 anos de idade, na 4ª série do ensino fundamental. Ele mora com a avó paterna, o pai biológico havia sofrido recentemente um acidente de carro, por estar alcoolizado e sob efeito de outras drogas. A mãe do menino está presa por homicídio, mas já está no regime semiaberto em função da progressão de pena. Havia uma queixa da família de que ele não respeitava ninguém em casa, apenas o namorado de uma das tias. E o motivo era simples, era essa pessoa quem batia em Luís, na tentativa de “dar-lhe um corretivo”. Era consenso da família, que caso Luís precisasse, a instituição poderia recorrer ao mesmo expediente correccional. Foi explicado à família que atitudes como essas não eram permitidas na instituição, e que se eventualmente fato como esse ocorresse, a família deveria tomar providências contra a instituição.

E que o namorado de sua tia também não deveria estar autorizado a realizar tal procedimento.

O ano de 2005, Luís estava na 5ª série e foi o momento de sua maior rebeldia, queria sair da instituição de qualquer maneira. Sua avó insistia que ele fosse encaminhado para avaliação psiquiátrica com a intenção de medicá-lo. No entanto, o técnico da instituição não encontrava motivo para tal procedimento. Foram muitos os encontros com Luís.

O ano de 2008 marca a conclusão da 8ª série do ensino fundamental, ele não pôde participar do curso profissionalizante, em função da sua idade não permitir. No entanto, faz parte do coral e do grupo de teatro da instituição. Em recente entrevista ele disse o seguinte: “foi muito bom não ter saído daqui, teria me arrependido”.

4.30 Caso 45: Rodrigo, encontrando caminhos para lidar com a dor

Rodrigo ingressou na instituição no ano de 2000, na 3ª série do ensino fundamental, com nove anos de idade. Os pais estavam separados há muitos anos, o contato com o pai era raro e a mãe lutava contra uma depressão, com dois episódios de internação por causa desse diagnóstico.

Nesse ano, o Serviço de Psicologia realizava nas segundas-feiras grupos com os familiares dos meninos. Esses grupos tinham como objetivo saber qual era o tema que eles desejavam conversar. E toda semana tínhamos diversos temas sobre os quais dialogávamos. Foi num desses encontros que a mãe de Rodrigo falou sobre sua depressão e seus medos. Esses encontros ajudavam a todos, aos pais que poderiam falar um pouco sobre suas dúvidas, medos e aspirações, e a instituição porque poderia conhecer e se aproximar dessas famílias.

Rodrigo era inteligente, obtinha sucesso na escola e realizava as tarefas da instituição com algumas dificuldades. Isso era consequência de um grau elevado de agitação que ele apresentava.

O nosso trabalho era tentar diferenciar se essa agitação de Rodrigo era uma forma de lutar contra a depressão da mãe, comportamento bastante evidenciado em crianças que tem pais com quadros depressivos ou seria um sintoma do Transtorno Hiperkinético do tipo impulsivo.

Quando Rodrigo iniciou a 7ª série suas dificuldades ficaram mais evidentes, foi o momento de encaminhá-lo para uma avaliação neurológica. Ele dizia não querer usar medicação, pois os colegas iriam “tirar sarro da minha cara”. Explicamos que em determinados momentos o nosso corpo precisa de ajuda, mas caso ele entendesse que não queria usar, poderíamos voltar a conversar. O médico que fez o atendimento receitou o medicamento Tofranil que, por sua vez, deixava Rodrigo com muito sono.

Rodrigo então resolveu não tomar mais a medicação, fato que fazia sentido. Dormir de forma excessiva o colocava na mesma condição de sua mãe, e isso ele não queria aceitar. Infere-se que para muitos pacientes com depressão, o isolamento e a alteração do sono sugerem uma aproximação maior com a pulsão de morte. No embate entre o desejo entre a vida e a morte, Rodrigo se agitava.

Rodrigo e sua mãe foram se adaptando e encontrando caminhos para conviver com suas dificuldades, através de exercícios físicos e terapia. Ele concluiu o ensino fundamental e o curso profissionalizante na instituição Pão dos Pobres e, por vezes, nos visita.

4.31 Caso 46: Mauro, ambivalência de sentimentos

Mauro ingressou na instituição no ano de 2004, com dez anos, na 4ª série do ensino fundamental. Os pais estão presos. O pai está cumprindo pena de vinte três anos de detenção no Presídio de Charqueadas. A mãe cumpre pena de doze anos na Penitenciária Feminina Madre Pelletier.

Mauro morou um tempo com os avós maternos, mas atualmente mora com os avós paternos. Relatou muitas vezes sua raiva por ter os pais na condição de apenados, mas também a grande saudade que sente dos dois. Ficava muito ambivalente com relação a visitar os pais nas respectivas penitenciárias.

Era interessante acompanhar o desenvolvimento de Mauro na instituição, que crescia, conseguia sucesso na progressão acadêmica, mas sofria com a realidade dos pais.

No ano de 2008, está concluindo a 8ª série do ensino fundamental e o curso profissionalizante. E os pais continuam presos, e ele com a esperança de que essa situação termine o quanto antes.

4.32 Caso 47: Paulo e a vingança

Paulo ingressou na instituição Pão dos Pobres no ano de 2004, na 5ª série do ensino fundamental, com doze anos. A mãe relata que muitos são os motivos que a levaram a procurar uma vaga numa instituição de turno integral com moradia. O pai de Paulo sofre de depressão, tem hipertensão, obesidade e faz uso abusivo de álcool. Além disso, recentemente o irmão mais velho de Paulo foi assassinado na porta da casa deles em função das drogas.

Paulo diz: “vou matar o homem que matou meu irmão, a lembrança da cena de meu irmão sendo assassinado não sai da minha memória”. Esse é o medo da mãe desse adolescente que pensa em fazer justiça por si mesmo. Ele não aceitava sua permanência na instituição, dizendo que “não adiantava me colocar aqui, pois eu vou matar o homem que matou meu irmão”. Era visível a angústia da mãe ao ouvir isso, ela já havia perdido um filho. Não tinha condições de suportar perder outro, por isso via na instituição uma medida de proteção para o filho.

Foram inúmeras as conversas com Paulo para que ele entendesse que a vida dele poderia ter outro curso. O tempo e o afastamento temporário de sua casa ajudaram Paulo a refletir sobre seus objetivos. Foi se acostumando com a instituição, com a rotina, fazendo amigos e conquistando o respeito de todos.

Atualmente está terminando a 8ª série do ensino fundamental e o curso profissionalizante de mecânica automotiva.

4.33 Caso 48: Alberto e a difícil relação com a mãe

Alberto ingressou na instituição Pão dos Pobres no ano de 2004, com dez anos de idade, na 4ª série do ensino fundamental. A mãe desejava muito uma vaga nessa instituição para seu filho, e nos apresentou o seguinte relato: estava separada do pai de Alberto desde que ele tinha três anos de idade, período em que o menino passou a ser criado pelos avós maternos, no entanto, eles eram muito violentos com o menino. Ela tinha um filho de dezenove anos, de uma relação anterior. Ela estava em tratamento psicológico e psiquiátrico, há algum tempo. Fazia uso de medicação informando utilizar Anafranil, Diazepan e depois Lítio. Dizia ter tido uma infância muito difícil, pois seu pai era alcoólatra e tentou suicídio várias vezes. Ela também já havia tentado, pois não suportava conviver com sua depressão. Que atualmente estava desempregada, e que sua relação com o filho estava difícil, pois ele tinha

dificuldades para escovar os dentes, tomar banho e ajudar nas tarefas diárias da casa. Além disso, apresentava sono bastante agitado. Precisava de ajuda para conduzir o filho.

A adaptação de Alberto parecia tranquila, mas ao mesmo tempo transparecia nele o receio de ficar numa escola com moradia. Foi quando a professora pediu ao serviço de psicologia uma avaliação sobre ele com as seguintes recomendações escritas na ficha de encaminhamento: “o aluno é muito lento, agressivo, tem dificuldades de aprendizagem”.

Na avaliação ficou constatado que o ritmo lento na aprendizagem estava ligado ao grau elevado de ansiedade e que apresentava sinais claros de depressão. Ele foi encaminhado para uma psicopedagoga com o objetivo de ajudá-lo a superar as dificuldades acadêmicas, pois ele estava repetindo a 6ª série pela segunda vez.

No final do ano de 2007, ele saiu da instituição.

4.34 Caso 49: Wanderlei, superando as dificuldades

Wanderlei ingressou na instituição Pão dos Pobres no ano de 2001, na 3ª série do ensino fundamental, com nove anos de idade. Apresentava dificuldades de aprendizagem e na fala. No final desse ano, não conseguiu ter aprovação na escola, fato que o deixou muito triste. No ano seguinte, como permanecia com as mesmas dificuldades, resolvemos fazer uma avaliação Psicodiagnóstica.

E o resultado estabelecia as seguintes diretrizes:

Problemas acadêmicos em função de um Retardo Mental Leve (CID F70).
Dificuldades de ordem afetiva, social e familiar, na aprendizagem e na fala.

Em função disso ele foi encaminhado para um acompanhamento psicopedagógico e para uma fonoaudióloga que o ajudassem a superar estas dificuldades detectadas.

Apesar das dificuldades, Wanderlei está concluindo a 8ª série do ensino fundamental neste ano de 2008. Infere-se que o empenho da mãe e a vontade desse jovem em superar suas dificuldades fizeram a diferença, entre o diagnóstico que aprisiona e o conhecimento que liberta.

4.35 Caso 50: A partida de Leopoldo

Leopoldo ingressou na instituição Pão dos Pobres no ano de 2001, na 3ª série do ensino fundamental, com nove anos de idade. Apresentava notas excelentes e capacidade criativa, demonstrada em alguns cursos de pintura e desenho. No entanto, sua história de vida sugeria que ele era um nômade dentro da rede de seus familiares.

A tia que veio solicitar a vaga para o menino, dizia que ele havia sofrido abuso sexual aos seis anos de idade, que a mãe biológica tinha problemas mentais e que havia abandonado o menino quando este tinha dois anos de idade. O pai vivia em condições muito precárias de sobrevivência por isso não podia cuidar de Leopoldo. Em função disso, o menino circulava por várias famílias, que anunciavam a proteção e depois abandonavam.

No ano de 2003, o pai de Leopoldo morreu de derrame. Em 2004, a tia pela qual ele tinha muito carinho também faleceu. Nesse ano, a mãe de Leopoldo foi encontrada e apareceu na instituição para visitá-lo. A alegria dele era imensa, ficaram algumas horas conversando e depois ela foi embora. Havia também uma madrinha que, por vezes, se dizia responsável por ele, mas eram só as características da adolescência de Leopoldo se manifestarem para que ela o abandonasse novamente.

A instituição tinha muita dificuldade para caracterizar quem realmente seria o responsável por este menino.

Em 2004, um evento de arquitetura denominado Casa Cor, foi realizado em nossa instituição. Foi um acontecimento que movimentou muitas pessoas e muitos projetos. Dentre esses projetos havia um denominado “A Casa do Coração”, que seria realizado por um grupo de meninos da instituição Pão dos Pobres.

Era uma artista plástica que orientava as crianças e suas respectivas criações. Leopoldo foi um dos meninos que mais se destacou, seu projeto encantava. No entanto, antes de terminar, abandonou definitivamente o projeto. E por mais que todos da instituição sinalizassem sua competência, ele se recusava a concluir.

Dizia que seu sonho era ser aviador e que precisava sair da instituição, pois já estava na 7ª série e não aguentava mais ficar. Com as perdas sucessivas e com sua recusa em criar a casa do coração, no final do ano em que concluiu a 7ª série,

convenceu uma de suas tias a tirá-lo da instituição. O que deixou no coração de todos da casa, um sentimento de impotência e tristeza.

5. OS 50 CASOS: BREVE INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA DE ALGUNS CASOS

5.1 Caso 1: Gui, a sensibilidade concebida

“Gui” é um menino de nove anos, que ingressou na Fundação Pão dos Pobres, na 3ª série do ensino fundamental, no ano 2007. Sua família é constituída pela mãe, o tio, a avó materna, além de outros parentes colaterais que moram nas proximidades de sua casa. O pai biológico não registrou o menino e segundo a família não é conhecido. Essa escola tem como característica básica a inclusão social e a abrigagem de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, em prédio anexo.

Todos os anos em média 300 famílias buscam uma vaga nesse educandário com a finalidade de educar, de proteger e profissionalizar seus filhos. Entendem que a comunidade onde estão inseridas não oferece uma rede de proteção integral, os responsáveis por estas crianças ficam muitas horas fora de casa na busca pelo sustento da família, além de tantas outras que estão marcadas pela orfandade.

Estas crianças permanecem na instituição de segunda a sexta-feira, indo para casa conviver com suas respectivas famílias nos finais de semana. É de conhecimento de todos da equipe, de professores e funcionários desta instituição o quanto é difícil a adaptação destas crianças e adolescentes neste período. É momento de muita tensão e, portanto, requer a sensibilidade de artesão, para que sejam esculpidas relações consistentes, afetivas e firmes o suficiente para gerar segurança.

É um período onde as ditas indisciplinas germinam como forma de resistência a uma atitude da família, pouco compreendida. Dentre tantos nomes, alguns nos capturam, às vezes, pela capacidade de resiliência, que nos coloca diante do grande exemplo do que é proteção e estruturação psíquica adequada a uma necessidade social, em outras, pela forma até violenta como lidam com os colegas, professores e com seus próprios corpos. A linguagem corporal é sempre predominante na comunicação dos desejos.

Em quatro meses no Pão dos Pobres, “Gui” arremessou a todos no limite tênue entre a rejeição total pela escola e a aceitação de forma tão sensível, que me fez pensar no nascimento simbólico do pai. Durante esse período a mãe de “Gui” foi solicitada muitas vezes à instituição, por seu comportamento inadequado. A professora durante o período inicial costumava dizer que: “com o Gui na sala de aula é impossível dar aula”, que ali tinha uns quatro ou cinco que iriam estragar a turma de aprender com sucesso. Foi solicitada à assistente social uma visita à família do referido aluno para constatar a real necessidade de sua permanência na instituição.

No entanto, outro educador e eu entendíamos que ali seria, sim, o lugar dele, não estávamos dispostos a ratificar a exclusão dentro de um suposto processo de inclusão. Em conversa com o tio de Gui, fiquei sabendo que sua mãe teve algumas internações por problemas psiquiátricos, e que tinha o diagnóstico de psicótica, no entanto não sabiam dizer qual e nem o respectivo CID. E que o pai biológico da atual gestação da mãe de “Gui” também era desconhecido.

No entanto ela se apresentava de forma “compensada”, tomando medicação e monitorada via atendimento ambulatorial, porém até quando permaneceria esta estabilidade era a grande questão. Portanto “Gui” precisava muito permanecer nesta instituição, já que os parentes colaterais também tinham outras atribuições com a família de Gui. Dentre as tantas vezes que esta família foi solicitada, a mãe que estava em estado adiantado de gestação, ao sair de uma conversa com a professora, mais precisamente ao descer as escadas que ligam a sala de aula e o pátio da instituição, pediu para ir ao banheiro urinar, durante o deslocamento não conteve a dita urina, na realidade a vida pedia passagem para o nascimento, não apenas de uma criança, mas de uma família. A mãe de “Gui” num caminhar lento, porém firme, espera que o serviço público de saúde, mandasse uma ambulância. No entanto, ao se aproximar da imagem de São João Batista de La

Salle que esta posicionada na entrada principal da casa, não suporta as dores do parto e deita no gramado aos pés de La Salle.

Duas funcionárias, uma encarregada dos donativos e outra da limpeza fizeram o parto do irmão de “Gui”, nasceu um lindo menino. Essa história marca o lugar simbólico da função paterna para “Gui”, e reorganiza as relações afetivas dessa família. Atualmente, ele é considerado aluno exemplar, sua mãe carregando seu bebê/pai, nos visita regularmente e toda sexta feira faz questão de pegar o “Gui” para conduzi-lo para casa.

A indisciplina de “Gui” estaria inscrita nos diagnósticos da saúde mental? Na inadequação do modelo pedagógico, baseado no eterno discurso social de que “sempre foi assim”? Ou “sempre trabalhei assim, conheço essas crianças?” No discurso ideológico de inclusão, baseado na exclusão? Ou na necessidade de ser reconhecido como sujeito, para que possa reconhecer o outro?

5.2 Caso 6: Léo, o colecionador de fios

O relato deste caso tem como objetivo destacar a singularidade de uma fase tão importante no desenvolvimento da pessoa humana que é a adolescência. Para Arminda Aberastury

A adolescência é um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo marcado pelo desprendimento. Este processo atravessa três momentos fundamentais: o primeiro é o nascimento, o segundo surge ao final do primeiro ano com a eclosão da genitalidade, a dentição, a linguagem, caminhar; para, finalmente, no terceiro momento aparecer a adolescência. (1988, p. 15).

O desafio é grande porque nos deparamos com inúmeras mudanças. As transformações biológicas são características da puberdade, denunciam as mudanças corporais, com os respectivos ganhos e perdas para a nova imagem que se anuncia. As psicológicas demarcam a crise entre o mundo infantil e o mundo adulto, e, conseqüentemente, a falta de um lugar estabelecido, fazendo-nos pensar em um tema bastante central para a educação: a busca para saber quem se é e qual a nossa relação com o mundo que nos cerca. Já as mudanças sociais nos colocam diante do confronto entre o grupo familiar e sua rede de crenças e o grupo de amigos, esse dilema produz muitas incertezas. Levando em consideração a importância de uma nova inserção grupal, da qual a família por vezes participa pouco, porque é nesse espaço que os adolescentes podem colocar suas angústias,

medos e incertezas, mas, principalmente, muitos sonhos, sem as críticas das certezas absolutas. Na adolescência, precisamos conviver com a dor de nos depararmos com pais muito diferentes daqueles que desejávamos, e também suportar sermos o filho que a todo o momento será questionado, ora amado e, por vezes, rejeitado. É dentro dessa grande trama, com histórias que antecedem a própria concepção e o nascimento, que vamos construindo nossa história e anunciando nossa identidade. A literatura sobre esse tema é vasta e bastante esclarecedora para o entendimento desse momento na vida de milhares de jovens que buscam compreender a si e ao mundo a que pertencem o que, no entanto, se pretende aprofundar nessa pesquisa é a vida concreta de um desses adolescentes.

Tal reflexão se fará a partir do relato do caso de um jovem que diz ter 16 anos, preciso me referir assim em relação a sua idade, porque em sua certidão de nascimento, consta que ele teria 18 anos incompletos, ele diz ter sido um erro na hora do cartório registrar o seu nascimento. Interpreto que ele tenta dessa forma, atenuar seu sofrimento em decorrência de, por um lado, várias reprovações na 1ª, 2ª, 3ª, 6ª e 7ª séries, causando-lhe frustração e vergonha diante de seus colegas e, de outro, pelas mudanças corporais que insistem em denunciar sua idade. Ele atualmente está cursando pela segunda vez a 7ª série, portanto, em plena adolescência, tendo ingressado na instituição na 3ª série do ensino fundamental. Ele estuda em uma escola com moradia estudantil, que tem como missão a inclusão social de crianças oriundas de famílias em situação de vulnerabilidade social, que ao serem abrigadas nessa instituição permanecem durante toda semana, recebendo alimentação, formação religiosa católica, e o ensino escolar previsto pela LDB. Para os alunos que estão na 8ª série, a instituição oferece um curso profissionalizante que preenche o turno inverso ao da escola, que pode ser de marceneiro, mecânica automotiva, serralheria, marcenaria ou informática. Nas sextas-feiras, às 15h, estes jovens devem ir para casa de suas famílias para desfrutar do direito ao convívio familiar e de sua comunidade, tal como reza o art. 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente. No entanto esse jovem em especial não gostava de ir para casa, dizia não gostar da mãe e da convivência com ela. Talvez por essa razão, adorasse se colocar à disposição da instituição para ajudar em algumas tarefas da rotina institucional para poder ficar também nos finais de semana longe de sua mãe.

Comecei a observá-lo com certa curiosidade, pois seu comportamento aversivo à mãe não estava apenas circunscrito por uma crise de adolescente, onde por vezes alguns jovens necessitam se distanciar de forma tão radical de seus pais para conseguirem superar a fase separação e individuação, tão necessária ao reconhecimento de nossa identidade. Segundo Margaret Mahler, o sentimento de identidade pode ser definido como:

A catexia coesa de nossa autoimagem seguramente individualizada e diferenciada, suas origens podendo ser buscadas nos primeiros anos de vida, época em que a criança emerge gradualmente da membrana simbiótica comum. (MAHLER, 1982, p. 16).

Ou seja, o adolescente rompe a casca do ovo. Essa autora equipara essa fase da individuação à nova experiência de nascimento porque na adolescência esse processo é reeditado em busca do nascimento para a autonomia.

Hartmann observa que:

Este processo possui dois pilares o bem-estar e da autoestima infantis são crenças da criança em sua própria onipotência e na onipotência dos pais, da qual partilha; estas crenças podem ser substituídas, apenas gradualmente, por um reconhecimento realístico de sua autonomia individual, na qual acredita e da qual desfruta, e pelo desenvolvimento da constância objetal. (1952, p. 48).

A partir desses conceitos podemos entender que crianças, por razões extrínsecas ou intrínsecas, trazem já consigo um déficit de suprimento emocional desde fases anteriores, tendem a manifestar na crise da adolescência com maior relevo, as emoções mais significativas imprimidas na representação simbólica. A experiência de perda intrapsíquica é constituída pelo significado simbólico, carregado de afeto, que pode sugerir abandono e perda afetiva. As experiências afetivas baseada nas relações objetais do início da vida infantil estão sempre tendendo a ser reeditadas nas relações ao longo de nossa vida. Se essas experiências são traduzidas em abandono e dor, o jovem adolescente se coloca de forma muito ambivalente com relação aos sentimentos dirigidos aos pais, podendo ter no abandono uma forma de aliviar a dor sentida pelo próprio abandono. Essa me parecia a conduta de nosso jovem diante de sua mãe: abandonar para poder suportar a angústia de ter sido abandonado por ela não fisicamente, mas afetivamente no início do processo de construção de vínculo entre mãe e filho.

Escrever sobre esse jovem me levou a muitas reflexões e a várias incertezas que tiveram início já na escolha que eu deveria fazer para atribuir-lhe um

nome para descrever o seu caso. Claro que havia uma preocupação ética em proteger sua história, mas, também havia dentro de mim uma dificuldade para contextualizá-lo nominalmente. E foi através de muitas conversas e uma constante observação que resolvi dar o nome de “colecionador de fios”. São muitas as histórias relatadas, mas sempre deixando transparecer algo que não foi possível dizer, deixando brechas para novos encontros. Num desses nossos encontros fiquei sabendo que tinha 8 irmãos, que era natural da cidade de Belém, do estado do Pará. Que seu pai morreu quando ele tinha dois anos de idade, por isso não recorda de nada dele, apenas o conhece por foto. Foi justamente com esta idade que saiu de sua cidade natal e veio morar no Rio Grande do Sul com a mãe e alguns irmãos.

Diz ter passado muitas dificuldades econômicas o mais difícil, no entanto, era conviver com a rejeição da mãe, “ela nunca fez questão de esconder que não gostava de mim”, e isso o deixava com muita raiva e por vezes indiferente a ela. Foi justamente com sua transferência para RS, que seu registro civil foi providenciado, já que ele precisava frequentar a escola, disse sempre ter dificuldades para aprender, além de apresentar problemas ligados com a fala. Quando ingressou na instituição teve medo, achava os ambientes grandes, e que tomar banho em banheiro coletivo lhe dava muita vergonha. No início diz ter sido assustador, mas, com o tempo, a instituição passou a ser a melhor opção que sua família poderia ter feito, pois, como reconhece, não respeitava regras, respondia a todo mundo e que “vivia largado”. Relatou que seus parentes usam “armas de fio” nas brigas. Essas armas são as facas e similares que a família utiliza para se defender. Afirmo que seu hobby é colecionar “armas de fio”, por achar interessante. Pede para que eu fique tranquila, pois sua coleção estava guardada, em segurança na sua casa.

Diz que a instituição teve papel importante na sua formação, aprendeu a conviver com o grupo de forma tranquila, foi encaminhado para uma fonoaudióloga que o ajudou a melhorar sua fala, está cursando informática no centro profissionalizante, participa de algumas oficinas e aprendeu a gostar do lugar.

Quando o indivíduo chega à adolescência já teve de vivenciar parcialmente separações, morte de objetos internos e externos de parte do Ego, e certas limitações no plano vital, “fundamentalmente no corpo e na relação inter-pessoal-corpórea” (ABERASTURY, 1988, p. 39), aceitar as perdas da infância, significa aceitar a morte de uma parte do Ego e seus objetos para colocá-los no passado. No entanto, há jovens que desde o nascimento estão enlaçados em sentimentos de

privação, que causam dor e marcam o lugar do abandono, colocando o Ego em situação constante de emergência diante da ansiedade que o invade, deixando as relações afetivas fragilizadas. Uma elaboração patológica do Ego, dessas perdas, significa ser invadido e aniquilado. Quanto mais o ego estiver sob a égide do mecanismo de cisão, maior a dificuldade para o reconhecimento de si e do outro.

A crise da adolescência é a busca por um conceito de identidade, que deve manter a plasticidade, porque está em constante processo de acomodação e transformação. É uma busca pela autonomia para, com ela, esboçar a própria história como condição para a construção de novos caminhos. Buscar uma identidade é mergulhar na própria história e, como diz Paulo Freire, não está associada apenas a um tempo cronológico, ou a determinados acontecimentos, mas sim está relacionada à transformação social, entendida como processo histórico no qual objetividade e subjetividade se entrelaçam dialeticamente. “Fazer história é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado”. (FREIRE, 2000, p. 85).

Diante dessas colocações fico pensando como esse jovem constrói sua identidade? De que forma ocorre a interação entre o tempo cronológico, o individual e o social? E qual a participação da educação? Se levarmos em consideração a educação como processo de autoconhecimento que, em última análise, é um processo de construção e transformação social.

Percebo em sua fala, entrecortada pela gagueira, e em seu comportamento submisso dentro da instituição, um grande desejo de ser aceito, nomeado e registrado. No entanto, sua busca é sistematicamente confrontada com uma instituição que acolhe e protege, mas tem limitações afetivas próprias das instituições que se dispõem, por razões humanitárias, a prestar atendimento a pessoas como ele.

Dentre os vários acontecimentos que marcam a história de vida desse jovem, três fatos me afetam: o nascimento sem registro, a aversão pela mãe e o prazer por colecionar armas de fio como ele nomeia, as facas, as navalhas e punhais. De que forma esse fato ocorrido no norte do nosso país, revela-nos uma conduta tão rotineira na vida de milhares de crianças todos os dias no Brasil? E como falar, de forma cuidadora dessa dor que atravessa as palavras que denotam aversão a essa mãe, que por limitações afetivas não conseguiu dar o suporte amoroso necessário para identificar esse jovem como sujeito do desejo? Com a

morte prematura do pai biológico, mais um espaço em branco em seu registro afetivo. A tentativa de preencher este espaço vazio não estaria no prazer produzido pela conquista de objetos que cortam, dilaceram e deixam marcas? Parece haver uma identificação, ao mesmo tempo, com o corte que separa e o fio que une de algum modo as partes fendidas.

Ele relata seu carinho pela instituição, que o acolheu, protegeu e o ajuda na construção de identificação. É nesta instituição religiosa, católica conduzida e mantida por irmãos lassalistas que ele encontra o caminho possível de seu registro.

Falar do outro, levando em consideração a psicanálise, é uma tentativa de penetrar na subjetividade, de alinhar tempos, histórias e muitos afetos. É caminhar por caminhos duvidosos, efêmeros, cheios de sombras que nos deixam repletos de incertezas. Levando em consideração, que este jovem está terminando seu tempo acadêmico dentro da instituição, qual será o registro dele, como adolescente e cidadão, dentro de sua família e da comunidade? Talvez, nesse caso, encontrar o outro exija de quem busca por tal encontro, literalmente, caminhar sobre o fio da navalha que pode cortar ou unir.

Gostaria de terminar esse relato com algumas frases dele, para as quais ainda não consegui encontrar meios para nomeá-lo.

Tinha medo de ficar aqui...
Hoje não gosto de ir para casa...
Sei que minha mãe não gosta de mim.
Aqui aprendi a respeitar e a ser sincero, acho que é minha melhor qualidade.

5.3 Caso 7: Miguel, a procura de afetividade e reconhecimento

Miguel, 9 anos, nasceu em 02 de junho, tem 3 irmãos. Os pais estão separados desde que tinha 3 anos incompletos. A mãe relata que a gestação foi muito difícil, tanto no aspecto econômico, como no relacionamento com o pai do menino, pois ele era muito agressivo, batia muito nela. Relato que o menino por vezes fez em nossos encontros. Ele diz gostar muito do pai, mas fica triste ao lembrar-se das atitudes deste contra a mãe. O pai trabalha como papeleiro, faz uso abusivo de álcool e, por vezes, de maconha. A mãe, por sua vez, sofre crises convulsivas e recebeu o diagnóstico de depressão, já esteve internada no hospital Espírita e atualmente seu tratamento psiquiátrico é ambulatorial e medicamentoso.

Miguel ingressou na instituição em 2006, matriculado na 3ª série do ensino fundamental. Apresentava muitas dificuldades de adaptação na instituição, dizia não

querer ficar, mas era na escola que apresentava suas maiores limitações, pois não realizava as tarefas propostas pela professora. Na sala de aula, seu comportamento era apático, e quando reagia era por alguma provocação dos colegas, e de forma violenta. O encaminhamento e pedido de avaliação ao setor de psicologia foi feito pela professora, no entanto, o cuidador/professor⁵ que coordena as atividades da rotina institucional percebia o menino dentro de um processo normal de adaptação, levando em consideração as mudanças entre o espaço e a rotina da casa de sua família com o espaço e a rotina adotadas na instituição. Todas as vezes que a mãe era solicitada pela escola, ela comparecia, com seu jeito suave de olhar e falar. Em uma de nossas entrevistas a mãe relatou que o pai do menino era contra a permanência dele na instituição, pois acreditava que ela queria se livrar dos filhos para ter tempo para namorar. Dizia-me a mãe, referindo-se ao pai: “ele não entende que tem dias que não temos o que comer, não tenho forças nem para pentear meus cabelos. Além disso, estou desempregada, ele estando aqui sei que terá o que comer.”

No final do primeiro semestre de 2006, durante a semana de recesso escolar, os setores de psicologia e do serviço social resolveram convidar algumas mães para participarem de um mutirão de limpeza e organização nos quartos de seus filhos. A mãe de Miguel foi uma das primeiras a aderir ao convite, compareceu duas vezes durante a semana proposta e nos dias que não pode vir, mandou sua filha mais velha para ajudar. Foi um momento muito importante para o menino ver como sua mãe estava engajada naquele lugar. Creio que com isso, diluiu-se a fantasia do filho de que ela o abandonaria, como era sempre avisado pelo pai. Da mesma forma, também se diluíram as minhas próprias fantasias porque percebi a força daquela mulher que lutava pela vida, com uma profunda tristeza, que a lançava constantemente na sua própria infância, aonde o registro de um abuso sexual a marcava de forma tão dura. Nos encontros de Miguel com a psicóloga, ele reagia de forma silenciosa, sua produção não verbal era grande. Produziu muitos desenhos e trabalhos com massa de modelar. Nessa produção, percebíamos que ele tinha um potencial muito bom, mas estava capturado pela tristeza de estar entre

⁵ Função dos educadores sócio-educativos: responder e zelar por toda a turma designada a ele. Esta função será descrita em capítulo específico.

duas vontades: a da mãe, que desejava que ele permanecesse naquela instituição e a do pai, que desejava o oposto. Fizemos alguns convites ao pai para que nos visitasse e, então, pudesse dizer o que o deixava apreensivo, mas ele se recusava. Até que um dia ele resolveu nos visitar, homem de aparência bem simples, bastante desconfiado com relação aos procedimentos da instituição e à educação de seu filho. A alegria de Miguel foi visível ao ver o pai em sua escola, conversamos e apresentamos a escola a ele, e fizemos algumas combinações: uma, de que ele apoiasse Miguel durante aquele ano para que ele pudesse ser aprovado, já que o menino tinha todas as condições para essa aprovação. E, no final do ano, caso a família entendesse que tinha condições para se manter de outra forma, o menino passaria a estudar perto de casa. A evolução de Miguel foi extremamente satisfatória, passou a se envolver em todas as tarefas institucionais, incluindo as da escola, conseguiu sua aprovação, foi promovido à série seguinte com notas excelentes. No final do ano, retomamos com os pais do menino a questão da permanência dele ou não na instituição e, apesar de permanecer a divergência entre o desejo da mãe e o do pai, Miguel foi transferido para uma escola de sua comunidade.

Entendo que seja importante registrar o posicionamento dos pais, no final desse relato:

Mãe: "acho que aqui ele estaria melhor, tem bom estudo, e no futuro uma profissão. Em casa nem sempre conseguimos as coisas..."

Pai: "Quero que meu filho esteja perto de mim..."

5.4 Caso 14: César e a recompensa pelo roubo

César ingressou na instituição na 3ª série do ensino fundamental, era criado pela tia paterna que, inclusive, detinha sua guarda. O pai de César fazia uso abusivo de álcool e cocaína, e tirava seu sustento da venda de algumas drogas. A mãe do menino foi assassinada por seu companheiro e, também era usuária de drogas. A tia de César nos relata que seu irmão quando vivia com a cunhada sempre foi agressivo. Era comum a violência física dele para com ela, tendo uma vez, inclusive, atingido a perna da esposa com um facão, tendo deixado César e sua irmã em desespero. O pai do menino sempre apresentou comportamento agressivo e que por duas vezes teria tentado suicídio. Conforme o relato da tia foi em função desse quadro familiar que ela ganhou, na justiça, a guarda de César e de sua irmã. O pai do menino morava nos fundos do terreno onde se situava a casa da tia.

Por ocasião do ingresso Pão dos Pobres, César teve as dificuldades naturais do processo de adaptação, levando em consideração que sempre é um ambiente novo e diferente da realidade doméstica de cada um dos alunos. Por mais difícil que seja a rede familiar na qual estão inseridos, durante a mudança de ambiente são tomados pelo medo. Embora seja uma instituição secular, cada jovem que ali ingressa é colocado diante de uma vivência nova, repleta de incertezas, onde o novo e o antigo aparecem como os grandes vilões dentro da instituição. Com o passar dos meses, César foi aderindo às normas, foi apresentando liderança junto aos colegas e conquistou a confiança dos professores. No entanto, suas notas eram sempre deficientes, levando em consideração um currículo escolar bastante tradicional. Seu desenvolvimento corporal explodia com a puberdade e com a adolescência, tornou-se um jovem de estatura mediana e complexidade física forte, imprimia respeito aos colegas, sempre educado e gentil com as pessoas que respeitasse. Sua limitação estava na reprodução do conteúdo acadêmico, dizia que estudava, mas que tais conteúdos “não entravam na cabeça”. Foi reprovado duas vezes na sétima série, e sua aprovação só ocorreu por decisão do Conselho de Classe, momento em que foram expostas as dificuldades enfrentadas por ele e pelos professores. A diferença de idade entre ele e seus colegas, tornava-se visível, ocasionava dificuldades para ele, seus colegas e até mesmo para o professor. César despontava um comportamento de liderança que, por vezes, era positivo e em outras ocasiões bastante negativo. No ano de 2004, César se envolveu no furto de um objeto que pertencia a um profissional que exercia seu trabalho de forma voluntária para o Pão dos Pobres. Como as crianças que habitam essa casa, são todas oriundas de famílias com poucos recursos financeiros, por vezes, solicitamos a alguns profissionais da área de embelezamento para cortar o cabelo dos alunos. Muitos desses jovens gostam de cortar os cabelos e fazem alguns desenhos na cabeça, outros, no entanto ficam resistentes a tal oferta. Mas, em função do necessário controle da infestação de piolhos esse serviço é sempre bem vindo. Foi numa dessas atividades que César viu seu nome envolvido no furto de uma máquina de cortar cabelo. Todos os colegas diziam que ele tinha pego e escondido a máquina na capela da instituição, mas nenhum se atrevia a confrontá-lo.

Muitas vezes me perguntei se cessariam os furtos ocorridos dentro da instituição, pois estas ocorrências levavam os meninos, as famílias e a nós, profissionais, a ficarmos muito tristes e com um imenso sentimento de impotência.

Muitas vezes, em reuniões com as famílias e com os próprios meninos, percebíamos a raiva contida e embutida nas palavras pelas quais, ao mesmo tempo, agradeciam por aquela acolhida, e revelavam o ódio pelos furtos. As ocorrências dos furtos colocavam essas crianças e adolescentes diante do dilema, que me permito inferir como reveladoras da invisível dor sentida na alma pelas perdas e privações afetivas ocasionadas por relações sustentadas por vínculos tão efêmeros, como a que um grande número de meninos e jovens mantinha com os pais. As ações de furto, que são tão comuns, colocavam-nos novamente diante deste dilema, não pela instituição, mas pelas condições sociais e familiares as que estão expostos. Os furtos tão constantes, assim como os gestos de generosidade tão peculiares a eles, seriam uma forma de simbolizar a privação afetiva das relações objetais, nas quais muitas dessas crianças e adolescentes estavam capturadas, ou na reprodução do caos ético e social do qual eles e toda sociedade estão inseridos? Ou seriam a combinação perversa de ambas as situações?

Como esta situação envolvendo o nome desse jovem, vinha se repetindo já há muito tempo, e ele sempre negava, por mais que as evidências o colocassem numa situação impossível de negar. A equipe técnica, em reunião, resolveu avaliar se não seria a hora de desligá-lo da instituição, afinal de contas já faziam cinco anos que ele estava sendo conduzido por aquela casa. Como era de costume, sua tia e o próprio jovem, rejeitavam a hipótese de afastamento e transferência para outra escola. A reflexão da equipe estava baseada no fato de que o objeto furtado tinha sido encontrado e o próprio jovem ter admitido sua participação, permitindo sustentar a hipótese pedagógica de que seria oportuno permitir que o aluno pudesse experimentar outro espaço escolar. Desse modo, a equipe técnica entendia ser necessário enfrentar uma afirmação muito comum entre eles: “nunca dá nada”. Por mais que a equipe técnica se empenhasse em demovê-la, esse pensamento permanecia entre os alunos e sua superação sempre teve pouco sucesso.

Por outro lado, a própria equipe tinha razões suficientes para mantê-lo na instituição. Uma primeira razão era o fato de que no ano seguinte ele estaria iniciando o curso profissionalizante no turno inverso ao da escola e o mais importante, infligindo um corte no próprio desejo do jovem de permanecer e ter outra chance. Tomamos a decisão por sua permanência no Pão dos Pobres. César, a partir desse episódio, apresentou uma mudança bastante significativa, parecia ter tido o tempo suficiente para amadurecer e desenvolver sua capacidade de respeitar

e tolerar a frustração pelo sentimento da falta. Quando iniciou o curso profissionalizante em marcenaria, conheceu no próprio curso uma jovem que se destacava pelo bom desempenho no curso profissional e na escola. O início desse namoro e o recebimento de uma quota⁶ distribuída por seu curso desenvolveu algumas mudanças que percebíamos no seu dia a dia.

César terminou seu curso profissionalizante e ensino fundamental, atualmente está trabalhando numa empresa e, por vezes, volta ao Pão dos Pobres para visitá-la.

5.5 Caso 16: Luis, um espelho de suas relações

Luís ingressou na instituição na 3ª série do ensino fundamental, com 9 anos de idade, no ano de 2005. Sua adaptação à nova rotina foi bastante difícil, apesar de Luís ter um irmão, por parte de mãe, anteriormente matriculado em nossa escola. Essas relações de parentesco, de um modo geral, favorecem o educando a suplantar suas dificuldades iniciais, mas para Luís esse fato parecia não ajudar muito. Seu comportamento agressivo e inquieto não permitia que ele controlasse seus impulsos.

A avó materna, em entrevista, relatou a importância e a necessidade de manter o menino na instituição. Na primeira semana, reparamos que ele apresentava enurese noturna e, conseqüentemente, ao acordar pela manhã ficava “chateado” com as provocações de seus colegas de quarto.

Agendamos várias entrevistas com os pais e com a avó materna. Num desses encontros com a avó materna, ela nos relatou o seguinte: “o pai de Luís é muito violento, faz uso abusivo de maconha e cocaína”. Afirmou que, por várias vezes, havia roubado os objetos de sua casa para vender e pagar as dívidas. Que o ambiente em casa era de muita briga, pois todos moravam na mesma casa.

Num determinado dia, Luís disse ter perdido todo o material escolar e, portanto, não poderia ir para aula. Mas, o fato é que o seu professor havia

⁶ Todos os alunos que ingressam na Fundação Diocesana Pão dos Pobres, ao completarem quatorze anos, são encaminhados para a profissionalização. Os cursos oferecidos são os seguintes: marcenaria, elétrica, informática, serralheria e mecânica. A instituição com a intenção de prepará-los para o mercado de trabalho firma convênios com empresas destas áreas. Então os alunos aprendizes passam a receber um valor denominado de quota, que é referente a meio salário mínimo.

guardado, Luís costumava deixar seus pertences espalhados, dificilmente conseguia concluir as tarefas propostas, além de estar constantemente envolvido em brigas. Levantamos a hipótese de que poderia ser um Transtorno Hiperativo⁷, mas permaneciam outros fatos que mereciam igual atenção.

O pai até que se esforçava para manter algum laço cuidador com o filho, esteve na instituição num determinado dia levando um cadeado e fez questão de entregar ao diretor da época. Disse que era para que os objetos do filho ficassem em segurança. Essa atitude paterna me fez pensar em qual seria o real simbolismo daquele cadeado, havia necessidade de transparecer zelo e cuidado, no entanto, ao me aprofundar na história dessa família, percebia o quanto esses vínculos afetivos estavam vulneráveis pelos maus tratos, tão peculiares às famílias que convivem com dependentes químicos.

No dia 15 de março de 2005 foi solicitada à família uma avaliação médica, pois em entrevista com a mãe, ficou claro que o menino nunca tinha feito o controle urinário, portanto, estávamos diante da possibilidade de uma enurese primária ou orgânica. A literatura específica para esses quadros indica que enurese orgânica ou primária é uma disfunção orgânica e que, portanto, deve ser prioritariamente consultado e avaliado por um médico dessa especialidade. A enurese não-orgânica é um transtorno caracterizado por eliminação involuntária de urina de dia e/ou de noite a qual é anormal em relação à idade mental do indivíduo e não é uma consequência de uma falha de controle vesical decorrente de qualquer transtorno neurológico, de ataque epilético ou qualquer anormalidade estrutural do trato urinário.⁸ Esse segundo caso tem maior probabilidade de ter sua raiz na área emocional.

Durante várias semanas cobramos dos pais para que nos dessem retorno do encaminhamento ao posto de saúde, que realizassem visitas mais frequentes ao

⁷ Transtorno de início precoce; uma combinação de um comportamento hiperativo e pobremente modulado com desatenção marcante e falta de envolvimento persistente nas tarefas e conduta invasiva nas situações e persistência no tempo dessas características de comportamento. (Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento, disponível em <http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm>, acesso em 18/02/2009).

⁸ Conforme a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento, disponível em <http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm>, acesso em 18/02/2009.

menino e lhe fornecessem roupas limpas para que ele não ficasse constrangido usando roupas urinadas.

No dia 20 de junho de 2005, a mãe relatou que o médico havia receitado Retemic, considerando que a origem da enurese era psicossomática, mas não trouxe um laudo por escrito. A partir dessa colocação fizemos o encaminhamento para avaliação psicológica.

No segundo semestre desse ano, Luís teve um progresso bastante significativo na escola e em sua conduta dentro da instituição. A medicação, a presença constante dos pais, que vinham sempre juntos na escola e uma ajuda constante do professor/cuidador que conduzia o Luís ao banheiro três vezes à noite, o ajudou muito no controle do esfíncter urinário.

No final do ano foi aprovado para quarta série do ensino fundamental, avanço que foi considerado bastante significativo, já que no primeiro semestre ele não conseguia realizar as tarefas escolares, permanecia muito pouco na sala de aula e brigava muito.

O ano de 2005, apesar das dificuldades apresentadas, parecia ter sido melhor para ele na instituição, era uma tentativa de um olhar cuidador para com a família, a instituição e o menino. Parecia estarmos envolvidos num novo processo de reconhecimento dos papéis sociais e familiares. Para interpretar esse caso, parece adequado fazer uma reflexão utilizando um conceito de Winnicott, denominado de holding, que está ligado ao reconhecimento do atendimento psicológico promover condições para o desempenho do que este autor chamou de “mãe suficientemente boa.” (WINNICOTT, 1987, p. 48). Seria a preocupação materna primária, capaz de despertar a devoção ao filho, devoção que gera sustentação, amparo e manejo. É com essa capacidade que os bebês são protegidos das ilusões de onipotência, e que também os ajuda a sobreviver aos ataques agressivos de retaliação. Pensando na família de Luís, tinha a sensação que esse holding não havia sido estruturado de forma a protegê-lo das angústias de aniquilamento e retaliação. A minha hipótese era de que esse processo começaria a se instalar, no encontro entre a instituição, a família e Luís. Poderia ser difícil esse processo de reconhecimento e separação, mas era fundamental. Pelo menos era no que eu acreditava naquele momento.

Outro fato de relevância foi à constatação de que os pais dormiam no mesmo quarto que os filhos, havendo apenas um armário que fazia a divisória entre

a cama em que os pais dormiam, onde mantinham suas relações afetivas e sexuais, e a cama dos filhos. Esse fato fazia com que Luís fosse muito estimulado e, portanto, era muito comum que ele manipulasse seu órgão genital durante longos períodos na sala de aula, preocupação constante para professores, inclusive o da educação física. Ficou claro o excesso de estimulação a que esse menino estava exposto e, portanto, para aliviar tamanha tensão, a manipulação de seu corpo era uma saída produzida por suas defesas psíquicas. Conversando com Luís, ele relata que algumas vezes fazia de conta que estava dormindo, mas sabia tudo que acontecia na cama dos pais. Perguntei como ele se sentia quando isso ocorria? Disse que “nem ligava”. Para mim ficava claro, que a única maneira de ele sobreviver a essa inundação de estímulos seria negá-los.

Outra situação bastante importante era o uso crescente e abusivo de drogas pelo pai que passou a usar crack. A mãe de Luís por algumas vezes relatou sua tristeza por ver o marido tirar de casa objetos que seriam trocados por pedras a serem fumadas. Ela pensava numa internação para o marido, mas a maior dificuldade, é que ele não aceitava. O fato é que nos finais de semana em que Luís ia para casa, encontrava a família com essas dificuldades. Retornava na segunda feira, sem querer cumprir qualquer regra. Para enfrentar esses momentos, a escola usava como instrumento de intervenção a suspensão escolar. Num desses finais de semana, a mãe de Luís relatou que o menino e seu irmão mais novo estavam vendo televisão, quando o pai entrou em casa, pegou a TV e a levou para comprar as pedras de crack.

Com isso oscilava muito o comportamento de Luís, às vezes um pouco mais organizado, outras vezes agressivo. Conseguimos uma avaliação e acompanhamento psicológico no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, no Departamento de Genética da UFRGS com uma estagiária de psicologia clínica, supervisionada pelo conhecido prof. Dr. Renato Flores que apresentava bastante interesse no caso. A princípio, a opção foi pelo tratamento com psicoterapia sem medicação. Entretanto em maio de 2006, o médico daquele hospital prescreveu Imipramina 25mg, um comprimido duas vezes ao dia. Com a medicação o controle dos impulsos teve uma melhora. Outra intervenção importante seria a internação do pai ou o tratamento ambulatorial.

Fizemos algumas tentativas para que o pai do menino buscasse atendimento na rede pública de saúde, para o tratamento de sua dependência

química. Foram muitas as conversas, numa tentativa de criar nele a demanda pelo tratamento. Foi, inclusive, encaminhado para a Cruz Vermelha de Porto Alegre que faz atendimento ambulatorial para dependentes químicos.

Em 2006, os conflitos familiares recrudesceram, e as atitudes e comportamento do menino pareciam sem controle. O atendimento psicológico foi abandonado, os pais deixaram de levar Luís para as consultas, alegando que a estagiária que o atendia teria terminado o estágio e que não teriam colocado uma substituta. Fato que por um período foi confirmado, mas depois não se justificava mais. O pai, oscilando muito entre pequenos períodos de abstinência e o uso compulsivo. A mãe apresentava quadros de tristeza, dizia querer a separação do marido em alguns momentos e em outros parecia apaixonada pelo marido, entretantes a instituição perdia a possibilidade de atuar como lugar de reestruturação da família.

No final desse ano Luís teve uma forte briga com outro colega ocasionando uma crise nervosa, momento em que vivenciei toda a sua tensão, fragilidade e dor afetiva. Ele dizia que iria quebrar tudo que visse pela frente, e que a minha presença não o impediria. Estávamos no dormitório dele, ele tentando arrumar a mochila, sem conseguir pelo nervosismo e eu com minha presença silenciosa. Eu entendi que as únicas coisas que poderia fazer naquele momento eram duas: o meu silêncio, como forma de continência para aquela explosão de dor afetiva e uma intervenção corpo a corpo caso ele resolvesse auto agredir-se. Ele chorava muito, e não sei, se internamente eu também não chorava. Na medida em que ele foi se acalmando saí do dormitório e disse a ele que estaria na minha sala caso desejasse conversar ou expressar algum desejo. Minha sala era no mesmo andar e bem próxima desse dormitório, deixei a porta aberta e fui fazer minhas anotações. Passando-se uma meia hora, ele adentrou em minha sala de forma silenciosa fez um desenho e, depois, saiu.

No final de 2006, Luis saiu da instituição e foi estudar numa escola perto de sua casa, apenas o irmão mais velho permaneceu. A pergunta que se faz é sempre a mesma, em que momento nos perdemos? Casos como esse, sempre me fortalecem a idéia de que essa escola centenária tem limitações em seu desejo de acertar na educação de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Esses limites institucionais podem ser ultrapassados apenas quando esses

jovens e suas famílias conseguem projetar na instituição, um caminho para aprender a aprender a viver com mais felicidade através da educação. De outro lado, esse caso permite reconhecer que, diferentemente das instituições fechadas, o Pão dos Pobres busca de forma insistente ajuda nas demais instituições públicas para dar conta das demandas de seus educandos e nem sempre recebe o apoio necessário.

5.6 Caso 22: Vicente, fortalecido pela identidade de histórias de vida

Vicente ingressou no Pão dos Pobres no ano de 2004, na 3ª série do ensino fundamental, com 10 anos de idade. Mora com seu pai desde o nascimento. A mãe fazia uso abusivo de cocaína, tentou alguns tratamentos, no entanto, os processos de recaída eram constantes e a separação foi inevitável. Ela mora numa cidade litorânea próxima de Porto Alegre. Como a guarda de Vicente ficou com o pai, ele tem pouco contato com a mãe, mas diz que é bom saber que a mãe atualmente está trabalhando como cabeleireira num salão de beleza.

Vicente fala de forma carinhosa, mas também triste sobre a mãe relata que teve uma mãe de leite, e que a mãe biológica não pode amamentá-lo. Desse fato se infere que além da privação do aleitamento materno, poderia haver a privação do “aleitamento afetivo”. Em suas obras Winnicott (1966, 1973, 1983), alude ao fato que uma mãe não deve frustrar, nem gratificar de forma excessiva, mas é necessário uma maternagem suficientemente boa, de modo que possibilite um sadio desenvolvimento do self⁹ em seu filho.

Essa relação afetiva entre a mãe e o bebê é primordial para ambos: na formação psíquica do bebê e no desenvolvimento do papel materno. E para completar esse pensamento, é interessante pensarmos na “função especular materna” para o desenvolvimento da criança. (ZIMERMAN, 1999, p. 109).

⁹ *Self*- Denomina a pessoa total de um indivíduo na realidade, inclusive o próprio corpo e a organização psíquica; a “própria pessoa” de alguém, em contraste com “outras pessoas” ou objetos situados fora desse alguém. O termo *Self* tem sido usado por diversas maneiras na psicanálise. Freud com frequência utilizou o ego para significar *self*, em particular antes da hipótese estrutural. Em conceitos tais como o de um instinto voltado contra o *self*, *self* (ou ego) era o contrário de objeto. Hartmann clarificou o problema separando ego, como grupo de funções, do *self*. Para Jung o núcleo da psique não é o ego, mas o *Self* ou Si-mesmo, nossa individualidade mais marcante, que é como nossa impressão digital, única. O *Self* é resultante da personalidade em uma unidade. (1992, p. 191).

Na qual ela se vê refletida e reconhecida no olhar da mãe, olhar que funciona como um espelho, que tanto pode refletir o que realmente é o filho assim como as distorções da imagem. É nesse jogo de imagens que tentamos, como psicóloga da instituição, conhecer cada jovem que ali ingressava, e também tentamos perceber qual seria a imagem refletida nessa instituição centenária, que tem como missão educativa criar caminhos, novas possibilidades. E principalmente estarmos em vigília constante, quanto aos processos pedagógicos ali desenvolvidos.

O início de sua adaptação no Pão dos Pobres foi muito difícil, chorava muito com saudades do pai. O pai é bem presente e carinhoso, comparece sempre que solicitado ou quando deseja ver o filho.

O Serviço de Psicologia criou alguns horários que estavam destinados ao relaxamento, usávamos música e contávamos histórias com o objetivo de trazer tranquilidade para os alunos. Vicente gostava de participar desses encontros e foi se adaptando à rotina da casa e enfrentando seus medos. Morar durante cinco dias da semana longe do pai e com tantos outros meninos que não conhecia não era uma tarefa muito fácil para qualquer criança.

No final do ano de 2004, Vicente foi aprovado para a série seguinte e fez amigos. É interessante relatar que os dois melhores amigos de Vicente no Pão dos Pobres ingressaram no mesmo ano e na mesma turma. Esses dois colegas também não eram criados pelas respectivas mães. Um dos meninos é o Gabriel, caso número quatro descrito nessa dissertação, criado pela avó materna, justamente pelo alcoolismo severo que enfrentava a mãe. O outro menino era criado pelo pai, porque a mãe foi tentar a vida em outro país, que faz fronteira com o estado do Rio Grande do Sul.

O processo de identificação os fortalecia e os ajudava a enfrentar a nova rotina, com todas as suas atividades acadêmicas, as da casa e as travessuras. Faziam tudo em parceria. A entrada na puberdade e na adolescência parecia que tinha sido combinada, a amizade entre eles nos encantava. Parecia que essa amizade os ajudava a enfrentar os muitos momentos de raiva e contrariedade ocorridos na casa e as muitas dores sentidas, pela ausência daquelas mães tão fragilizadas e ausentes, mas tão necessárias.

O ano de 2005 para Vicente transcorreu de forma tranquila, porém sempre pedia ao pai para estudar numa escola perto de sua casa, aonde pudesse retornar para casa após as aulas. No entanto, o pai, de forma afetiva, porém firme, explicava

a necessidade do menino permanecer no Pão dos Pobres, pois os horários de trabalho como entregador de gás oscilavam muito. E sua maior preocupação era deixar o filho sozinho em casa, sem monitoramento.

Em 2006, as notas escolares decresceram um pouco, os professores em Conselho de Classe, relataram as dificuldades de Vicente para seguir as normas, sua baixa concentração e ansiedade excessiva, o que o impedia de melhorar seu aproveitamento dentro da sala de aula. Apesar disso, no final do ano, ele atingiu os objetivos acadêmicos, a crise da adolescência é que seguia seu curso. Em 2007 seu comportamento oscilava bastante, e coincidia com as dificuldades apresentadas por seus colegas, inclusive com a saída de Gabriel da instituição, um de seus amigos. Mas conseguiu concluir com aprovação seu ano letivo.

5.7 Caso 24: Silveira, comunicando a dor pela violência

Silveira ingressou na instituição no ano de 2005, com 11 anos, na 4ª série do ensino fundamental. Os pais estão separados há dez anos, o menino mora com a mãe e tem pouco contato com o pai.

A mãe trabalha como autônoma, é massoterapeuta. Seus horários não seguem uma rotina previsível, por isso resolveu matricular o menino no Pão dos Pobres. É uma mulher esclarecida e demonstra bastante preocupação com o filho.

Relata que há dois anos o filho recebeu o diagnóstico de Transtorno Hiperkinético atribuído por um neurologista, tendo sido medicado com imipramina.

É um transtorno caracterizado por início precoce, usualmente nos primeiros cinco anos de vida. Suas principais características são falta de persistência em atividades que requeiram envolvimento cognitivo e uma tendência a mudar de uma atividade para outra sem completar nenhuma, junto com uma atividade excessiva, desorganizada e mal controlada. Esses problemas usualmente persistem através dos anos escolares e mesmo na vida adulta, no entanto, muitos indivíduos afetados mostram uma melhora gradual na atividade e na atenção.

Várias outras anormalidades podem estar associadas a esses transtornos. Crianças hiperkinéticas são assiduamente imprudentes e impulsivas, propensas a acidentes e incorrem em problemas disciplinares por infrações não premeditadas de regras ao invés de desafio deliberado. Seus relacionamentos com adultos são, com frequência, socialmente desinibidos, falta da precaução e reserva normais; elas são

impopulares com outras crianças e podem se tornar solitárias. Comprometimento cognitivo é comum e atrasos específicos do desenvolvimento motor e da linguagem são desproporcionalmente frequentes.

Complicações secundárias incluem comportamento antissocial e baixa autoestima. Em consonância, há considerável sobreposição entre hipercinesia e outros padrões de comportamento destrutivo, tais como o “transtorno de conduta não socializada”.¹⁰ Antigamente acreditava-se que esta patologia desaparecesse entre a adolescência e a idade adulta, porém o que se tem percebido com relação a crianças diagnosticadas com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) é que esta doença pode cursar de três formas: um terço deixaria de apresentar o transtorno ao chegar à adolescência; um terço manteria sintomas de TDAH, como déficit de atenção e a hiperatividade; e um terço se manteria com os sintomas de TDAH e de suas comorbidades¹¹. O transtorno Hipercinético é um quadro geral e tem suas especificações como déficit de atenção.

A confirmação deste transtorno nos adultos ajudou na proliferação de pesquisas voltadas à epidemiologia, ao quadro clínico e ao diagnóstico destes pacientes (MAIA, 2003, p. 207). O diagnóstico de TDAH atinge entre 2% e 5% das pessoas de 6 a 16 anos, das quais, aproximadamente 80%, são meninos.

A descrição desse transtorno se fez necessário porque Silveira apresentava sinais que nos levavam a pensar em complicações secundárias como: transtorno de conduta. A mãe dizia sentir a falta de apoio do pai de Silveira, pois ele havia reconstruído sua vida conjugal. E a atual companheira não gostava do menino e fazia sérias restrições às visitas paternas.

Como Silveira envolvia-se em constantes brigas com os colegas, furtava alguns objetos, contava muitas histórias que só conseguiam respaldo na sua própria fantasia, além de apresentar um comportamento excessivamente sexualizado. Por essas razões, resolvemos encaminhá-lo para uma nova avaliação psicológica e

¹⁰ Consulta a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento, disponível em <http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm>, acesso em 18/02/2009.

¹¹ O termo comorbidade é formado pelo prefixo latino “cum”, que significa contigüidade, correlação, companhia, e pela palavra morbidade, originada de “morbus”, que designa estado patológico ou doença. Assim, deve ser utilizado apenas para descrever a coexistência de transtornos ou doenças, e não de sintomas. (PETRIBU, 2001, p. 17).

psiquiátrica, providências que a mãe tomou rapidamente. Marcou consulta particular com um psiquiatra que receitou Carbamazepina e Ritalina e terapia. Nas primeiras semanas após o início da terapia medicamentosa, o comportamento de Silveira apresentou um melhor padrão adaptativo com relação às combinações feitas entre ele e o Pão dos Pobres. No entanto, controlar seus impulsos agressivos era o seu grande desafio. Num determinado dia, sua turma estava reunida no ginásio para acompanhar um torneio de futebol, o grupo todo parecia bem aderido à atividade. Porém, num determinado momento, Silveira arremessou um colega da arquibancada, causando-lhe um leve ferimento. Esse era mais um episódio, entre tantos outros, que deixava os professores assustados e sem resposta para as necessidades daquele aluno.

Entrávamos em contato periodicamente com o psiquiatra para avaliar a evolução de Silveira no tratamento e seu comportamento no Pão dos Pobres, no dia seguinte ao fato relatado acima, ligamos para o médico e fomos informados que o menino não comparecia ao consultório há seis semanas. O que nos deixou surpresos, pois a mãe buscava o menino na instituição toda semana, na hora e dia marcados para esse atendimento.

Em entrevista com a mãe, ela relatou ter tido dificuldades para pagar o profissional, e por isso o menino não teria comparecido a esses encontros com o médico. No final do ano de 2005, em reunião com a mãe e a equipe da instituição chegamos ao consenso que o ideal para Silveira, seria uma escola com um número menor de alunos por turma. Ele foi encaminhado para a escola Airton Senna, que tem turmas com número de alunos bem reduzido, facilitando assim o processo de aprendizagem para alunos com esse perfil.

No final do primeiro trimestre de 2006, fizemos um contato com a escola Airton Senna, com a finalidade de saber como estava a adaptação de Silveira, e a informações obtidas era de que estava bem.

O caso relatado nos leva a algumas reflexões como: primeiro, de que forma os diagnósticos da saúde mental encontram respaldo nas escolas? Como os professores e/ou educadores compreendem os transtornos Hipercinéticos (TDAH)? E qual a formação desses educadores? E em que espaço conseguem canalizar a angústia frente a esses e tantos outros desafios que envolvem o processo de aprendizagem e a singularidade de cada jovem aluno?

Crianças com TDAH como já foi relatado apresentam sintomas típicos de distração, hiperatividade e agitação. Mostram-se esquecidas ou impacientes, tendem a atrapalhar os outros e têm dificuldades em respeitar limites. A falta de controle dos impulsos se manifesta em decisões precipitadas, brincadeiras bobas e alterações rápidas de humor: agem sem pensar. No entanto, muitas dessas crianças e jovens por vezes se comportam de modo perfeitamente normal em situações novas, principalmente se tiverem pouca duração e envolverem contato direto com pessoas agradáveis.

Silveira tinha muitos desafios a serem compreendidos por ele e pela equipe da instituição.

5.8 Caso 29: Ciro, o medo do abandono

Ciro ingressou na instituição no ano de 2004, na 4ª série do ensino fundamental com 10 anos de idade. Dizia não querer ficar na instituição, tinha medo que a mãe o abandona-se. Os pais estavam separados há muito tempo, moravam em casas separadas, mas situadas no mesmo terreno. O pai costumava dizer para Ciro que sua mãe o matricularia nessa instituição para poder ter seus namorados e não se preocupar com ele.

A mãe relatou que sua gestação e o parto foram difíceis. A amamentação se deu ao longo dos primeiros nove meses e que o desenvolvimento da marcha foi normal. No entanto, o desenvolvimento da fala sempre apresentou dificuldades, alteração no sono, com ocorrência de apnéia e renite constante.

Ciro foi se adaptando de forma gradual ao Pão dos Pobres, foi encaminhado para uma avaliação e acompanhamento com a fonoaudióloga, avaliação pedagógica e psicológica.

O resultado das avaliações concluiu que Ciro apresentava um Retardo Mental Leve (CID F 70), que está caracterizado da seguinte forma pela Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10, ano 1993:

Pessoas levemente retardadas adquirem linguagem com algum atraso, mas a maioria atinge a capacidade de usar a fala para finalidades cotidianas, para manter conversações. A maioria delas consegue total independência em cuidados próprios, e em habilidades práticas e domésticas, mesmo que o ritmo seja considerado mais lento que o normal. As principais dificuldades são usualmente vistas no trabalho escolar acadêmico e muitos problemas de leitura e escrita. Podem ser grandemente auxiliadas pela educação planejada para desenvolver suas habilidades e compensar seus prejuízos.

Ciro tem conseguido progredir na escola acadêmica, com ajuda pedagógica e seu desenvolvimento como adolescente transcorre normalmente.

5.9 Caso 32 e 33: Os irmãos Moraes e a difícil acolhida

Os irmãos Moraes ingressaram no Pão dos Pobres em 2005, o mais novo com nove anos na 4ª série e o mais velho com onze, na 5ª série do ensino fundamental. Os pais estão separados desde que os meninos tinham três e cinco anos respectivamente. A busca por uma vaga na instituição para esses meninos se devia a grave situação financeira vivida pela família, ao alcoolismo severo da mãe e do pai. Com a separação dos pais, o filho mais velho ficou morando com os avós paternos, já o mais novo permaneceu na companhia de sua mãe. O processo de acolhida desses meninos na instituição provocou momentos difíceis, que oscilavam entre morarem nas ruas de Porto Alegre e permanecem sob a proteção que um determinado abrigo pudesse oferecer-lhes.

A adaptação dos meninos à rotina da instituição e sua convivência com outros meninos que ali moram durante a semana, transcorreu dentro do esperado.

Cada criança ou adolescente que se matricula nessa instituição teve, tem e terá o desafio de aprender a conviver com o medo. Cada um traz consigo uma grande incerteza, qual será o real propósito da família ao tomar essa decisão? É, de fato, um ato de amor como a maioria das famílias costuma dizer? Ou será apenas a concretização do rompimento definitivo de vínculos por si mesmos já tão efêmeros? Além disso, aprender a ter coragem para suplantar o encontro de muitas angústias, medos e incertezas, já que é um espaço habitado por muitos outros meninos.

No primeiro semestre desse ano dois fatos merecem registro. O primeiro foi a febre alta que acometeu o mais novo num determinado dia da semana. Ele se agitava muito na cama e, por vezes, levantava muito assustado. Quando melhorou, conversamos sobre como estava sendo para ele estar ali, sua passagem no abrigo e os dias e as noites na rua com a mãe.

Falou que ficava assustado, mas que o abrigo era um pouco melhor. Infiro que esta febre além de representar uma defesa do organismo frente a alguma infecção, parecia ser uma febre que denunciava as constantes mudanças nos referenciais de proteção e abrigo. Mas, talvez o mais importante fosse que na atual

situação, a mãe representaria uma grande ausência para ele. E essa indiferença materna o fazia experimentar uma imensa insegurança.

Outro fato trágico foi o falecimento do pai numa briga de rua, em função do tráfico de drogas. A morte foi violenta e os meninos foram avisados pela mãe. Eles foram ao enterro e quando retornaram para a instituição, relataram para os colegas que o pai era piloto de avião e que o avião havia caído e o pai morreria no acidente.

Nossa luta, a partir desse fato, foi pelo tratamento do alcoolismo da mãe, ela precisava aderir a algum tratamento. Ao mesmo tempo a assistente social, Maria Aparecida, fazia os procedimentos necessários para o desligamento dessa mãe e de seu filho da medida de abrigo, já que o menino passava a semana no Pão dos Pobres e a mãe tinha conseguido uma casa para morar com os filhos.

O tratamento ambulatorial da mãe teve início. Ela estava conseguindo trabalhar como diarista e decidiu que o filho mais velho também deveria morar com ela. No entanto, os primeiros meses dessas mudanças foram bastante confusos, muitas brigas e inúmeras recaídas para o consumo abusivo de álcool.

Os irmãos, por vezes, pareciam não ter nenhum grau de parentesco, participavam da rotina da instituição de forma independente, levavam vidas bem separadas. E só se uniam para xingar a mãe por causa do alcoolismo, mas estavam se adaptando à nova realidade que o Pão dos Pobres lhes podia oferecer.

Em maio do ano de 2006 a mãe dos meninos foi internada no hospital com diagnóstico de Tuberculose. A assistente social e uma senhora que havia apadrinhado¹² os meninos passaram a levá-los para visitar a mãe no Hospital. Em agosto desse ano ela faleceu.

5.10 Caso 35: Francis, fluidez nas águas que fazem correr o rio da vida

Francis ingressou no Pão dos Pobres no ano de 2006, na 3ª série do ensino fundamental, através de pedido feito pela instituição Famílias Acolhedoras, que é um programa que busca propiciar às crianças vítimas de abusos, maus-tratos e

¹² É uma iniciativa do Pão dos Pobres que consiste em que qualquer pessoa ou família possa ajudar com material escolar ou roupa qualquer dos meninos que estão na instituição. Não é um apadrinhamento afetivo, envolvendo os membros da família doadora e o jovem do Pão dos Pobres.

exploração, um ambiente favorável ao seu desenvolvimento físico e psíquico, enquanto a família da criança estiver temporariamente impossibilitada de fazê-lo.

Quem veio para a entrevista inicial foi a assistente social e o psicólogo do abrigo, diziam que uma vaga no Pão dos Pobres se fazia necessário pelos seguintes motivos: boa escola e convívio com crianças de sua idade. Já a preocupação dos profissionais do Pão dos Pobres, era de que esse menino, mais uma vez, estaria em processo transitório entre as seguintes instituições: a família que havia perdido a guarda transitória, já que a mãe havia morrido em 2005 por complicações advindas do HIV, o pai era ignorado, os parentes não queriam assumir a responsabilidade pela criação e formação dele, do abrigo que buscava uma família substituta, e que sem sucesso já registrava duas tentativas em famílias diferentes. E agora seria a vez do Pão dos Pobres. Quem seria o cuidador responsável por Francis? Com quem o Pão dos Pobres faria parceria na formação desse menino?

Os técnicos da instituição Famílias Acolhedoras, convenceram-nos que, para aquele momento, a melhor opção seria o ingresso de Francis em nossa instituição, e comprometeram-se a comparecer de forma regular e principalmente a vir buscar o menino todas as sextas feira no horário combinado.

Além disso, já existia uma família que vinha recebendo o menino nos finais de semana. Família que nos foi apresentada e com a qual estabelecemos algumas combinações.

Durante todo esse ano as combinações foram mantidas, no entanto, no ano seguinte as coisas mudaram bastante. Os técnicos que haviam participado da entrevista de ingresso do menino, não faziam mais parte da equipe de profissionais da instituição Famílias Acolhedoras, a família que vinha recebendo Francis nos fins de semana, havia desistido dele. E nós o que faríamos? Já que não temos como manter as crianças nos finais de semana dentro da instituição que é uma escola e não um abrigo com as atribuições definidas pelo ECA¹³.

¹³ Os artigos 92 a 94 do ECA estabelece as condições para as “entidades que desenvolvam programas de abrigo”. A principal delas é que “o dirigente de entidade de abrigo e equiparado ao guardião, para todos os efeitos de direito” (Art. 92, Parágrafo único). Portanto, essas instituições só poderão atender crianças e adolescentes mediante “decisão de internação” estabelecida pela Juizado da Infância e Juventude (Art. 94, inciso II e XV). A abrigagem é uma das “Medidas Específicas de

Os primeiros finais de semana de 2007 foram conturbados para Francis e para nós da instituição. Por três finais de semana não consecutivos, ao chegar sexta-feira, ninguém vinha buscar o menino no Pão dos Pobres. Os novos técnicos do Programa Família Acolhedora, julgavam que a família substituta, que eles haviam contatado buscariam Francis, no entanto, isso não ocorria. Endurecemos com os técnicos da instituição Família Acolhedora e com a suposta família, que dizia estar se preparando para ter o menino Francis como mais um membro dessa mesma família.

Ficávamos de certa forma encantados com a capacidade adaptativa de Francis, eram tantas as mudanças, parecia que as referências diluíam-se, entravam em processo constante de liquidez. E ele se mantinha inteiro, a si mesmo parece que não permitia que se fragmentasse. Sua capacidade de resistência parecia estar acima da capacidade das instituições intercambiá-lo entre elas.

No segundo semestre, a família substituta se organizou e passou a buscar e a se envolver com o processo educativo do menino. É um menino que consegue aprovação nas exigências acadêmicas da escola, e tem apresentado boa evolução dentro da instituição.

Infere-se que Francis, parecia ensinar a todos o que seria responsabilidade e compromisso com a educação.

5.11 Caso 36: Júnior, no esconderijo da dor

Júnior ingressou no Pão dos Pobres no ano de 2000, com onze anos de idade, na 5ª série do ensino fundamental. Porém sua adaptação não foi muito tranquila, era um menino bastante tímido e costumava ficar escondido embaixo das classes, ou qualquer outro lugar que o ocultasse. Foi encaminhado para o serviço de psicologia, para que pudéssemos compreender o seu funcionamento.

Júnior relatou muitas histórias, que envolviam sua irmã mais velha. Dizia que a mãe, por ter que trabalhar o dia inteiro, deixava-o com esta irmã, porém ela

tinha o costume de trancá-lo no armário, para poder levar os namorados para dentro de casa.

Júnior foi se adaptando à instituição, aderindo à rotina da casa e passou a integrar a equipe de meninos que ajudavam a arrumar a mesa para as refeições. Tarefa que ele considerou importante, deixando-o feliz, conforme palavras dele.

No ano de 2001, Júnior estava repetindo a 5ª série e demonstrava desinteresse pelos estudos. Foi quando a mãe, pessoa bastante presente no Pão dos Pobres, pediu que o filho fosse encaminhado novamente para o serviço de psicologia.

Resolvemos então fazer uma avaliação Psicodiagnóstica com o objetivo de avaliar se haviam algumas limitações cognitivas ou afetivas, próprias de um adolescente de treze anos incompletos que, agora, estariam se manifestando com toda a intensidade.

Júnior havia se tornado um garoto meigo e simpático. Demonstrava estar sempre com vontade para realizar as tarefas propostas pela psicóloga, embora ficasse visivelmente agitado e inseguro quanto à certeza de sua resposta na testagem.

Em entrevista com a mãe, a mesma relata que Júnior é filho único do segundo casamento, tendo duas irmãs mais velhas, fruto do primeiro casamento. Verônica teria 22 anos e mora com o noivo há mais ou menos dois anos e Deise tem 19 anos, mora com uma amiga desde o final do ano passado.

Júnior nasceu em Porto Alegre e, segundo a mãe, o parto foi normal, entretanto, ele teve insuficiência respiratória ao nascer e houve necessidade de ficar internado por aproximadamente oito dias no hospital. Sua mãe atribui este episódio ao fato de o médico acreditar que já era hora do parto, porém, ela diz tê-lo alertado de que a gestação estava de oito meses.

Até os três anos Júnior apresentou episódios de otite e três pneumonias, sendo sempre tratado em casa, visto que a mãe é, além de instrumentadora cirúrgica, auxiliar de enfermagem.

Quando bebê foi amamentado até os oito meses de idade e parou repentinamente de mamar, sendo que sua mãe não conseguiu relacionar nenhum fato a esse desmame tão repentino. Informa ainda que no mesmo período engatinhou e foi feito o controle esfinteriano. A mãe diz que treinou o menino

colocando-o no “peniquinho e dava-lhe uma revistinha (gibi) para que ficasse ali até que fizesse suas necessidades”.

Por volta de um ano de idade, sua mãe passou a estimulá-lo, colocando uma fita K-7 com palavrinhas, de modo que Júnior acelerasse o processo de aquisição da fala. Segundo ela o menino proferiu “as primeiras palavrinhas perfeitamente”, por volta de um ano e meio de idade. Nessa época Júnior era cuidado, durante o dia, por uma vizinha, mas como “estava sempre doente” – otite e pneumonia - sua mãe resolveu colocá-lo numa creche próxima, onde permaneceu até os três anos. Entretanto, sua mãe achou que Júnior ainda não estava bem cuidado e atribuiu às irmãs mais velhas, o cuidado do filho caçula, que permaneceu em casa até os seis anos, época em que ele ingressou numa escola municipal para fazer o pré-escolar.

A mãe disse que ele entrou na 1ª série sabendo ler, pois fora estimulado em casa. Sempre teve boa adaptação na escola, entretanto começou a apresentar-se distraído, relapso e agitado nas atividades escolares durante o curso da 4ª série, época que contava com dez anos de idade. Nesse período, Júnior estava sob a responsabilidade da irmã Verônica, a qual tinha o dever de levá-lo à escola e auxiliá-lo durante o período em que a mãe encontrava-se trabalhando.

Período considerado turbulento tanto pela mãe como pelo menino. Pois, a irmã havia se envolvido com uma “turminha da pesada”, passando a levar seus companheiros para casa, a fim de divertirem-se. Em contrapartida, Verônica não levava o irmão à escola como havia se comprometido com a mãe. Assim Júnior perdeu muitas aulas e só passou de ano porque a mãe reverteu a situação junto à escola.

Além disso, sua irmã o submetia situações humilhantes e o maltratava, isolando-o em um quarto o dia inteiro, a fim de que ele não visse o que ela e seus amigos estavam fazendo. Às vezes deitava Júnior no chão e pisoteava por cima, sendo comum dar-lhe surras com cinta ou agredi-lo com socos e pontapés.

Tal situação só teve fim, após Júnior ser conduzido ao médico por ter adoecido (gagueira, diarreia, vômito e dores abdominais) e ser constatado que seu problema era emocional. Deste modo, sua mãe passou a investigar melhor a situação, descobrindo a verdade e mandando sua filha Verônica embora de casa.

Então, sem ter quem cuidasse do menino, sua mãe resolveu colocá-lo no Pão dos Pobres em março de 2000, ano em que o menino fora reprovado na 5ª série.

É importante salientar, que a mãe do menino disse que ali na instituição ele poderia fazer amigos, já que ela não permitia que ele brincasse com outras crianças perto de sua casa, pois não queria que ele fosse para o mau caminho.

Na época da avaliação ficou constatado que o menino, além de passar toda semana na instituição, nos finais de semana, a mãe o obrigava a estudar o dia inteiro.

A mãe sempre demonstrou bastante resistência para aceitar mudanças em seu comportamento com relação ao filho. Uma conduta imensamente rígida, uma forma bastante agressiva e opressiva em relação ao filho. Além da baixa capacidade de compreensão.

O resultado da avaliação realizado com Júnior, na área cognitiva não apresentava nenhuma alteração que o impedisse de ter sucesso acadêmico, no entanto, as dificuldades apresentadas eram geradas por um grau elevado de ansiedade que inibia seu potencial.

Inferese que Júnior havia aprendido a ser passivo e submisso diante das figuras de autoridade, fato que, posteriormente, pode ser observada quando era maltratado pela irmã e mantinha uma conduta pouco eficaz - quase inerte - diante de tal situação. É como se não tivesse vontade própria, parece que não foi estimulado a posicionar-se, ao contrário, sempre teve sua vontade reprimida e anulada em função das expectativas da mãe. Podendo emergir sentimentos de culpa e raiva em Júnior, além de sentimentos de menos-valia que se refletiam na sua conduta passiva e dependente, mas, principalmente, na falta de confiança em seu potencial.

Não conseguindo expressar-se espontaneamente, ficando ansioso, manifestando agitação e distraibilidade nas situações que exijam desempenho ou nas quais houvesse um julgamento alheio o que, na maioria das vezes, interferia em seu rendimento escolar.

As experiências traumáticas desfavorecem o estabelecimento de um vínculo de confiança nas relações interpessoais, principalmente no que se refere àqueles indivíduos que possam remeter a figuras cuidadoras.

A instituição também teria essa função repressora? A nossa aliança seria com esta mãe que, em nome do cuidado, tiranizava esse menino? Seríamos os novos tiranos?

No ano de 2004, Júnior concluiu a 8ª série do ensino fundamental, além de estar cursando o curso profissionalizante. Ganhou do Pão dos Pobres uma bolsa integral de estudos, para cursar o ensino médio numa escola da rede lassalista.

No início de 2007, em entrevista com Júnior, ele relatou que estava bem na atual escola e que sua irmã, a que o maltratava, havia falecido durante o parto de seu sobrinho. E que agora essa criança seria cuidada por sua mãe.

6 COMO SUPORTAR/SUPERAR O ABANDONO DENTRO DE UMA INSTITUIÇÃO?

6.1 Abandono e instituição

No que se refere às práticas sociais de cuidados com a infância, a institucionalização tem sido uma “solução” controvertida segundo Guirado (1986). De um lado, há quase que um consenso sobre a sua inevitabilidade quando se trata do atendimento destinado às faixas da população para as quais não estão disponibilizadas as condições adequadas para que cuidem de seus filhos. De outro, há também um consenso sobre as eventuais consequências que podem advir para a criança institucionalizada, sobretudo em termos de afetividade.

Andrade (1982) sugere que “a criança abandonada deve encontrar na instituição um suporte, um apoio, um elemento de segurança de identidade e de inserção social ou aquisição da sociabilidade desejada”. Segundo essa concepção, a instituição, além de ser um instrumento de organização, regulação e controle social, precisa oferecer condições para o desenvolvimento de equilíbrio da personalidade. Embora esses aspectos sejam os objetivos propostos por estes locais, muitos autores observam que isto não ocorre na prática. Razão pela qual começaram a surgir pesquisas em psicologia sobre os efeitos da internação de crianças em instituições, inclusive sobre seus efeitos no nível do desenvolvimento afetivo, durante e depois da 2ª Guerra Mundial na Europa.

A prática de cuidado institucional em relação às crianças recebeu, a partir deste momento histórico, um grande impulso devido ao aumento do número de filhos que perderam seus pais ou sofreram as consequências da guerra. Com isso, as organizações mundiais de proteção à saúde começaram a financiar várias

pesquisas sobre as necessidades das crianças sem lar, constatando assim, os riscos institucionalização.

Winnicott (*apud* REY, 1994) é um dos primeiros autores que passa a explicar suas preocupações com relação às crianças que, pela situação da guerra, necessitam afastar-se do convívio familiar de origem. Para ele, a unidade familiar proporciona uma segurança indispensável à criança pequena. A ausência desta segurança terá efeitos sobre o desenvolvimento emocional e poderá acarretar danos à personalidade e ao caráter.

Bowlby afirma que

entre os acontecimentos científicos de maior alcance, no campo da psiquiatria, destaca-se a crescente e constante evidência de que, durante a sua infância, a natureza dos cuidados proporcionados pelos pais aos filhos são de fundamental significação para o futuro da saúde mental das crianças. (1960, p. 32).

A carência afetiva é o centro das preocupações desse psiquiatra, e a perda do contato íntimo e caloroso com a mãe constitui-se em um desvio na relação do apego.

Violante constata que “se o desejo materno representa o suporte de toda a dimensão identificatória, a falta e a inadequação do amor materno/substituto expropria a criança desse suporte” (1995, p. 45). Assim sua identificação mais profunda é com a posição feminina marcada pela interação e pela dependência de referências de si a serem providas pelo outro idealizado. A ausência do pai vem aprofundar o vazio de referências identificatórias e impedir a simbolização da função materna.

Seguindo a mesma linha de pensamento, a falta da figura masculina ampliaria a privação de um suporte continente, capaz de produzir eventuais danos às crianças em sua elaboração e assimilação da função paterna.

Bárbara Tizard (*apud* GUIRADO, 1986, p. 86) afirma que, mesmo em instituições com ótimas condições de estimulação física, sensorial, linguística e motora, as crianças acabam por apresentar uma “afetividade atípica”: seu contato com estranhos e sua sociabilidade em geral são diferentes daquelas crianças que vivem em lares. Tizard atribuiu este comportamento ao fato óbvio de que a instituição só pode oferecer um cuidado de “múltiplas mães/cuidadores”.

Godfard em uma observação de crianças que haviam passado os três primeiros anos em uma instituição em comparação com um grupo de crianças que não haviam tido esta experiência, tem uma conduta agressiva,

é sujeita a distrações, possuindo fraco controle. Não há formas normais de ansiedade e os laços afetivos são superficiais. (ALVIM E QUITELLA, *apud* BUENO, 1977, p. 22).

René A. Spitz é outro autor que se dedicou a estudar os efeitos da separação precoce da criança. Em sua obra “O Primeiro Ano de Vida” conseguiu unir o rigor metodológico experimental e a abordagem teórica psicanalítica, na descrição de como é constituída a relação objetal. Spitz vai definir seu objeto de investigação como a gênese das primeiras relações objetais, isto é, das relações entre mãe/cuidadora e filho.

Já de acordo com Guirado (1986) este autor se destaca dos demais sobretudo por ter pensado a questão da afetividade e da carência afetiva em termos de relação e de elementos inconscientes.

Outra concepção teórica importante a respeito do tema são as ideias da psicanalista Germaine Guex (1973), cuja formulação aborda a questão, desde a possibilidade de estruturação neurótica da personalidade, tendo como etiologia os sentimentos de abandono vivenciados na infância. Esta psicanalista chama a síndrome de abandono de “abandonnique”, termo francês que designa uma pessoa que se sente abandonada, ou que vive no terror do abandono. Constata que as repercussões psíquicas são idênticas, quer o indivíduo, na realidade, tenha sido frustrado dos cuidados, atenções e amor dos pais, quer tenha acreditado tê-lo sido.

Para Guex, a pessoa com sentimento de abandono, devido a sua própria insegurança afetiva e ao estado voracidade, consciente ou não, espera sempre mais dos outros, no que se relaciona aos sentimentos.

Estamos diante de indivíduos que permaneceram em um estágio primitivo, em que toda a força afetiva e instintual parece drenada num único sentido, dominada por uma única necessidade: assegurar o amor, e, através disto, manter a segurança. Daí a primazia da imagem materna, ou da imagem paterna “maternizada”, nos indivíduos de ambos os sexos. (GUEX, 1973, p. 19).

Ainda para essa autora, a síndrome do abandono manifesta-se através de reações afetivas variadas que marcam o caráter e o comportamento do paciente desde tenra idade. Constata que uma dessas reações, é que tais indivíduos podem se afirmar com uma violência particular todas as vezes que uma circunstância de vida vem reativar o sentimento de frustração e abandono. As manifestações apresentam características comuns: angústia, agressividade e falta de valor próprio.

Violante (1995) afirma que o sujeito desqualificado em seu narcisismo pela função materna, sobretudo na fase na qual seu Eu se constitui, tende a apresentar traços manifestadamente melancólicos como a baixa autoestima, ao lado de um baixo investimento da libido objetal, assim como, em alguns casos, um desinvestimento nas capacidades de pensar e de falar. No caso da criança, pode ser manifestado na ação do brincar e de querer crescer. Nesses sujeitos surge uma ambivalência em relação ao objeto perdido, a mãe, onde o pólo do ódio é negado, assim como a frustração também o é, e o amor enfatizado. Ou seja a mãe perdida é mais idealizada do que propriamente amada. O sujeito com potencialidades melancólicas nega o ódio ao objeto perdido, mas vivencia um auto-ódio, pelo fato de culpar-se perante a perda do amor do objeto. O objeto perdido, ao ser idealizado, torna-se exigente e, portanto, persecutório.

6.2 Pais e filhos e a construção de vínculos

Muitos teóricos em Psicologia do Desenvolvimento defenderam a idéia de que o desenvolvimento psicológico saudável da criança depende da presença materna e das experiências e vínculos desenvolvidos nos primeiros anos de vida. Os pressupostos de maternidade essencial e do papel determinante da experiência precoce uniram-se, segundo Kessen e colaboradores (*apud* RODRIGUES et al, 1996) para dar suporte a outro postulado da Psicologia da criança: que o desenvolvimento psíquico da criança está estritamente relacionado com a percepção que esta faz do papel da mãe, e de como a mãe assume tal função. Esta interação tem papel fundamental no desenvolvimento dos vínculos futuros da criança.

Esses autores informam que na década de 90, este ramo da psicologia procurou discutir e relativizar as influências no desenvolvimento da criança e do adolescente que vinham sendo atribuídas aos pais, à mãe e às experiências precoces. Estes autores procuraram demonstrar e explicar que, ao minimizar a importância da privação ou de falhas nessas relações objetais, a intenção estaria bastante comprometida com determinadas concepções sociais de maternidade, paternidade, família, etc.

Conforme Pincus e Dare (1981) a capacidade de quem cuida do bebê é de permitir que as suas necessidades sejam postergadas em função dos cuidados da

criança, ajudam-na a tornar-se uma pessoa capaz de prezar os outros. O fato de que as necessidades da criança são atendidas de forma mais ou menos acurada e em tempo mais ou menos hábil, ajuda o bebê a tornar-se confiante e razoavelmente otimista.

Segundo Soifer (1992, p.) “as possibilidades de desenvolvimento físico e psíquico da criança dependem exclusivamente das condições materiais e emocionais que lhes oferecem os seus familiares e, em especial, a mãe”. A total falta de defesa da pessoa humana ao nascer, o que perdura por longo período, atesta essa dependência. A simbiose fisiológica mãe-filho, descrita por Wallon, já tinha sido apontada por Freud em termos da necessidade que a criança tem de receber ajuda externa para realizar a ação específica de separação e individuação.

É conhecida a importância dada aos vínculos familiares, fonte de identificação infantil e de comparações. As perturbações produzidas na primeira infância colocam em jogo os elementos intuitivos da criança.

A relação da figura materna com o filho constitui-se na base da formação para personalidade do indivíduo. No decorrer da vida do ser humano, suas relações se modelam naquilo que foi mais significativo e determinante para o seu crescimento. Freud, citado por Bowlby (1982), afirmou que as raízes da nossa vida emocional mergulham na infância.

É inegável o papel fundamental dos protagonistas na vida da criança, principalmente no que se refere à figura materna. Coppolillo afirma que: “as qualidades da transação mãe-filho formam ao longo do desenvolvimento um modelo que vai dar forma a todos os relacionamentos humanos profundos.” (1990, p. 67). A mãe é que gera o filho e é responsável pelo seu desenvolvimento no início da vida.

Segundo Winnicott (1988), a saúde mental do indivíduo é construída desde o início pela mãe que é responsável pela criação do ambiente facilitador, ambiente que ele descreve como sendo aqueles nos quais os processos evolutivos e as interações naturais do bebê com o meio se desenvolveram de acordo com o legado hereditário do indivíduo.

Para o autor, em sua obra “A Família e o Desenvolvimento Individual” (1993), se a mãe não consegue oferecer um cuidado suficientemente bom e seguro para a criança, ela pode se tornar incapaz de viver uma vida pessoal e social; pois depois de um período inicial de proteção, é dever da mãe, aos poucos, ir abrindo um espaço maior para o mundo, no qual o pequeno irá se desenvolver.

O já citado Coppolillo (1990, p. 45) reflete sobre a complexidade e a sutileza da relação mãe-bebê, descrevendo a enorme importância dessa figura para o processo de reconhecimento do bebê enquanto ser único, capaz de amar e ser amado. A mãe proporciona ao filho o que o autor chama de “confiança básica”, para que ele possa estender as suas interações pela vida a fora. O autor ainda acrescenta que ao longo dos encontros mãe-bebê surgem frustrações, passando o bebê a entender que para os seus desejos e necessidades de origem interna serem gratificados, é preciso que ele se comprometa a viver de acordo com os princípios de realidade. Este conhecimento proporciona a introdução na vida do bebê da realidade, que lhe permite dominar melhor as frustrações inerentes a ela.

Erikson (1976) descreve sobre a boa qualidade das relações da mãe com seu filho principalmente na fase da separação, que instaura na criança um sentimento de identidade geral de confiança. Esse sentimento permite que, além de ela aprender a confiar na uniformidade e continuidade dos provedores externos, também possa confiar em si própria e na sua capacidade de fazer frente aos impulsos e anseios, transmitindo assim uma sensação de segurança. Portanto, a relação com a mãe permite que a criança crie uma sensação de segurança. Além disso, a relação da mãe que consiste numa boa assistência às necessidades do bebê, é permeada por sentimentos de identidade pessoal, forma a própria base da criança, instaurando um componente de sentido de identidade que mais tarde combinar-se-ão com os sentimentos de estar certo, de ser uma pessoa distinta e de se tornar o que as outras pessoas confiam que ele viria a ser.

Aberastury e Salas (1984) enfatizam que, além da relação mãe-filho, também merece importância a figura do pai desde os primeiros dias de vida do bebê, mais ainda desde o próprio momento da concepção. A psicanálise revelou que é fundamental para a vida da criança que seu nascimento tenha sido desejado. Sentir-se filho do pai é tão fundamental para o desenvolvimento do indivíduo como o próprio fato de sê-lo. A pesquisa desses autores também permitiu provar que, desde muito pequenos, os filhos percebem a realidade interna do pai, da mãe e de seus sentimentos frente a ele.

Corneau (1993) revela algumas implicações da ausência do pai no desenvolvimento infantil. Segundo ele, tanto a ausência psicológica quanto a física acarretam prejuízos aos filhos. A falta de atenção do pai traz como eventual consequência a impossibilidade de o filho identificar-se com ele para estabelecer a

própria identidade masculina; do mesmo modo, o filho não se sente suficientemente firme e confiante com a presença do pai, para que possa passar ao estágio adulto. A personalidade se constrói e se diferencia através de uma série de identificações.

A identificação é um processo psicológico pelo qual uma pessoa assimila um aspecto, uma prioridade, um atributo de outro e transforma-se total ou parcialmente a partir do modelo (LAPLANCHE & PONTALIS, 1995). No mesmo sentido, Corneau (1993) afirma que para chegar a ser idêntico a si mesmo, é preciso ter sido idêntico a outro; é preciso ter-se estruturado incorporado, imitado alguém. A primeira identificação para qualquer criança efetua-se em relação à mãe, entretanto, para tornar-se “homem”, o menino deve passar desta identificação primária com a mãe, para a identificação com o pai. O triângulo “pai-mãe-filho” deve poder formar-se e substituir a díade “mãe-filho”. A esse respeito Aberastury e Salas (1984) comentam que, devido à importância da figura do pai como fonte de identificação desde os primeiros momentos do desenvolvimento do indivíduo, é possível compreender então que um pai ausente e psicologicamente fraco ou incapaz de assumir a paternidade possa provocar no menino, um sério déficit em sua identidade genital. Os autores também referem que, embora a figura do pai seja fundamental ao longo de toda a vida do menino, há dois momentos em que esta figura adquire um destaque crucial, em que sua atuação é decisiva para que o menino possa resolver seus conflitos. Um momento é o da organização genital precoce entre os seis e os doze meses de idade, com a iniciação do triângulo edípico. O outro é a entrada na adolescência, quando a maturação genital obriga a criança a definir seu papel na procriação. Colocam ainda que a perda do vínculo exclusivo com a mãe e a necessidade de um terceiro que é a figura do pai, não importa se real ou substituto, determina uma nova primazia de necessidades na vida do menino. Mas, não é suficiente a presença do pai; é necessário também que ele encontre uma forma de comunicação adequada às necessidades de paternidade do filho que, se bem parecidas com às da maternidade, têm nuances diferentes. Também tem importância a união entre pai e mãe, que se oferecem ao filho, enquanto casal, como uma fonte de identificação genital e como primeira imagem social, de comunidade, que tem o indivíduo.

Bolwby revela que a ausência da relação materno-filial denomina-se “privação materna”, e segundo ele, esse termo é muito amplo, compreendendo várias situações, dentre as quais a “privação parcial” e “privação absoluta” (1960, p.

38). A privação parcial consiste em viver a criança com a mãe uma relação onde a representação do cuidado materno é desfavorável para a criança. Por outro lado, este autor fala da privação absoluta que é o estado quase absoluto de privação da presença materna, tão frequente em instituições, onde a criança não tem ninguém que a cuide de forma individualizada e com quem possa sentir-se segura.

Rutter (*apud* GUIRADO, 1986) discorre sobre determinadas situações que acarretam efeitos que se verificam somente mais tarde na vida do indivíduo, como por exemplo: os quadros de depressão que estão associados à hipótese da separação duradoura da mãe ou da figura de apego até os dois anos de idade.

Jersild (1981) acredita que a criança criada sem afeição leva uma vida árdua. Ainda pequena e fraca, não pode contar com a proteção e o auxílio de que necessita. Para a criança que não recebe amor, será difícil aprender a amar. Falta-lhe um exemplo de amor e de boa vontade que a auxilie a confiar nos outros. Não tendo recebido, aprende a não esperar afeição. Aprende a nada esperar, ou a esperar a dor da ausência.

O fluxo dos sentimentos de solidariedade, tão importantes nas relações sadias entre as pessoas, é interrompido. Sob um regime de rejeição e fracasso, será difícil para ela adquirir confiança no próprio valor. Se ninguém a estima, será difícil aprender a se estimar. (JERSILD, 1981, p. 152).

Bee (1996) salienta a importância dos modelos internos de experiência. Para ela, o efeito de certas experiências está na interpretação que o indivíduo faz delas, do significado que lhes atribui, e não nas prioridades objetivas das experiências.

As imagens internas constituem o sujeito e projetam as futuras relações afetivas, Greenberg e Mitchell (1994, p. 54) relatam que elas se constituem num “resíduo da mente”, de relações com pessoas importantes na vida do indivíduo. E que, de alguma forma, trocas cruciais com outros deixam suas marcas; elas são “internalizadas” e, assim, passam a formar atitudes subsequentes, reações, percepções, e assim por diante.

De acordo com Bowlby (1988) a variável principal no desenvolvimento da personalidade do indivíduo é o comportamento de apego, através da maneira pela qual as figuras parentais o tratam, não só durante o início de vida, mas também na infância e adolescência. O meio principal, pelo qual tais experiências influenciam o desenvolvimento da personalidade, é através de seus efeitos, de como o indivíduo

interpreta o mundo a sua volta e como espera que as pessoas a quem ela dirige apego se comportem; ambos são derivativos dos “modelos representacionais” de seus pais, que a criança formulou na infância.

6.3 Concluindo

Levando em consideração a revisão bibliográfica sobre o tema abandono, podemos inferir que a ausência ou anonimato de um dos genitores deixará um registro simbólico e uma marca psíquica.

À luz da psicanálise, os cuidados maternos e paternos só adquirem sentidos na estrutura psíquica da criança se vierem acompanhados de um lugar que o filho adquire na economia do desejo dos pais. É esse o princípio do investimento de afeto que deve dar suporte a toda relação parental. É por esse caminho que podemos refletir sobre a concepção de família, embora ela hoje ganhe novos contornos e diferentes configurações.

Sem a pretensão de amarrar a teoria aos casos relatados, mas sim com a intenção de propor conexões que nos ajudem a aproximar a história viva de cada relato, numa aproximação respeitosa já que é muito difícil mensurar sentimento e afetos, com o que os teóricos postulam. Entendo pertinentes os seguintes casos.

No caso 1, Gui, a figura paterna parece que é construída de forma simbólica pela mãe, quando, como descrevi no Quadro Resumo, “deu à luz aos pés da imagem de São João Batista La Salle”. A partir dessa simbolização paterna carregada de dramaticidade e abandono, a díade “mãe-Gui”, transformou-se na tríade “mãe-Gui-São João Batista”, um pai simbólico reconhecido pela cultura institucional como patrono (“pai”) do Instituto Religioso que mantém o Pão dos Pobres. O mesmo processo de simbolização da função paterna não ocorreu com o caso 3, Mário, que não conseguiu libertar o pai da prisão simbólica e precisou ser afastado da Instituição. No caso 13, Renan, a paternidade foi exercida pela mãe que, como descrevi, buscou “na justiça o reconhecimento da paternidade, pois o pai biológico negava-se fazê-lo”, nesse caso a Justiça exerceu essa paternidade em função do exercício do direito de cidadania da mãe. Em outros muitos casos, apesar da importância da relação mãe-filho, é possível perceber como os garotos conseguem superar suas frustrações. No caso 14, César, criado pela tia paterna de forma juridicamente reconhecida, conseguiu superar a ausência dramática do pai

que “fazia uso abusivo de álcool e cocaína” e da violência extrema que provocou a ausência da mãe por homicídio. O adolescente, com essa carga traumática, consegue concluir o ensino fundamental e realiza o curso profissionalizante com sucesso, talvez porque tenha estabelecido uma relação afetiva “com uma moça, que conheceu no mesmo local”. O vínculo afetivo e empregatício na forma de uma quota na condição de aluno aprendiz, permitiu que desenvolvesse “algumas mudanças que percebíamos no seu dia a dia”.

7 CONCLUSÃO

É com a amorosidade ensinada por Freire, que tentei me colocar nessa pesquisa realizada na Fundação Pão dos Pobres de Santo Antônio. Com a amorosidade comprometida com cada criança atendida e suas respectivas famílias, que ali vão buscar proteção e abrigo.

Assim como o menino Paulo Freire, aos onze anos perguntava o que ele poderia fazer para o mundo ser menos feio. Um mundo onde, ninguém precisasse sentir o estômago “mordendo a si próprio” (FREIRE, 2006, p. 36.) por não ter o que comer. Eu me perguntei após dez anos que acompanhei o trabalho educativo dessa instituição, como o serviço de psicologia deveria desenvolver sua escuta? A opção metodológica com a qual decidi iniciar meu aprendizado começaria com a escuta das famílias que ali vinham buscar amparo e proteção para suas crianças. Desse modo, iniciei meus registros e comecei a aprender com cada uma delas e seus respectivos sonhos.

Queria saber como minimizar a dor provocada pelo afastamento dessas crianças e adolescentes de suas casas e o aprendizado que teriam que enfrentar na busca pela adaptação e pela melhor convivência dentro dessa instituição centenária, conceituada por muitos setores da sociedade porto alegreense, mas também objeto de inúmeras fantasias criadas e recriadas por um sistema educativo denominado de internato e posteriormente semi-internato.

Que tipo de inserção ocorreria com essas crianças? De submissão? Ou de conscientização? Uma mistura das duas? Em que medida? Ou seria ainda algum outro sentimento ou sentimentos?

Lembrando novamente Freire, qualquer sistema político não teme o pobre que tem fome, mas teme o pobre que sabe pensar. Nesse sentido de que forma a instituição ajudava a essas famílias e seus respectivos filhos a lerem o mundo? Eu

também precisaria aprender a ler e, para isso, seria necessário não ficar aprisionada nas inúmeras leituras sobre as instituições fechadas tão bem descritas por tantos autores, como Goffman (1996), Foucault (2005) e outros. A violência física e moral que ocorrem nas instituições fechadas capazes de silenciar corpos e capturar identidades, se faziam presentes na instituição pesquisada? De que forma? Quem estaria silenciando essas crianças e suas famílias? A pedagogia opressora da instituição ou a falta de uma rede de apoio a essas famílias em suas comunidades?

Sabemos que, ao longo da sua história, foram várias as tentativas que a sociedade organizada brasileira experimentou para encontrar um caminho de proteção às crianças e aos adolescentes, foco principal para as políticas públicas de atendimento social e educacional às classe populares em situação de vulnerabilidade econômica e afetiva. Muitas dessas tentativas estiveram e estão marcadas pelo pensamento focado numa pedagogia assistencial e de correção do comportamento que elegiam os castigos corporais e morais como recurso de uma pedagogia muito mal compreendida e aplicada.

No entanto, a análise desses programas e tentativas do Brasil que se apresentaram ao longo da história, embora constituíssem diretrizes claras e de “boa” intencionalidade, no exercício de suas práticas, permite visualizar as limitações tanto na proteção do “menor” quanto no apoio às famílias carentes para que tivessem condições de dar dignidade aos seus membros.

É bom lembrar que até 1900, o atendimento as necessidade sociais da população brasileira era de responsabilidade da Igreja, que o fazia por meio das Santas Casas de Misericórdia e outras instituições menores. O Estado se ausentava nesse sentido. Em 1922 começa a funcionar, no Rio de Janeiro, o primeiro estabelecimento público para atendimento a crianças e adolescentes. E em 1942 foi criado o Serviço de Assistência ao Menor (SAM), ligado ao Ministério da Justiça, que era equivalente ao Sistema Penitenciário para a população de menor idade. Nem a LBA (Legião Brasileira de Assistência) – Legião Brasileira de apoio aos combates da II Guerra Mundial e suas famílias conseguia dar conta da dívida social que o Brasil tinha com suas crianças e adolescente em situação de vulnerabilidade social.

Foram muitos os anos de luta da sociedade para acabar com o SAM, em razão de práticas pedagógicas repressivas, onde o único objetivo era silenciar jovens que, por falta de políticas educacionais eficientes e universais, entravam em confronto com a sociedade.

Essa tradição se transforma quando, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) passa a dar primazia à proteção integral da criança e do adolescente, demarcando a responsabilidade da família, da comunidade e da sociedade brasileira diante dos mesmos.

No entanto essa legislação que definiu de forma clara o que é abrigo, não contemplou o tipo de abrigo e a forma da proteção social e educacional prestada pela Fundação Pão dos Pobres de Santo Antônio nos últimos 113 anos.

Os abrigos teriam a função de oferecer à família serviços e medidas preventivas, quando esta se encontra impossibilitada de cumprir sua função. Já que a Constituição de 1988 responsabiliza simultaneamente a família, a sociedade e o Estado, para favorecer o progresso da proteção dos direitos da criança e dos adolescentes. O Estado brasileiro reconhece assim a família como grupo social primário e ambiente “natural” para o crescimento e bem estar de seus integrantes.

Se as crianças e os adolescentes passam a ter direito à convivência familiar (ECA, arts. 19 a 27), as instituições chamadas de orfanato ou de internamento exclusivo deixam de estar em consonância com Estatuto da Criança e do Adolescente. O atendimento e o serviço social oferecido pelo Pão dos Pobres, neste momento de transição entre a doutrina da situação irregular para a doutrina da proteção integral, acabou ficando simbolicamente também sem uma nomeação que garantisse a sua própria proteção e pudesse exercer de forma reconhecida a sua função institucional tão desejada por tantas famílias que é a paternidade.

Dentre os muitos caminhos que eu tentava percorrer e compreender dentro desta complexa rede humana, que constituía a Instituição, uma tornou-se bem forte dentro de mim: a escuta não poderia estar sustentada numa denúncia oportunista, vazia que por vezes tem seu único foco na própria filiação do profissional. E nem o papel omisso sustentado por mera submissão ou necessidade de controle e inserção no mercado de trabalho.

A minha escuta foi essencialmente dialógica comigo mesma, com as crianças e adolescentes com os quais conversei por muitas horas, com as famílias, e de forma aleatória com alguns educadores. Essa escuta, da mesma forma, não poderia esquecer a própria história pedagógica da instituição que nos últimos 113 anos se dedicou à educação e proteção de crianças órfãs desde a Revolução Federalista, quando amparou 15 viúvas e seus respectivos filhos.

Por isso decidi selecionar e reproduzir 50 relatos dos 250 casos que atendi e registrei em minhas fichas informais de trabalho psicológico. Os 50 casos que escolhi para sistematizar foram aqueles que me ajudaram a pensar e a refletir sobre o processo de atendimento sócio-educativo, mas não me permitem estabelecer ou concluir verdades absolutas. Levando em consideração a ética da presença humana no mundo de que não há nada acabado e completo. Pensei em cada uma das histórias relatadas como uma possibilidade amorosa em que a trama afetiva produzida era apenas uma forma de produzir proteção e não um determinismo diante do qual a instituição seria a única saída para a pretensa “salvação” das crianças e adolescentes ameaçados pela situação de risco social e pessoal.

Minha pesquisa, baseada na sistematização desses casos, aponta de forma muito explícita para a ausência da figura do pai, um abandono constante, que permeia desde a negação de conceder o direito de ter no registro de nascimento uma filiação completa, até pai que mora na própria comunidade, reconhece a paternidade legal, mas esgarça as relações de vínculo afetivo da família.

Os relatos apontam para a presença predominantemente da figura feminina: são mães, avós, tias, madrinhas, irmãs que tentam superar a própria dor do abandono sonhando com um futuro de proteção para seus meninos/homens, mesmo que elas tenham que novamente se sintam separadas dessas figuras masculinas. E outras mulheres que, se pudessem, deixariam esses meninos na porta da instituição, reeditando a Roda dos Expostos do século XVIII.

O pedido constante dessas mulheres chefes de família é de proteção dupla, para elas que precisam trabalhar para manter as condições mínimas de sobrevivência, algumas sonham em voltar a estudar e até encontrar novos companheiros. E para os filhos que precisam de educação básica, profissionalização e proteção, e isso a instituição pode oferecer.

Cada uma dessas mulheres ao conseguir matricular seu menino ou meninos na instituição, expressa certa ambivalência entre a segurança da instituição e a insegurança da sua criança. De um lado, a tranquilidade de a partir daquele momento ter uma parceria institucional e humana na condução da educação desses meninos, aqui poderíamos inferir que a instituição assumiria o papel de pai. É bom lembrar que muitas dessas mulheres ao serem entrevistadas relatam a ausência ou negligência da mesma figura em suas infâncias. De outro lado, a preocupação dessas mulheres sobre como será a adaptação de suas crianças numa casa que

abriga em média 200 crianças e adolescentes e que segue uma rotina baseada na disciplina e na religiosidade cristã católica, conforme possibilita a LDB, art. 20, inciso III, embora respeite todos os credos. No entanto, nessa ambivalência de seus afetos, o que prevalece é o desejo de proteger seus meninos da rede do tráfico instalado nas comunidades, e a convicção de que precisam de uma terceira pessoa que as ajude a inserir esses jovens na função simbólica – PATERNA – LEI.

Uma das frases mais usadas por essas mulheres e repetidas pelos meninos em todas as entrevistas realizadas, era de que: “Minha família diz que vou sair daqui um homem, com estudo e profissão.”

O relato dos casos tem a intenção de descrever o impacto afetivo de cada criança e adolescente no ingresso, no processo de adaptação e de desligamento da instituição. Por evidente, se trata de uma tentativa de descrição porque esse impacto afetivo é de tal intimidade e intensidade que não há instrumento científico capaz de capturá-lo em toda a sua complexidade e profundidade humana. Trata-se de uma descrição que visa a aproximar nossa compreensão pedagógica desse mencionado processo. O ingresso desses jovens, apesar de estar apoiado no desejo da família por garantir-lhes a proteção, para eles é um momento de apreensão existencial. Que poderia encontrar sua justificativa na mudança de rotina, no convívio com outros meninos, que passam a conhecer a partir daquele momento. O que implica em ter que marcar novamente sua filiação, num ambiente essencialmente masculino é fundamental delimitar espaço, conquistar lugar, é ter que se fazer reconhecido pelo outro, demarcando os limite e posição no grupo.

Levando em consideração que a instituição assume o papel de pai, à luz do desejo dessas mulheres que chefiam essas famílias, os meninos também terão de reconhecer essa nova nomeação. Processo difícil já que a maioria tem a orfandade de pai vivo, que já conheceram alguns padrastos. É nessa sobreposição de papéis que eles ainda terão de encontrar a função paterna que os oriente para vida.

Diante da intensidade dos problemas que essas crianças enfrentam e superam, conforme insinuam os relatos, acredito que o leitor e eu mesmo possamos ter a consciência de que são apenas fragmentos de histórias de vidas, que estão em pleno processo de construção, que as marcas afetivas, cognitivas, espirituais, psíquicas, sociais, culturais oriundas da instituição só poderão ser reconhecidas e traduzidas pelos próprios meninos no transcorrer do tempo e da construção de suas próprias sabedorias de vida.

Nesta complexa relação entre a escuta profissional afetiva a que me coloco, tenho tido a impressão que esses jovens - apesar de estarem durante toda uma semana longe de suas famílias – ajudam a diminuir a estatística que aponta para o número de crianças circulando nas ruas das cidades brasileiras.

Por outro lado, essa pesquisa está concluída em sua dimensão acadêmica formal, mas permanece como processo de construção do conhecimento necessário ao trabalho psicológico e sócio-educativo da Fundação Pão dos Pobres de Santo Antônio. Essa Fundação, da qual sou, neste momento coordenadora, ora empreende um esforço institucional de se colocar o mais próximo possível da Lei nº 8069, de 13 de julho 1990 e, ao mesmo tempo em consonância com o espírito dessa própria lei, com os anseios pessoais e as necessidades educacionais de seus alunos residentes, vem reformulando o espaço físico e as modalidades de ingresso. A criança ou adolescente só permanece para pernoite em casos em que a equipe técnica constituída por psicóloga, assistente social, a própria criança e a família entenderem como pertinente. Outra mudança é com relação ao tempo de permanência onde o foco era a criança, e estava ligado ao período acadêmico do ensino fundamental e profissionalizante, passa a ser a família e sua emancipação. A permanência de cada criança e adolescente na instituição está diretamente ligada à necessidade da família. Na medida em que as famílias vão se estruturando, seus filhos vão retornando ao convívio integral da família e comunidade a que pertencem. Entendo que desde sua fundação a instituição procurou dar amparo às famílias, no entanto, a forma encontrada era de cuidar da educação das crianças e adolescentes. Hoje ela continua se propondo a dar uma educação protegida, porém, o foco é que a família se emancipe. Para isso, as famílias necessitam de uma rede apoio articulada por políticas públicas capazes e eficientes para garantir a educação de seus filhos em suas comunidades.

Compreendo que minha pesquisa teve a intenção de descrever um pouco do que acontece nessa instituição secular, mas precisamente nos últimos 9 anos. Tentei fazê-lo com paciência para registrar tudo o que me fosse possível e respeito pela individualidade humana de cada caso. O serviço que o Pão dos Pobres presta às pessoas que lhe empresta o nome, certamente não é a única forma de proteção aos pobres, mas sem dúvida, para muitos pobres a instituição desempenhou o papel protetivo durante anos, provavelmente porque as famílias, sentindo-se desprotegidas de apoio público e inseridas em pobreza afetiva e econômica,

entenderam a instituição como o caminho mais protegido que Porto Alegre podia lhes oferecer. Algumas delas não conseguiram e caíram no meio do caminho. Muitas ou quase todas elas conseguiram trilhar com êxito esse caminho até o fim, até onde ele pode levá-las.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda e colaboradores. **Adolescência**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

ABERASTURY, Arminda; SALAS, Eduardo J. **A paternidade um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984

ALBINO FILHO, Raul; COELHO JUNIOR, Nelson; ROSA, Miriam (Organizadores). **Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise**. Porto Alegre: Casa do Psicólogo, 2000.

ALVES, Rubem; OLIVEIRA, CASTRO, Raíssa. **Se eu pudesse viver minha vida novamente**. Campinas, SP: Verus, 2004.

ANDRADE, Inúbia. **O cuidado ao menor abandonado institucionalizado**. Psico, Porto Alegre. v.4. n.1. p. 49-69, 1982

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AZEVEDO, Joanir Gomes de. **Fazer com paixão sem perder a razão: cotidiano escola e sociedade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BEE, Helen. **A Criança em Desenvolvimento**. 7 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BECKER, Howard, S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2. ed. Editora HUCITEC: São Paulo, 1994.

BOLWBY, John. **Crianças Carentiadas**. São Paulo: Martins Fontes, 1960

_____. **Cuidados Maternos e Saúde Mental**. São Paulo: Martins Fontes, 1988

_____. **Formação e rompimento dos laços Afetivos**. São Paulo; Martins , 1982

_____. **Uma Base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **A Escola Popular na Escola Cidadã** . Petrópolis: Vozes, 2002.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**. A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BRASIL. **Lei Federal nº 8069/1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente.

BUENO, Marlise. **Manifestação do comportamento agressivo em crianças abandonadas na primeira infância**. Porto Alegre: Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia, PUCRS, 1977

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças; NASCIMENTO, Maria Livia. A Instituição “Meninos de Rua” e alguns de seus efeitos. In: **Trabalho de Pesquisa e Extensão** desenvolvido pelo Laboratório de Subjetividade e Política, 1993.

COPPOLILLO, H. **Psicoterapia Psicodinâmica de crianças**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

CORNEAU, Guy. **Pai ausente filho carente**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense , 1993

CUNHA, J.; NUNES, M. **Teste das fábulas: forma verbal e pictória**. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia, 1993

DEMO, Pedro. **Educação pelo Averso: Assistência como direito e como Problema**. 2. ed. São Paulo: editora Cortez, 2004.

ERIKSON, E. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976

FERREIRA, Tânia. **Os Meninos e a Rua**. Uma interpelação à Psicanálise. Belo Horizonte: Autentica. FUMEC, 2001.

FILHO, Raul Albino Pacheco. JUNIOR, Nelson Coelho. ROSA, Mirian Debiex (Orgs.). **Ciência, Pesquisa, representação e Realidade em Psicanálise**. Casa do Psicólogo EDUC, 2000.

FISCHER, Nilton Bueno. MOLL, Jaqueline (Orgs.). **Por uma nova Esfera Pública: A experiência do Orçamento participativo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 7. ed. São Paulo: Forence Universitária, 2005.

_____. **Vigiar e Punir**. 30.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. 2ª edição . Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo; SCHOR, Ira. **Medo e Ousadia: O cotidiano do Professor**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALLI, Tania Mara. KIRST, Patrícia Gomes (orgs.). **Cartografias e Devires: A Construção do Presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GREENBERG, Jay R., MITCHELL, Stephen A. **Relações Objetais na Teoria Psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GUEX, Germaine. **A síndrome do abandono**. Rio de Janeiro: Record, 1973.

GUIRADO, Marlene. **Instituição e Relações afetivas** – o vínculo com o abandono. São Paulo: Summus, 1986.

HOLANDA, Sergio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Schwarcz, 2005.

HUNGEMÜLLE, .Edgard. **La Salle: Uma leitura de leituras**. O padroeiro dos professores na história da educação. 1997. Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

JERSILD, Arthur. **Psicologia da criança**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a Educação: O Mestre do Impossível**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1992.

LAPLANCHE, J. **Problemáticas i. A Angústia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEITE, Ligia Costa. **Meninos de Rua: A Infância Excluída no Brasil**. Editora atual. Espaço e Debate, 2001.

MAHLER, Margaret. **O Processo de Separação - Individuação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIR, Luís. **Guerra Civil: Estado e Trauma**. São Paulo: Geração, 2004.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Educação. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p 7 – 31, mar.1999

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

NIETZSCHE, F. W. Genealogia da moral: uma polêmica. São Paulo: Cia das Letras. 2005.

PARMAGNANI, José. **O Pão dos Pobres de Santo Antônio: A solução de um problema social**. Porto Alegre: Pão dos Pobres, 1978.

PAULY, Evaldo Luis. **Ética, Educação e Cidadania: Questões de fundamentação teológica e filosófica da ética da educação.** São Leopoldo: Sinodal, 2002.

PEREIRA, Edna das graças Martins. Pedro a Caminho da Escola Cuidadora. **Revista de educação ciência e cultura.** v. 12/n.2/jul/dez. 2007. Unilasalle.

PETRIBU, Kátia. Comorbidade no transtorno obsessivo-compulsivo. **Revista Brasileira de Psiquiatria.** Out 2001, vol.23, supl.2, p.17-20.

PINCUS, L; DARE, C. **Psicodinâmica da família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1981

RAGO, Margareth. **Políticas da (IN)Diferença: Individualismo e Esfera Pública na Sociedade Contemporânea.** Palestra realizada no ICHF/UFF. Rio de Janeiro, agosto 1993.

REY, Siloé. **Criança em abandono: A Hipótese do Complexo de Édipo.** Porto Alegre: Dissertação – Instituto de Psicologia , PUCRS, 1994.

RODRIGUES, M; LIMA, E; CALHAU, M. Condições **essenciais ao desenvolvimento infantil: as concepções dos professores da pré-escola.** Psicologia Reflexão e Crítica, Porto Alegre. v.9, n. 2, p.403-414, 1996

SARNOFF, C. **Estratégias psicoterapêuticas nos anos latência.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

SEGAL, Hanna. **Introdução à obra de Melanie Klein.** Rio de Janeiro: Imago, 1975

SOIFER, Raquel. **Psiquiatria infantil operativa.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

SPITZ, René A. **O primeiro ano de vida.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SULLIVAN, Edmund O. **Aprendizagem transformadora: Uma visão educacional para o século XXI.** Instituto Paulo Freire. Cortez, 1999.

TYSON, Phillis; TYSON, Robert L. **Teorias Psicanalíticas do desenvolvimento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993

VENÂNCIO. RENATO PINTO. Mensagens do Abandono. **Revista de História da Biblioteca Nacional** Ano 1 / nº 4/outubro 2005.

VIOLANTE, Maria Lucia V. **A criança Mal-Amada Petrópolis.** Rio de Janeiro: Vozes 1994.

WINNICOTT, D.W. **Privação e Delinqüência.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **O Brincar e a Realidade.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 1971.

_____. **A Família e o Desenvolvimento Individual.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler (Org.). **O futuro e a Ilusão**: Um embate com Freud sobre Psicanálise e Religião. Rio de Janeiro: Editora Vozes . Petrópolis 2003.

ZIMERMAN. DAVID .E. **Fundamentos Psicanalíticos**. Teoria, Técnica e clínica. Uma abordagem didática. Porto Alegre: Artes Médicas. 1999.

ANEXO A - IMAGENS QUE CONTAM A HISTÓRIA DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL

Organograma da Instituição



A CASA ano 2004



Celebração da Missa

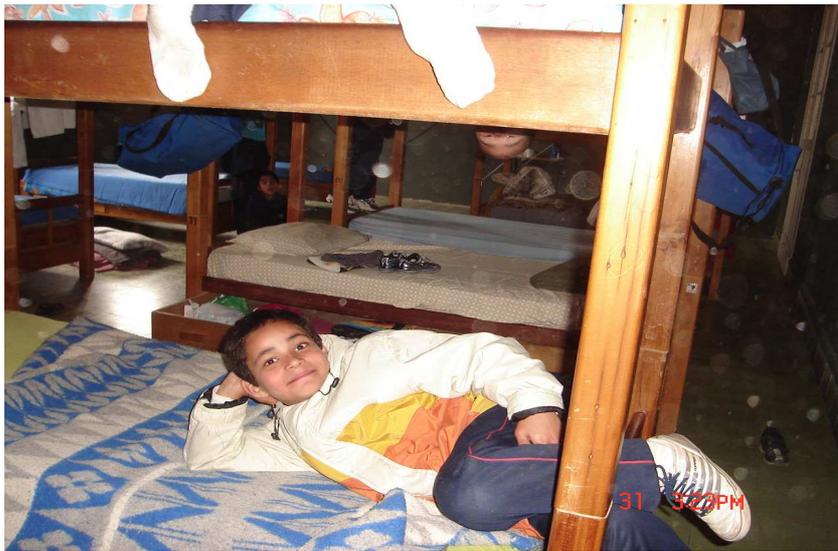


Recreação





Dormitórios



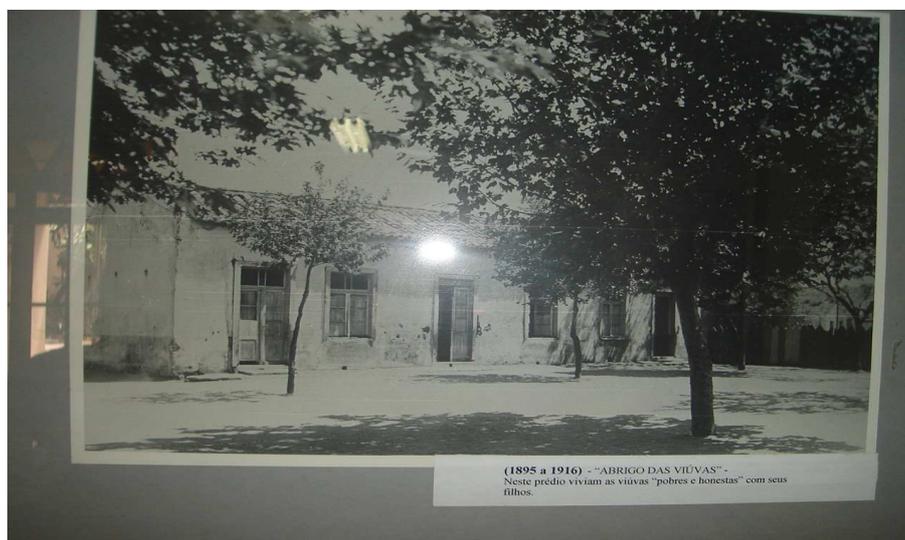
Laboratório de informática



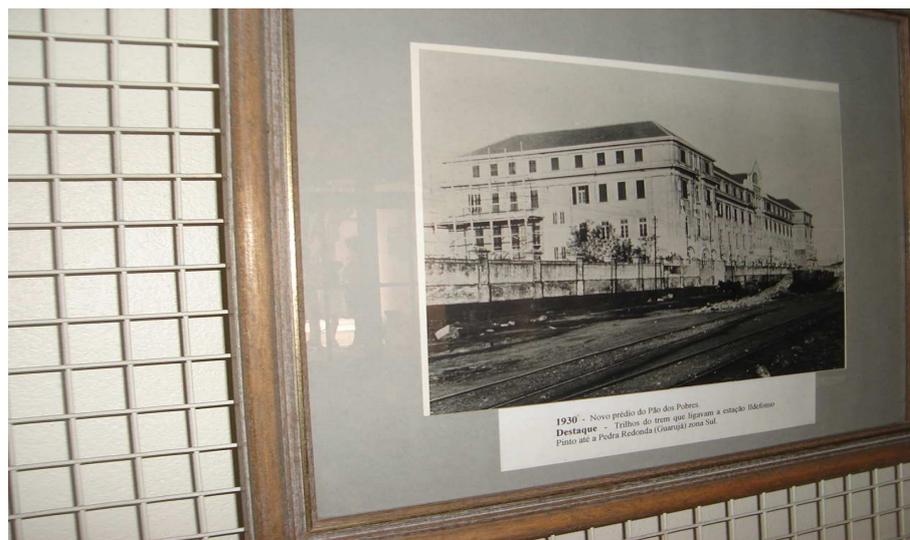
Refeitório dos meninos



Imagem da Instituição ano



1895 a 1916 “abrigo das viúvas” – Neste prédio viviam as “viúvas pobres e honestas” e seus filhos



O prédio praticamente concluído – Av. Borges de Medeiros



1925 a 1930 – novo prédio do Pão dos Pobres - Inauguração 13/06/1930



1895 – 1916 - Residência das viúvas

1916 – 1930 – Neste prédio funcionou o Orfanato Pão dos Pobres



Formandos - 1938



Formandos - 1941



Alunos internos - 1923



Turmas de; 1943, 1947, 1948 e 1956



Marcenaria



Alunos internos - 1923

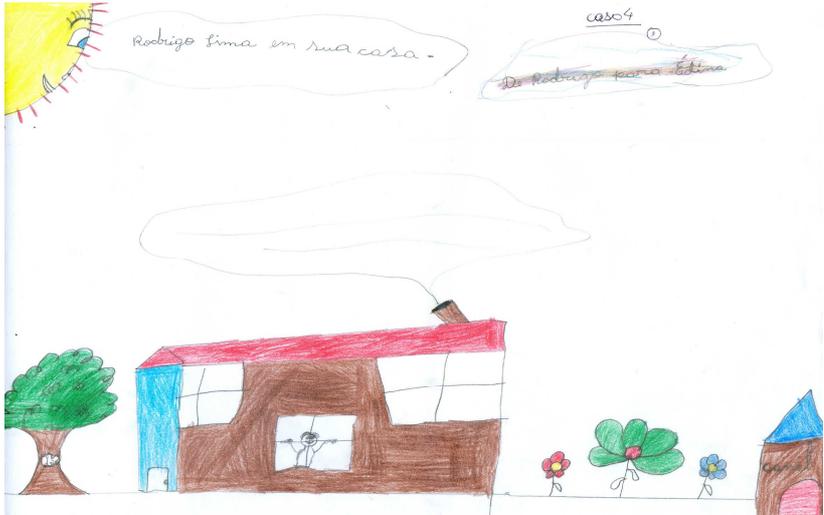
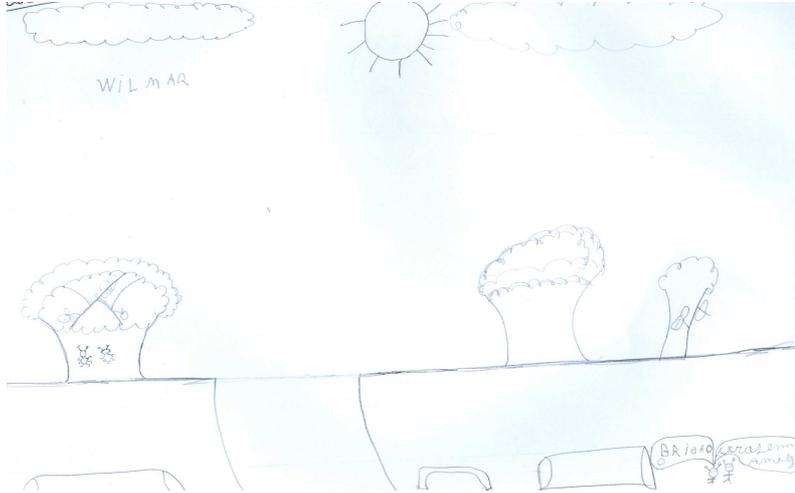


Tipografia



Escola Cônego Marcelino - 1936

ANEXO B - IMAGENS QUE GUARDAM SEGREDOS E CONSTROEM SUBJETIVIDADES



Ambrosio 30 Sete Data 12/12/10.
e eu não possuo

